UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ITINERÁRIOS DE ALUNAS DO INTERIOR PARA A CAPITAL: ENTRE O GRUPO ESCOLAR PADRE DANTAS, O GINÁSIO MAROINENSE E O ATHENEU SERGIPENSE (1956-1972)

MARÍLIA MARQUES CRUZ SILVA ACCIOLY

São Cristóvão/SE
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ITINERÁRIOS DE ALUNAS DO INTERIOR PARA A CAPITAL: ENTRE O GRUPO ESCOLAR PADRE DANTAS, O GINÁSIO MAROINENSE E O ATHENEU SERGIPENSE (1956-1972)

MARÍLIA MARQUES CRUZ SILVA ACCIOLY

Trabalho apresentado à banca de defesa de dissertação, sob orientação do Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira, da Universidade Federal de Sergipe, como requisito para obtenção do título de mestre.

Área de Concentração: Educação

Linha de Pesquisa: História da Educação

Orientador: Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira

São Cristóvão/SE
2025

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

A171i

Accioly, Marília Marques Cruz Silva
Itinerários de alunas do interior para a capital : entre o grupo Escolar Padre Dantas, o Ginásio Maroinese e o Atheneu Sergipense (1956-1972) / Marília Marques Cruz Silva Accioly ; orientador João Paulo Gama Oliveira. – São Cristóvão, SE, 2025.
140 f. : il.

Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2025.

1. Educação – História - Sergipe. 2. Cultura. 3. Estudantes do ensino de primeiro grau. 4. Estudantes de ensino ginasial. 5. Estudantes de ensino secundário. 6. Colégio Atheneu Sergipense 7. Grupo Escolar Padre Dantas - Maruim (SE). I. Oliveira, João Paulo Gama, orient. II. Título.

CDU 373.3/.5(813.7)(091)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

MARILIA MAROUES CRUZ SILVA ACCIOLY

"Itinerários de Alunas do Interior Para a Capital: Entre o Grupo Escolar Padre Dantas, o Ginásio Maroninese e o Atheneu Sergipense (1956-1972)"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe e aprovada pela Banca Examinadora.

Aprovada em 11.07.2025

Documento assinado digitalmente
gov.br
JOAO PAULO GAMA OLIVEIRA
Data: 16/07/2025 13:30:53-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. João Paulo Gama Oliveira (Orientador)
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Documento assinado digitalmente
gov.br
NORBERTO DALLABRIDA
Data: 16/07/2025 14:13:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Norberto Dallabrida
Programa de Pós-Graduação em Educação / UFS

Documento assinado digitalmente
gov.br
SIMONE PAIXAO RODRIGUES
Data: 17/07/2025 12:38:23-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof.ª Dr.ª Simone Paixão Rodrigues
Universidade Federal de Sergipe / UFS

Documento assinado digitalmente
gov.br
MAGNO FRANCISCO DE JESUS SANTOS
Data: 16/07/2025 17:31:33-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Prof. Dr. Magno Francisco de Jesus Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte / UFRN

SÃO CRISTÓVÃO (SE)
2025

Não escolhas os temas da tua investigação por catálogo ou por mera conveniência. Procura, dentro de ti, os problemas que te inquietam, aquilo que queres saber e compreender. A prática científica é sempre, de uma ou de outra maneira, um 'ajuste de contas' com a nossa vida. Se não encontrarmos aquilo que nos inquieta, as perguntas a que queremos responder, se não nos implicarmos por inteiro, jamais produziremos um trabalho com sentido para nós e para os outros.

(Antônio Nóvoa, 2015, p.24)

Dedico essa dissertação à minha avó materna, Julieta Marques Cruz, por ter permitido que minha mãe saísse de Maruim para cursar o científico, no Atheneu Sergipense, em Aracaju, mudando o rumo das gerações de mulheres que estavam por vir.

AGRADECIMENTOS

Passei esses quase 2 anos em que estou cursando o Mestrado repetindo essa frase: “as coisas só acontecem quando têm que acontecer”. Nada como a maturidade para nos fazer enxergar que, o que nos pertence, dará um jeito de nos encontrar, mesmo que a gente tente fugir.

Agradeço ao meu bom Deus e a Nossa Senhora Aparecida, pela oportunidade de realizar um dos meus maiores sonhos, no auge dos meus 44 anos, e aos espíritos de luz, pesquisadores, com certeza (rs), que estiveram ao meu lado nos achados das fontes históricas preciosas, descobertas ao longo desses 24 meses.

Aos meus pais, por sempre nos conduzirem no caminho do bem, da honestidade, da probidade, e por nunca medirem esforços para oferecer a mim e a meu irmão uma educação baseada em bons livros, boas músicas e bons preceitos. À minha mãe, em especial, a “culpada” por eu ser uma apaixonada por pesquisa, principalmente da nossa querida Maruim. Com ela aprendi a valorizar nossa história, nossas raízes, nossas memórias. Obrigada por tudo! Amo vocês!

À Marina, meu coração batendo fora do peito, minha força motriz que me impulsiona a ser melhor cada dia. Filha, espero que um dia você entenda minhas ausências no parquinho, no cinema, nos passeios... Essa titulação acadêmica é por nós e para nós. Te amo infinito e além.

A Romeu, meu amor, meu parceiro de vida, meu melhor amigo... obrigada por embarcar nessa comigo. Sem seu apoio, segurando a barra no dia a dia, eu não teria conseguido. Te amo!

A Dindinha, minha tia-madrinha-mãe, que faleceu um mês antes da minha qualificação, mas que viverá para sempre em meu coração. A tia Luiza, minha segunda mãe do coração, sempre atenciosa e preocupada com os pequenos detalhes. Agradeço a vocês duas por tanto zelo, por tanta doação, por tanto amor.

Ao meu irmão, Tom, e ao meu sobrinho, Arthur, o novo amor das nossas vidas, o nosso raio de sol, que nos enche de esperança por dias melhores.

À minha filha de quatro patas, Rominha, minha idosinha, minha companheira de estudos, principalmente nas madrugadas.

Aos meus afilhados: Melina, Aurora e Tales, por trazerem luz e leveza para a correria dos meus dias.

Ao meu orientador, Dr. João Paulo Gama Oliveira, que, acima de qualquer titulação acadêmica, é um ser humano incrível, sempre preocupado com todos a sua volta, e atento às diversas possibilidades de crescimento acadêmico e profissional dos seus orientandos. Obrigada pela parceria e partilha e por ser um instrumento de Deus para realização dos seus sonhos

alheios. Aproveito para estender meus agradecimentos à querida Roselusia, sempre atenciosa desde o primeiro (re)encontro.

À professora Eva, por sua generosidade, atenção e carinho, e, principalmente, por sua garra e persistência em idealizar e criar, para todos nós, pesquisadores e ex-alunos do Atheneu Sergipense, a preciosidade chamada CEMAS.

Aos membros da banca de avaliação: professores Dr. Magno Francisco de Jesus Santos, Dr. Norberto Dallabrida e Dra. Simone Paixão Rodrigues, pela disponibilidade, pelos apontamentos e observações atentas. Tê-los como examinadores e avaliadores engrandecem o meu trabalho. Gratidão!

Aos professores do Mestrado, em especial ao professor Dr. Joaquim da Conceição, pelas sugestões e leituras atenciosas.

Às minhas entrevistadas: Inácia, Lúcia, Raimunda e Neilde, que trouxeram vida para a minha dissertação. Sem vocês, esse projeto não teria se concretizado.

À Anne Emilie, por acreditar mais em mim do que eu mesma. Sem seu "empurrão", tudo isso aqui não existiria. Gratidão eterna!

À Jadi, por me lembrar que eu ainda posso realizar sonhos.

À Janyne Barbosa, pela amizade e parceria estreitadas ao longo desses dois anos. Obrigada pela escuta, pelo ombro amigo, por partilharmos alegrias e angústias nesse ciclo lindo que estamos vivendo.

Às amizades conquistadas ao longo do Mestrado e que levarei para toda a vida: Adriana, Alfredo, Angélica, Carla, Douglas, Emmerly, Érica, Fernando, Júlia, Luana, Patrícia, Paulo, Ruy, Thalya, Tuca, Valéria, Victória e Vitória Lídia.

A todos que fazem o grupo de pesquisa História da Educação: sujeitos, patrimônio e práticas educativas – HESCOLAR/UFS/CNPq, em especial às professoras Dra. Rosemeire Marcedo e Dra. Ana Márcia, pela atenção e carinho dispensados.

Aos funcionários do PPGED: Naide Santos e Guilherme Barbosa, por sempre nos recepcionarem com um sorriso no rosto e um cafezinho.

Aos funcionários do Arquivo Público do Estado de Sergipe – APES, da Biblioteca Pública Epiphânio Dórea – BPED, e do Acervo das Escolas Extintas da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe – SEED, pela paciência na busca das fontes solicitadas.

A Marcelo Maynard Nunes, ao professor Sandro Bomfim e a toda equipe da Tiradentes Innovation Center, por transformar minhas ideias "malucas" em realidade.

A Gladstone Moura Maia Filho, técnico em edificações da Companhia de Desenvolvimento Econômico de Sergipe - CODISE, pela confecção dos mapas.

À CAPES, pela bolsa durante o Mestrado, a qual me auxiliou nas viagens em busca de crescimento acadêmico e na aquisição de livros para fundamentação desse e de outros trabalhos.

A todos que estiveram comigo, nessa jornada, estendendo uma mão, um colo, oferecendo uma xícara de café, uma palavra de conforto. Obrigada!

RESUMO

A presente dissertação tem como objeto de estudo 4 alunas do Grupo Escolar Padre Dantas (GEPD), da cidade de Maruim/SE, que continuaram seus estudos no Ginásio Maroinense (GM) e no Atheneu Sergipense, instituição na qual cursaram o científico. O objetivo geral consiste em investigar os itinerários escolares de um grupo de discentes entre o primário e o secundário. Como o objeto principal desse estudo é o itinerário de um grupo de estudantes, estabeleceu-se como recorte temporal inicial 1956, ano em que a aluna Maria Inácia iniciou seus estudos no GEPD, e como marco final 1972, último ano a ser analisado, em razão da saída e conclusão do científico pela aluna do Atheneu Sergipense, Neilde Lemos. A busca pelas fontes deu-se em acervos particulares, no Arquivo Público do Estado de Sergipe – APES, na Biblioteca Pública Epiphânio Dórea – BPED, no Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS, no arquivo geral do Departamento de Inspeção Escolar da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe - SEED e no arquivo geral do Atheneu Sergipense. No âmbito do referencial teórico metodológico, discutiu-se com a perspectiva de "capital cultural", de Pierre Bourdieu, em diálogo com os estudos sobre "trânsfuga" de Norberto Dallabrida; de cultura material escolar, de Agustín Benito Escolano, somados aos trabalhos que tratam da memória, com Ecléa Bosi. O estudo põe em destaque os itinerários de quatro alunas sendo todas elas entrevistadas. Entrecruzando as fontes orais com as fontes localizadas como, por exemplo, fotografias de estudantes, legislações, documentos oficiais das escolas e das alunas, dentre outros, pode-se analisar as histórias de três instituições educativas do estado de Sergipe, tendo como base quatro alunas que pertenciam a famílias sem muitos recursos financeiros, mas que, por meio da mobilização de uma série de ações e sujeitos, conseguiram concluir o ensino primário e ginasial, em um município do interior do Estado, e, cursar a segunda etapa ensino do secundário na capital sergipana.

Palavras-chave: Grupo Escolar Padre Dantas. Ginásio Maroinense. Atheneu Sergipense. Cultura Material Escolar. Itinerários discentes.

ABSTRACT

This dissertation focuses on students from the Padre Dantas School Group, in the city of Maruim/SE, who continued their studies at the Maroinense Gymnasium and at the Atheneu Sergipense, an institution where they completed their scientific education. The general objective is to investigate the school pathways of a group of students between primary and secondary education. As the main object of this study is the journey of a group of students, the initial time frame was established as 1956, the year when student Maria Inácia began her studies at GEPD, and the final mark was set for 1972, the last year to be analyzed, due to the exit and completion of the scientific course by the student from Atheneu Sergipense, Neilde Lemos. The search for sources took place in private collections, at the Public Archive of the State of Sergipe - APES, at the Epiphânio Dórea Public Library - BPED, at the Education and Memory Center of the Atheneu Sergipense - CEMAS, at the general archive of the Department of School Inspection of the Secretary of State for Education of Sergipe - SEED, and at the general archive of the Atheneu Sergipense. In the context of the theoretical-methodological framework, the perspective of 'cultural capital' by Pierre Bourdieu was discussed, in dialogue with the studies on 'transfuga' by Norberto Dallabrida; of school material culture by Agustín Benito Escolano, along with works that deal with memory, with Ecléa Bosi. The study highlights the journeys of four students, all of whom were interviewed. By intertwining oral sources with located sources such as, for example, photographs of students, legislation, official documents from schools and students, among others, we were able to analyze the stories of three educational institutions in the state of Sergipe, based on four students from families with limited financial resources, who, through the mobilization of a series of actions and individuals, managed to complete primary and secondary school education in a municipality in the interior of the state and pursue the second stage of secondary education in the capital of Sergipe.

Keywords: Padre Dantas School Group. Maroinense Gymnasium. Atheneu Sergipense. School Material Culture. Student Pathways.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Discentes que frequentaram o GEPD, o Ginásio Maroinense e o Atheneu Sergipense (1956-1972)

Quadro 2: Aparelhamento Escolar do GEPD – 1948

Quadro 3: Institucionalidade Legal do Ginásio Maroinense (1955-1995)

Quadro 4: Disciplinas estudadas no GM (década de 1960)

Quadro 5: Discentes procedentes de Maruim, que fizeram matrícula na 1ª série do curso científico do Atheneu Sergipense, no período de 1964-1970

Quadro 6: Quantidade de alunos matriculados no 1º científico, nos anos de 1964 a 1969

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fachada do Grupo Escolar Padre Dantas – Maruim/SE, 1957

Figura 2: Ofício empossando porteiro e servente do GEPD

Figura 3: Ofício início das atividades do GEPD

Figura 4: Antônio Leonardo da Silveira Dantas (Padre Dantas)

Figura 5: Demonstrativo das despesas do Estado de Sergipe – 1935

Figura 6: Ofício nº 79, de 18 de janeiro de 1937, informando a data da posse de Alcides Pereira no GEPD

Figura 7: Formandos do Curso Primário do GEPD - 1947

Figura 8: Certificado de Conclusão do GEPD de Maria Raimunda dos Santos - 1965

Figura 9: Santinho de formatura do ensino primário de Maria Lúcia - 1963

Figura 10: Lista de material escolar enviado ao GEPD em 1937

Figura 11: Ofício comunicando a retirada de 15 carteiras para o GEPD – 30/07/1937

Figura 12: Termo de inspeção do GEPD - 1940

Figura 13: Boletim de inspeção escolar do GEPD – 21/05/1952

Figura 14: Portaria 84, de 11/02/1953, autorizando o funcionamento do Ginásio Maroinense

Figura 15: Prédio do Instituto Cruz (fotografia da década de 1990)

Figura 16: Discentes do Ginásio Maroinense – 1963

Figura 17: Escudo da farda dos alunos do GM/CNEG (década de 1960)

Figura 18: Carteira do Grêmio Estudantil de Maria Inácia – 1962

Figura 19: Instalação da pedra fundamental para construção do prédio que abrigaria o GM – 1961

Figura 20: Nova sede do Ginásio Maroinense (fotografia da década de 1990)

Figura 21: Carimbo da CNEG encontrado no verso de uma fotografia de formatura do GM

Figura 22: Maria Izabel Barreto, diretora do Ginásio Maroinense no período de 1964-1984

Figura 23: Alunas do GM, Maria Lúcia e, sua irmã, Maria Luiza (1967)

Figura 24: Resolução 1.052, de 10 de novembro de 1954: abertura de orçamento para compra e instalação do Laboratório de Ciências do GM

Figura 25: Alunos na sala de aula do GM (1967)

Figura 26: Pelotão do GM (1967)

Figura 27: Estudantes do Ginásio Maroinense no Desfile da Primavera (1966)

Figura 28: Certificado de Maria Raimunda dos Santos, do curso de Matemática, promovido pela CADES – 1970/1971

Figura 29: Fotografias das alunas Maria Inácia dos Santos, Maria Lúcia Marques Cruz, Maria Raimunda dos Santos e Neilde Lemos (década de 1960).

Figura 30: Atheneu Sergipense (1950)

Figura 31: Atestado de Saúde Maria Inácia (1963)

Figura 32: Comprovante de vacinação Antivariólica (década de 1960)

Figura 33: Resultado do exame de raio-x de Maria Lúcia (1968)

Figura 34: Declaração de rendimento familiar de Maria Inácia (1968)

Figura 35: Ficha da disciplina Educação Física, de Maria Raimunda (1971)

Figura 36: Leão Magno Brasil

Figura 37: Discentes do 3º ano científico do Atheneu Sergipense (1970)

Figura 38: Neilde Lemos, vestindo sua então farda do Atheneu Sergipense, da década de 1970

Figura 39: Neilde Lemos, com a farda de gala, para o desfile de 7 de setembro (década de 1970)

Figura 40: Declaração de suspensão de Maria Inácia (1964)

Figura 41: Festa do Primeiro Centenário do Atheneu Sergipense (1970). Alunas Maria Lúcia e Gilvanete Chagas

Figura 42: Olga Milstein Silva (Miss Centenário do Atheneu Sergipense)

Figura 43: Boletim de notas mensais do 3º ano, de Maria Lúcia

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Trajeto das alunas Maria Raimunda e Neilde Lemos, de suas residências, em Maruim, para o Atheneu Sergipense

Mapa 2: Trajeto das alunas Maria Inácia e Maria Lúcia, de suas residências, em Aracaju, para o Atheneu Sergipense

LISTA DE SIGLAS

APES – Arquivo Público do Estado de Sergipe

BDTD – Biblioteca Digital de Teses e Dissertações

BPED – Biblioteca Pública Epiphânio Dórea

CEMAS – Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense

CNEC – Campanha Nacional de Escolas da Comunidade

CNEG – Campanha Nacional de Educandários Gratuitos

GEPD - Grupo Escolar Padre Dantas

GM – Ginásio Maroinense

IHGSE – Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe

SEED – Secretaria de Estado da Educação de Sergipe

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 9

2 “MEUS PAIS ESCOLHERAM O ‘PADRE DANTAS’ PORQUE ERA, NA ÉPOCA, EU ACREDITO, A MELHOR ESCOLA QUE EXISTIA”: O GRUPO ESCOLAR PADRE DANTAS 23

3 “JÁ ESTÁ NO SERTÃO, CANTANDO”: É CHEGADA A HORA DE IR AO GINÁSIO MAROINENSE 55

4 “IR PARA O ATHENEU ERA O QUE EU ESCUTAVA QUANDO ESTAVA NO GINÁSIO, QUE ERA O MELHOR COLÉGIO ESTADUAL”: O ATHENEU SERGIPENSE 88

5 “O RESTO, A VIDA SE ENCARREGA”: TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS 109

FONTES 114

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DA ENTREVISTA 124

APÊNDICE 2 – PERFIL SÓCIOECONÔMICO DAS DISCENTES 128

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem como objeto de estudo 4 alunas egressas do Grupo Escolar Padre Dantas[1] (GEPD), da cidade de Maruim/SE, que continuaram seus estudos, no Ginásio Maroinense, e logo depois realizaram o científico, no Atheneu Sergipense[2], em Aracaju/SE. A proposta do trabalho está intimamente ligada às pesquisas realizadas no Grupo de Pesquisa História da Educação: sujeitos, patrimônio e práticas educativas (HESCOLAR) (UFS/CNPq) com foco nos discentes. Os alunos são o centro do Projeto "Jornais estudantis em Sergipe: práticas educativas pela ótica dos discentes secundaristas (1874-1959)"[3], que foca as análises na imprensa estudantil secundarista, desenvolvida junto ao citado Grupo de Pesquisa.

Em se tratando do objeto de estudo dessa dissertação, faz-se alguns questionamentos: qual a importância do Grupo Escolar Padre Dantas (GEPD), para a cidade de Maruim e para o próprio Estado de Sergipe? Como essa instituição escolar primária foi crucial para que alguns alunos conseguissem prosseguir nos estudos e cursar o ensino secundário? Como se deu o surgimento do Ginásio Maroinense[4] (GM)? Há alunos dessas instituições que continuaram os estudos e ingressaram no curso científico do Atheneu Sergipense? Qual era a cultura material escolar dessas escolas primárias e secundária do interior e da capital sergipana? Esses questionamentos serviram de base para dar corpo à dissertação e evidenciar sua relevância para a sociedade.

Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo consiste em investigar os itinerários escolares de um grupo de discentes entre o primário e o secundário. Para tanto, traça-se como objetivos específicos: a) conhecer os aspectos históricos e sociais, das quatro discentes; b) analisar as instituições educacionais das quais fizeram parte; c) investigar como essas três

---

[1] A escola ganhou novas instalações e novo patronato (Grupo Escolar Dr. Alcides Pereira), em virtude das más condições da estrutura física do antigo prédio, que foi demolido na década de 1970. "Devido a problemas na estrutura arquitetônica a correr risco de comprometer a vizinhança, o Grupo foi demolido por ordem do Governo do Estado. Conforme alguns, o prefeito José Augusto Novais Dantas (1973-1977), muito se empenhou para salvar o prédio que já estava incorporado ao patrimônio dos maruinenses" (Silva, 2020, p.219).

[2] O Atheneu Sergipense já teve dez denominações. No entanto, de acordo com o recorte do referido estudo, os nomes utilizados por essa instituição de ensino secundário foram: Colégio Estadual de Sergipe e Colégio Estadual Atheneu Sergipense. Desta forma, como o objetivo de uniformizar tais nomenclaturas, utilizarei, nesta dissertação, Atheneu Sergipense (Alves, 2005).

[3] Projeto coordenado pelo orientador da presente pesquisa que contou com financiamento do CNPq, por meio do Edital Universal 2021. Processo. 404241/2021-2

[4] Devemos escrever Maruim ou Maroim? Analisando o Termo de Inspeção do Grupo Escolar Barão de Maroim, de 12 de agosto de 1945, o então inspetor era José Sebrão de Carvalho, sobrinho, escreveu a seguinte observação: "O vocabulário Maruim é variação do tupi *mberu'i*, mosquito pequeno, que o ouvido luso fez maruim e se tornou nome da importante cidade sergipana, cujo titular é epônimo deste Grupo. Como se vê, Maroim com 'o' é cacografia. O correto é com 'u' – Maruim" (Fonte: CEMAS. Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro para Termos de Visitas do Grupo Escolar Barão de Maruim 1917-1945. Ref. 430FASS09).

instituições educativas estiveram presentes formação dessas alunas; d) construir um perfil socioeconômico das discentes.

Como afirma Nóvoa:

> Nas últimas décadas, a história da educação abriu-se a uma enorme diversidade de temas, para além das questões escolares. É preciso continuar este movimento, alargar o repertório dos nossos estudos, desde a infância aos adultos, desde a educação escolar à educação informal, desde a aprendizagem à cultura e ao conhecimento… Esta abertura leva-nos a descobrir novas problemáticas e realidades que a historiografia educacional deixou ocultas, em silêncio (Nóvoa, 2015, p. 26).

Dentro dessa perspectiva, historicizar o cotidiano passou a ter mais relevância, reduzindo as escalas de observação, estudando as minorias, as famílias, como as pessoas se organizavam, e retratando as histórias dos indivíduos (Burke, 2008). Nesse sentido, trabalhos pioneiros como as teses de Rodrigues (2015), que tratou do Grêmio Cultural Clodomir Silva, no Atheneu Sergipense, e Oliveira (2015) ao estudar os itinerários de cinco intelectuais sergipanos, tratam dos discentes de Sergipe. De maneira mais próxima, concorda-se com a ideia de que:

> a partir da análise dos itinerários dos intelectuais emergem as instituições educacionais, professores e disciplinas e, assim, lança-se luz sobre espaços, sujeitos e práticas educativas ao longo de quatro décadas do século XX a partir de um distinto prisma: os itinerários de um grupo de docentes do ensino superior em Sergipe" (Oliveira, 2015, p. 26).

No caso da presente dissertação, a partir dos itinerários de quatro discentes (Maria Inácia dos Santos, Maria Lúcia Marques Cruz, Maria Raimunda dos Santos e Neilde Lemos) do primário para o secundário, analisamos fragmentos ou partes das três instituições educativas que elas estudaram, seus sujeitos e a cultura material escolar desses espaços educativos em meados do século XX. Em relação às entrevistas, essas foram realizadas com o objetivo de trazer à tona, as memórias das estudantes como fonte de estudo, como forma de dar vida à dissertação. Segundo Benito (2017), "todos os sujeitos adultos recordam como o ingresso na escola representou uma mudança importante na ordem de sua vida cotidiana, nas relações com a comunidade familiar e na socialização geral com os membros da sua geração" (p. 193).

Como o prédio do GEPD foi demolido na década de 1970, e os documentos foram se perdendo, não foi possível encontrar a lista dos alunos que concluíram o ensino primário em tal instituição, no recorte estabelecido. Assim, inicialmente, foi feito um levantamento prévio dos

alunos que estudaram no Grupo Escolar Padre Dantas. Em conversas com familiares, contemporâneos dessas alunas, obteve-se alguns dados dos próprios egressos de tal instituição, como, por exemplo, data de nascimento, filiação, profissão, e, principalmente, período em que estudou no GEPD, no GM e no Atheneu Sergipense. A partir desse levantamento, foram realizadas entrevistas (Apêndice 1)[5][6] com quatro alunas egressas dessas instituições, objeto da dissertação. Foram utilizadas nesse trabalho, também, entrevistas realizadas por outros pesquisadores. Nesse sentido, "a veracidade do narrador não nos preocupou: seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial. Nosso interesse está *no que foi lembrado*, no que foi escolhido para perpetuar-se na história da sua vida" (Bosi, 2023, p. 40)

O trabalho foi feito em diálogo com a História Oral. De acordo com Meihy (2020), "a história oral tem como nascente a memória, a qual se vale da expressão verbal para dar sentido ao encontro das pessoas interessadas em apresentar versões (p. 21). Através do diálogo com os sujeitos objetos desse estudo, conhecemos suas histórias, que permanecem vivas em suas memórias. De acordo com Dallabrida (2017),

> [...] as entrevistas constituem memórias que configuram valiosos documentos que têm seu lugar no difícil processo de aproximação do entendimento daquilo que se passava na escola e na cidade, em sentido mais restrito, mas, também, no país e no mundo, de modo mais amplo (p. 10).

Através das suas memórias instigadas, "contadas oralmente [...] e transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz" (Bosi, 2023, p. 41), foi possível visualizar aspectos do seu passado estudantil como, por exemplo, o prédio escolar, os professores, diretores, as fardas, as avaliações, as festividades, a metodologia de ensino, bem como, os materiais que eram utilizados em sala de aula, as carteiras, questões relacionadas à ordem e à disciplina, dentre outros. "A formação de um vínculo de amizade e confiança", com as recordadoras, foi primordial para o bom andamento das entrevistas.

No quadro a seguir, resumidamente, estão explanados os anos que as discentes, que foram entrevistadas, frequentaram o GEPD, o Ginásio Maroinense e o Atheneu Sergipense. E, logo em seguida, um pequeno resumo sobre a biografia das quatro alunas que são objeto da dissertação.

---

[5] O roteiro da entrevista se encontra no apêndice A dessa dissertação.

[6] As entrevistas foram autorizadas de acordo com as normas do Comitê de Ética (Plataforma Brasil), CAAE: 75085823.0.0000.5546, com parecer consubstanciado aprovado sob o número 6.767.158.

Quadro 1 – Discentes que frequentaram o GEPD, o Ginásio Maroinense e o Atheneu Sergipense (1956-1972)

Nome	Curso Primário no GEPD	Curso Ginasial		Curso Científico no Atheneu Sergipense
		Ginásio Maroinense	Atheneu Sergipense	
Maria Inácia dos Santos	1956-1960	1961-1962	1963-1965	1966-1969
Maria Lúcia Marques Cruz	1959-1963	1964-1967	_	1968-1970
Maria Raimunda dos Santos	1960-1964	1965-1968	_	1969-1971
Neilde Lemos	1959-1962	1964-1966	1963	1969-1972

Fonte: Quadro elaborado pela autora.

No quadro exposto, constam os períodos, ano de entrada e saída, em que as 4 alunas estudaram nas respectivas instituições escolares: o GEPD, o GM e o Atheneu Sergipense. Como o objeto principal desse estudo é o itinerário de um grupo de estudantes, estabeleceu-se como recorte temporal inicial 1956, ano em que a aluna Maria Inácia iniciou seus estudos no GEPD, e como marco final 1972, último ano a ser analisado, em razão da saída e conclusão do científico pela aluna do Atheneu Sergipense, Neilde Lemos.

Observa-se, também, no quadro anterior, que Maria Inácia e Neilde fizeram o curso ginasial em duas instituições: no Ginásio Maroinense e no Atheneu Sergipense. A primeira iniciou seus estudos, no secundário, em Maruim, mas, após o falecimento da sua genitora, em janeiro de 1963, ela e sua família tiveram que residir em Aracaju, motivo da transferência de escola. De acordo com Bosi (2023), "a sucessão de etapas na memória é toda dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente [...]" (pp. 432-433).

Já a segunda, fez o caminho contrário. Ela e sua família residiam na capital. Sendo assim, Neilde fez o exame de admissão para cursar o ginásio no Atheneu Sergipense em 1963. No entanto, como a casa em que habitavam era de herança, deixada pela sua bisavó, foi necessário dividir o valor do bem com vários herdeiros. Desta forma, como não tinham condições de arcar com o aluguel de uma residência em Aracaju, retornaram a Maruim em 1964, sendo ela transferida para cursar o ginásio nessa cidade.

A seguir, apresento as quatro alunas que darão vida a esse trabalho. Trago, inicialmente, algumas informações mais pontuais como, local e data de nascimento, filiação, grau de escolaridade e profissão dos pais.

Maria Inácia dos Santos[7], também conhecida como Arlete, desde a infância, só descobriu seu nome "verdadeiro" quando foi fazer a inscrição do Exame de Admissão para entrar no Ginásio. Nasceu em Maruim/SE, no dia 06 de agosto de 1948. Filha de Ventura Inácio dos Santos e de Aliete Vicença de Sá. Seus pais realizaram somente o curso primário. Sua mãe era do lar[8] e seu pai empregado do Departamento de Estradas e Rodagem. Teve oito irmãos. A mãe faleceu em janeiro de 1963, em Maruim.

Maria Lúcia Marques Cruz, nasceu no dia 07 de março de 1950, na cidade de Maruim/SE. Tem como genitores Julieta Marques Cruz e Adalberto Cruz. É a sétima filha do casal. Seu pai era barbeiro, memorialista, que sempre que podia, instigava sua filha caçula a conhecer um pouco mais sobre a história de Maruim, e sua mãe, do lar, mas com habilidades para costura. O pai possuía ensino primário incompleto e, a mãe, nunca frequentou uma escola, mas tinha o hábito de escrever cartas para os parentes e amigos próximos.

Maria Raimunda dos Santos nasceu no povoado Guiomardia, da cidade de Maruim/SE, em 31 de agosto de 1949. Filha de José Anselmo dos Santos, pescador, e Maria Ogésima dos Santos, do lar e doceira (fazia doces de milho e macaxeira, e beiju de tapioca para vender, aos sábados, na feira). Seus pais nunca frequentaram a escola, mas eram alfabetizados (sabiam ler e escrever). Eram 11 filhos, sendo 6 homens e 5 mulheres. Ela é a oitava.

Neilde Lemos dos Santos nasceu em Maruim/SE, no dia 16 de janeiro de 1949. Filha de Odilon de Couto Lemos e, Maria Pastora Santos, que foi uma das primeiras alunas a se matricular no Grupo Escolar Padre Dantas, em 1935. Seu pai era sapateiro, em Maruim, e sua mãe era do lar, mas possuía uma memória singular, sendo considerada uma "enciclopédia ambulante" pelos maruinenses, por se lembrar de personalidades, pessoas comuns, datas e fatos que remontam à história de Maruim. Ambos possuíam ensino primário incompleto.

O anseio em estudar sobre Maruim e contar um pouco da história desse pequeno município sergipano, estava nos meus planos futuros, mas não sabia quando seria esse momento. E ele chegou! Filha de maruinense, fui criada vendo minha mãe percorrer as ruas da cidade em busca de pessoas de mais idade, na intenção de se obter informações valiosas sobre o passado dessa localidade. E, atualmente, já com um certo amadurecimento etário, sobre a importância desses registros históricos, e, também, como membro da Academia Maruinense de Letras e Artes[9], o mestrado em Educação, e sua linha História da Educação, caíram como luva

[7] Utilizei os nomes de solteira, das quatro, para facilitar as buscas, nas pesquisas.
[8] O termo "do lar" pode ser visto como uma alternativa mais neutra ao termo "dona de casa".
[9] A Academia de Letras e Artes de Maruim (AMLA), foi fundada em 30 de novembro de 2017.

para conhecermos mais sobre essa cidade, dando um cunho acadêmico e científico a esse tipo de escrita.

Do mesmo modo, busca-se contribuir com a história da educação, a partir da ótica do aluno, ao mesmo tempo em que se trata da História Local, valorizando sujeitos pouco conhecidos. Além disso, tratamos dos ensinos primário e secundário, tendo como fio condutor os itinerários discentes, perpassando a história das materialidades de três instituições educativas: o GEPD, o GM e o Atheneu Sergipense.

A investigação e análise desse objeto de estudo permitem compreender o quão foi decisivo para o progresso educacional da cidade de Maruim, no Estado de Sergipe, a instalação do GEPD, em 1935 e do GM, em 1954, e, mais ainda, o quanto foi importante para os egressos dessas duas instituições darem prosseguimento aos seus estudos no Atheneu Sergipense, na capital sergipana. Além disso, conhecer as histórias dessas instituições educacionais é de grande valia para a historiografia educacional brasileira.

No tocante à revisão de literatura, foram percorridos os escritos de pesquisadores nas áreas que trabalham, especificamente, sobre os grupos escolares como, por exemplo: Azevedo (2012), Santos (2013), Souza (2009), Oliveira, Oliveira e Costa (2024) e Valdemarin (2010). No âmbito do ensino secundário, buscou-se percorrer também os escritos de Silva (1969), Nunes (2000); Souza (2008), Dallabrida (2009); Alves, Oliveira e Costa (2020; 2021).

De acordo com Souza (1998), os grupos escolares foram uma instituição de ensino que ganharam visibilidade como sinônimo de progresso educacional no final do século XIX e início do XX. Nesse período, o Brasil deixava de ser monarquia e passava a ser República, precisando de modificações estruturais na forma de ensinar, através da pedagogia moderna, que se difundiu com a utilização do Método Intuitivo, com novas tecnologias e diferentes objetos da cultura escolar, e não apenas com as práticas pedagógicas, até então utilizadas, como saber ler, escrever e contar.

Em Sergipe, o primeiro grupo escolar foi inaugurado em 1911, na capital Aracaju: o Grupo Escolar Modelo.

> A criação dessa instituição de ensino primário em Sergipe fez parte do projeto de modernização da instrução pública do país, iniciado nas décadas finais do século XIX, que visava ao combate ao analfabetismo e situava a escolarização da infância como o "alicerce" das colunas do desenvolvimento social e cultural do Brasil (Rodrigues, 2024, p. 24).

Os grupos escolares[10], em Sergipe, foram instituídos através do decreto 563 de 12 de agosto de 1911 (Sergipe, 1911)[11], no governo 1909-1911, de José Rodrigues da Costa Dória (1859-1938). No preâmbulo de tal legislação, ele já apontava o obsoletismo do ensino, no Estado, e o atraso em relação à Pedagogia moderna da época. Sendo assim, em seu artigo 3º, definiu que o ensino primário seria ministrado em grupos escolares.

Ainda de acordo com esse decreto, em seu artigo 5º, ficou definido que "na capital, e nas cidades e villas em que a população escolar o exigir, o governo poderá reunir as escolas em grupos, fazendo-as funcionar em um só prédio e sob uma direção uniforme". Apesar das dificuldades de comunicação, Sergipe, e especialmente Maruim, estavam antenados com as inovações no setor educacional brasileiro. E, em 1935, seguindo o mesmo modelo educacional republicano, foi criado o GEPD.

Ainda com base em Souza (1998), são muitos os que ainda recordam sobre as vivências no grupo escolar. Pais, professores, alunos, dentre outros profissionais que experimentaram a realidade dessas instituições primárias, criadas no início da República, tendo como destinatário a maioria da população, visando a integração social e difusão de saberes.

Outro ponto que Souza (2019) discute sobre os estudos dos grupos escolares, é a possibilidade de trazer novos objetos sobre essa temática, como, por exemplo, a cultura escolar, representações e apropriações, tal qual a presente dissertação, que visa mostrar, através dos itinerários de quatro discentes, essa materialidade escolar e suas práticas.

> Na análise da imprensa e dos periódicos, dos relatórios dos inspetores da instrução pública, de diretores de grupos escolares, de inspetores de ensino e das mensagens dos governadores, emergiram práticas de representações acerca da escola primária enaltecendo a importância social e política da educação pública para o desenvolvimento da sociedade brasileira (Souza, 2019, p. 6, grifo meu).

Tal como Souza descreveu, e fazendo uma relação com o presente trabalho, muitas informações sobre o GEPD foram obtidas através da análise das fontes como, por exemplo, termos de inspeção escolar, do jornal A Pátria[12], periódico que circulou na instituição, organizado pelos alunos, com sua primeira edição no ano de 1938, mensagem de governador

[10] Os grupos escolares foram uma instituição de ensino que ganharam visibilidade como sinônimo de progresso educacional no final do século XIX e início do XX, período em que o Brasil deixava de ser monarquia e passou a ser República, precisando de modificações estruturais na forma de ensinar, através da pedagogia moderna, que se difundiu com a utilização do Método Intuitivo, com novas tecnologias e diferentes objetos da cultura escolar, e não apenas com as práticas pedagógicas, até então utilizadas, como saber ler, escrever e contar (Souza, 2015).
[11] Nesse ano, foram inaugurados dois grupos escolares em Aracaju: Grupo Escolar Modelo e Grupo Escolar Central (posteriormente denominado de Grupo Escolar General Siqueira) (Oliveira, Oliveira e Costa, 2024).
[12] Para saber mais, consultar Oliveira, Accioly e Santos (2024).

informando orçamento para despesas dessa escola, bem como outros fatores que contribuíram para o desenvolvimento educacional e da sociedade local, naquele período.

Em Sergipe, verificou-se uma expansão no ensino secundário, no período da Reforma Capanema (1942-1961). O Atheneu Sergipense era o único estabelecimento de ensino, em 1945, a ter denominação de "Colégio", por ofertar o curso ginasial, em 4 anos, e o colegial, clássico e científico, em 3 anos (Alves; Oliveira; Costa, 2021, p. 148).

> Do ponto de vista da concepção, o conjunto das reformas tinha caráter centralista, fortemente burocratizado; dualista, separando o ensino secundário, destinado às elites condutoras, do ensino profissional, destinado ao povo conduzido e concedendo apenas ao ramo secundário a prerrogativa de acesso a qualquer carreira de nível superior; corporativista, pois vinculava estreitamente cada ramo ou tipo de ensino às profissões e aos ofícios requeridos pela organização social (Saviani, 2013, p. 270)

Como informou Dermeval Saviani, o ensino secundário, objetivava atender a classe média e os filhos da elite. E, de acordo com Souza (2019), o secundário passou a ser uma modalidade de educação "responsável pela formação das elites condutoras do país e desfrutando de maior prestígio em contraposição ao ensino técnico profissionalizante, destinado à preparação dos desprovidos de fortuna" (p. 29). No entanto, essa dissertação procura mostrar outras faces do ensino secundário, nesse período de estudo. Ao analisarmos os itinerários escolares de um grupo de alunos no Estado de Sergipe, em meados do século XX, buscamos trazer um novo ponto de vista sobre tais assertivas e verticalizar as discussões sobre o perfil socioeconômico desses discentes, aliado às condições materiais que uma escola primária e ginásio, do interior, e o científico, de uma escola da capital, ofereciam a esses estudantes.

Tais informações permitem, também, compreender os desdobramentos dessas discussões já no segundo quartel do século XX, e por onde permearam os alunos do GEPD, após a conclusão do curso primário. Isso, em virtude das dificuldades enfrentadas, principalmente pelas famílias de baixo poder aquisitivo, que objetivavam ver seus filhos seguirem uma carreira acadêmica, uma das temáticas que o trabalho pretende problematizar.

Sendo assim, esse estudo se caracteriza como uma pesquisa histórica, fundamentada em fontes escritas, orais, iconográficas, impressas e eletrônicas, a saber: fotografia da fachada do GEPD (1957); ofícios empossando o porteiro e o servente do GEPD, e informando o início das atividades dessa instituição; fotografia de Antônio Leonardo Silveira (Padre Dantas); demonstrativo de despesas do estado de Sergipe (1935); fotografia dos formandos do GEPD (1947); certificado de conclusão do GEPD de Maria Raimunda dos Santos (1965); santinho de

formatura do ensino primário de Maria Lúcia Marques (1963); lista de material escolar GEPD (1937); ofício comunicando envio de 15 carteiras para o GEPD (1937); termo de inspeção do GEPD (1940); boletim de inspeção escolar do GEPD (1952); portaria 84 de 11/02/1953, autorizando o funcionamento do GM; fotografia do prédio do Instituto Cruz (década de 1990); fotografia de discentes no GM (1963); escudo da farda dos alunos do GM (década de 1960); carteira do Grêmio Estudantil de Maria Inácia (1962); fotografia da instalação da pedra fundamental para construção do prédio que abrigaria o GM (1961); fotografia da nova sede do GM (década de 1990); carimbo da CNEG; fotografia de Maria Izabel Barreto, ex-diretora do GM; fotografia alunas do GM (1967); resolução 1052, de 10/11/1954: abertura de orçamento para compra e instalação do Laboratório de Ciências do GM; fotografia de alunos na sala de aula do GM (1967); fotografia do pelotão do GM (1967); fotografia de estudantes do GM no desfile da Primavera (1966); certificado de Maria Raimunda dos Santos CADES (1970-1971); fotografias das alunas Maria Inácia, Maria Lúcia, Maria Raimunda e Neilde (década de 1960); fotografia Atheneu Sergipense (1950); atestado de saúde Maria Inácia (1963); comprovante de vacinação antivariólica (década de 1960); resultado do exame de raio-x de Maria Lúcia (1968); declaração de rendimento familiar de Maria Inácia (1968); ficha da disciplina Educação Física, de Maria Raimunda (1971); fotografia de discentes do 3º ano científico do Atheneu Sergipense (1970); fotografias Neilde Lemos (década de 1970 e 2024); declaração de suspensão de Maria Inácia (1964); fotografia da festa do centenário do Atheneu Sergipense (1970); fotografia Olga Milstein, Miss Centenário do Atheneu Sergipense; boletim de notas mensais do 3º ano de Maria Lúcia.

A busca por fontes se deu, inicialmente, no acervo pessoal da professora, pesquisadora e aluna das três instituições objetos de estudo, Lúcia Marques. Por ela ser uma estudiosa e curiosa sobre os assuntos relacionados a Maruim, muitas pessoas lhe confiaram documentos e objetos que contam a história dessa cidade, fazendo com que ela tenha, atualmente, um importante acervo historiográfico. Nele foram encontradas as seguintes fontes: negativo em vidro com a fachada do GEPD - 1957 (indício de ser a única foto existente); foto de formatura (1947); fotografias de discentes no GM e no Atheneu Sergipense (1963, 1966, 1967, 1970), santinho de missa de formatura (1963); fotografias da instalação do GM, em 1961, e da então nova sede (foto da década de 1990), e boletim de notas mensais do Atheneu Sergipense (1970).

Foram realizadas, também, consultas ao acervo do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense[13] (CEMAS), onde foram encontrados livros de matrículas, fichas de matrícula e boletins das alunas que cursaram o científico no Atheneu Sergipense. Além disso, também, foram consultados os dossiês das alunas, salvaguardados no arquivo geral da instituição.

Na Biblioteca Pública Epiphanio Dória (BPED) foi encontrado o livro que contém o decreto nº 280, de 18 de fevereiro de 1935, que criou o GEPD. No Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), localizou-se termos de inspeção[14] de 1936, 1937, 1940 e 1942, e os boletins de inspeção de 1947, 1948, 1952 e 1953; balancetes da Caixa Escolar do GEPD, fontes que demonstraram a cultura material da escola. Além disso, encontrou-se ofícios informando o início das atividades do GPED e a posse das professoras, do porteiro e do servente. No setor de inspeção da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED), foram encontrados documentos e legislações que embasaram o funcionamento do Ginásio Maroinense, bem como os dossiês das alunas objetos da pesquisa.

É importante frisar que, por se tratar de uma escola extinta, e por ser uma instituição patrocinada pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos (CNEG), toda documentação escolar do GM, incluindo diários de classe e dossiês dos alunos que por lá passaram, foi levada para a Inspeção Escolar, da Secretaria de Educação. Desta feita, buscou-se informações e dados sobre as alunas que são objeto desse estudo. E, em conversa com a responsável pelo setor, informou-se que não se poderia digitalizar e nem obter cópias das documentações de nenhum estudante, em razão da Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais – LGPD (Lei 13.709/2018).

Para também alcançar o entendimento sobre a temática, a busca de teses, dissertações e artigos foi necessária. Alguns trabalhos tiveram como objeto de estudo, grupos escolares de Sergipe, a legislação em que estavam amparados, sua história, sua arquitetura, bem como o itinerário de alunos que por lá passaram. Outros, analisaram sobre o ensino secundário, os ginasianos e a trajetória de "egressos trânsfugas". Ao trazer à tona esses elementos, os trabalhos, de uma forma direta e indireta, relatam sobre o que os alunos estavam vivenciando ao frequentarem o ambiente escolar do ensino primário e secundário, ou seja, do Grupo Escolar Padre Dantas, do Ginásio Maroinense e do Atheneu Sergipense.

---

[13] O Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense – CEMAS, criado em 2005, visa a preservação e disponibilização das materialidades produzidas pelo Atheneu Sergipense, durante quase 155 anos de existência. Para saber mais sobre o CEMAS, ver: Alves (2015) e Oliveira (2023).

[14] Para saber mais, consultar Accioly, 2024.

Almeida (2009) em *A difusão do ideário escolanovista em grupos escolares sergipanos (1934-1961)*, analisou o processo de difusão do ideário da Escola Nova no cotidiano dos grupos escolares sergipanos, de 1934 a 1960. Em sua *dissertação Ecos da modernidade: a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926)*, Santos (2009) buscou compreender o discurso arquitetônico dos grupos escolares criados em Sergipe, entre 1911 e 1926, através dos relatórios e mensagens de presidentes de Sergipe, jornais, fotografias e cartões postais referentes aos prédios escolares. Azevedo (2009), em *O ideário modernizador do governo Graccho Cardoso (1922-26) e a reforma da instrução pública de 1924 em Sergipe*, objetivou compreender as representações e apropriações sobre educação e modernidade presentes na administração Graccho Cardoso e seus efeitos sobre a instrução pública primária, enfatizando os grupos escolares.

Dallabrida e Vieira (2020), em *O Subcampo do ensino secundário em Santa Catarina (1942-1961)*, analisam como ocorreu a expansão do ensino secundário no estado de Santa Catarina de 1942 (Reforma Capanema) a 1961 (LDB), considerando as redes privadas e o ensino público. Vieira e Dallabrida (2013), em *Trânsfugas de classe social e gênero: trajetórias sociais de egressas de um colégio público de Florianópolis (segunda metade do século XX*), tem por objetivo compreender as trajetórias sociais de três trânsfugas do Ensino Secundário do Colégio Estadual Dias Velho na década de 1950, ou seja, mulheres que romperam as suas barreiras de classe social e de gênero por meio do êxito escolar.

Dallabrida et al (2014), em *Herdeiros/as e trânsfugas: carreiras profissionais de ex-alunos/as de colégios de ensino secundário de Florianópolis da década de 1950,* objetivam compreender as carreiras profissionais dos ex-alunos/as dos colégios Catarinense, Coração de Jesus e Dias Velho, da década de 1950. Coutinho (2021), em *Reflexões conceituais e metodológicas sobre o "barroco" das biografias*, apresenta reflexões sobre a reconstrução sociológica da trajetória de uma mulher, trânsfuga de classe, chamada Juscelina.

O curso ginasial e o secundário ganharam força com estudos de Dallabrida (2014), ao tratar sobre essas etapas de ensino no sul do país e sobre as mudanças estruturais trazidas reformas Francisco Campos, Gustavo Capanema, e sobre a primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDBEN) e sua expansão Brasil afora. De acordo com Benito (2017),

> mudar a escola implica sempre mudar ritos estabelecidos. Esse tipo de mudança, que afeta dispositivos tão estruturados, requer, geralmente, um novo consenso entre os sujeitos ou atores que participam das práticas vivenciadas no cotidiano das instituições de formação (p.81).

Vale destacar que, no ano de fundação do GEPD, Sergipe contava com uma população de 624.950 habitantes, calculada em 1º de janeiro de 1935[15] e, Maruim, com 10.100 habitantes. De acordo com o Recenseamento Geral do Brasil, o Censo Demográfico do Estado de Sergipe, realizado no 1º de setembro de 1940, informou que a população total de Maruim era 8.398, sendo 3.948 homens e 4.450 mulheres (BRASIL, 1940).

Desse total, 3.122 "pessoas de 5 anos e mais de instrução declarada", sabiam ler e escrever, num contraponto de 4.018 que não sabiam, sendo que, mais da metade desse quantitativo era formado por mulheres. Ainda de acordo com o Censo, a atividade econômica predominante em Maruim, nas pessoas de 10 anos e mais, era a agricultura, pecuária e silvicultura, quase que em sua totalidade composta por homens.

Essa dissertação dialoga com alguns autores, cujos conceitos ajudarão na interpretação das fontes disponíveis. Pretende-se discutir com a perspectiva de "capital cultural" e "trânsfuga de classe" de Pierre Bourdieu (2023), em diálogo com os estudos sobre a cultura escolar de Agustín Escolano Benito (2017), somados aos trabalhos que tratam da memória com Ecléa Bosi (2023).

As alunas entrevistadas são "trânsfugas de classe, na medida que ascenderam socialmente devido à realização do ensino secundário em escola pública". A posição social que alcançaram, na construção das suas carreiras, foi o que "viabilizou acúmulo de capitais econômico, escolar e cultural e é, efetivamente, superior à condição socioeconômica de seus pais" (Clarino; Dallabrida, 2013, p. 239).

> originários de classes socialmente desfavorecidas, converteram-se em trânsfugas de classe social pelo fato de concluírem o ensino secundário em escola pública. Contudo, deve-se registrar que esses egressos que tiveram êxito sócio-profissional devido a fatores sociofamiliares específicos, configuram-se como os poucos casos miraculosos de inclusão social por meio da escola pública (Clarino; Dallabrida, 2013, p. 240).

As alunas objetos desse estudo, apesar de pertencerem a uma classe "desfavorecida" economicamente, conseguiram, através de fatores sociais, como ajuda de familiares e pessoas do seu entorno, prosseguir nos estudos. Estudar o primário e o ginasial, numa cidade do interior, com poucas condições financeiras e, logo em seguida, seguir para a capital para cursar o secundário, já com o objetivo de uma formação superior, faz dessas alunas trânsfugas de classe.

[15] Fonte: SERGIPE. Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado, em 7 de setembro de 1935, pelo Dr. Eronides Ferreira de Carvalho. Sergipe: Arquivo Público do Estado, 1935.

“As chances de sucesso escolar são reduzidas” (Nogueira; Nogueira, 2016), mas não são impossíveis.

Além disso, para Bourdieu, o capital cultural existe de três formas: no estado incorporado; no estado objetivado; no estado institucionalizado. O primeiro está ligado ao corpo e pressupõe sua incorporação. Ele “custa tempo” e deve ser investido pessoalmente pelo investidor.

> Esse capital ‘pessoal’ não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição” (Bourdieu, 2023, p. 124).

O segundo, o capital cultural objetivado, é transmissível através da sua materialização, tais como escritos, pinturas, monumentos. Ele diz respeito à propriedade de objetos culturais valorizados, como livros e obras de arte, por exemplo.

E no estado institucionalizado, refere-se, basicamente, à posse de certificados escolares, que tendem a ser socialmente utilizados como atestados de certa formação cultural. O diploma é a certidão de competência cultural que confere um valor convencional, constante e jurídico. “O certificado escolar permite, além de conferir um reconhecimento institucional, a comparação entre diplomados e, até mesmo, sua ‘permuta’; permite, também, estabelecer taxas de convertibilidade entre capital cultural e econômico” (Bourdieu, 2023, p.131).

Abordar sobre esses temas é trazer à tona a importância da educação primária e, principalmente, a secundária, no interior do país, e como isso mudou o quadro educativo brasileiro. Dessa forma, faz-se necessário estudos que tratem dos discentes e, mais ainda, sobre as mulheres que por lá passaram, e os itinerários desses sujeitos até o ensino secundário. Quem foram esses/as alunos/as, suas vivências, a condição econômica de sua família e sua migração para capital. De um grupo escolar e de um ginásio para um colégio, na capital. Do primário para o secundário.

Sendo assim, essa dissertação está estruturada da seguinte forma: a primeira seção trata-se da Introdução; na seção 2, serão abordados os itinerários das alunas no ensino primário os aspectos históricos e a cultura material da instituição primária Grupo Escolar Padre Dantas; na seção 3, apresentou-se um estudo do período em que as alunas passaram pela instituição de ensino secundário denominada Ginásio Maroinense, bem como suas características, objetivando mostrar a materialidade desse espaço escolar e dos discentes que frequentaram esse local; na seção 4, investigou-se a cultura escolar do Atheneu Sergipense, sua constituição, sua

história, ressaltando o itinerário das alunas que por lá passaram. Na quinta e última seção foram tecidas as considerações finais do estudo desenvolvido. No apêndice 1, encontra-se o questionário que foi aplicado nas entrevistas com as alunas e, no apêndice 2, traçou-se o perfil socioeconômico das quatro discentes, trazendo um pouco sobre suas histórias de vida e suas formações pós ensino secundário.

2 “MEUS PAIS ESCOLHERAM O ‘PADRE DANTAS’ PORQUE ERA, NA ÉPOCA, EU ACREDITO, A MELHOR ESCOLA QUE EXISTIA”: O GRUPO ESCOLAR PADRE DANTAS

> Prosseguir-se, sem desfalecimento, na brilhante tarefa de iluminar cérebros de uma geração que nos sucederá nas responsabilidades sociais (Sebrão sobrinho, 1953).

Com essas palavras, Sebrão sobrinho respondeu ao quesito sobre as medidas indicadas para melhor rendimento escolar, no Termo de Inspeção de 1953, aplicado no GEPD. Percebe-se a preocupação em continuar disciplinando os discentes iniciantes, e a importância da instituição escolar para formação dessa geração futura.

Ao discorrer sobre o itinerário das alunas, é preciso entender as instituições escolares que fizeram parte do seu desenvolvimento educacional, em que local e em qual período elas estavam situadas e como foram criadas. Nesta seção, tratar-se-á sobre as discentes, objeto do estudo, e a instituição primária que por lá passaram, explanando sobre sua história, sua importância para o espaço geográfico em que foi implantada, bem como as mudanças socioeconômicas dos locais onde estava inserida.

“Boa tarde, senhores ouvintes! No ar, o Informativo Cinzano, com as notícias da tarde de hoje, e as últimas da manhã que passou”. A saída de Maria Lúcia, para o Grupo Escolar Padre Dantas, coincidia com o horário do Informativo Cinzano, que se escutava através das ondas do rádio apresentado pelo radialista José da Silva Lima[16], e entrava no ar diariamente às 12 horas e 30 minutos. De acordo com Graça (2002),

> Em nosso estado, vários programas de rádio marcaram época e seus locutores ficaram famosos na cidade. No meado da década de 1950, surgiu o noticiário que até hoje está marcado na memória dos sergipanos: o ‘Informativo Cinzano’, que sobreviveu por mais de duas décadas, dando notoriedade ao radialista Silva Lima, seu apresentador (p. 157).

Em casa, a ausência de relógio era suprida pela programação da Rádio Difusora de Aracaju, atual Aperipê. O som do rádio, que se escutava em volume alto, vinha da residência do casal Luiz e Anita Coelho.

[16] José da Silva Lima, locutor da Rádio Difusora AM dos anos 1950/60, marcou época pela maneira de noticiar, e uma voz bastante característica. Nascido em 1923, na Bahia, veio para Aracaju com 19 anos de idade, onde faleceu em 1983 (Belarmino, 2024).

> Eles estavam sempre com o semblante alegre, uma senhora de feições agradáveis, trazia um sorriso nos lábios, principalmente quando recepcionava as crianças que lhes compravam frutas frescas recém-chegadas do Sítio Siebra: jaca, jabuticaba, pitomba, goiaba e ainda as deliciosas cocadas e cachimbos de mel feito em forma apropriada (Silva, 2024).

Segundo Maria Lúcia, aparelho radiofônico ficava em um canto da espaçosa sala de visitas, estrategicamente, como se quisessem que todos os vizinhos ficassem a par das notícias que circulavam nesse meio de comunicação. Na metade do século XX, o rádio foi um importante instrumento de informação na vida dos sergipanos, como um monitor, regendo os horários das aulas. Cada programa tinha seu horário fixo, ajudando na programação diária dos ouvintes e, principalmente, dos estudantes. O programa "Roteiro das 11", anunciava que se aproximava da hora de ir à escola para quem estudava no turno vespertino.

O relógio era artigo de luxo nessa época. E, a vontade de ter um rádio em casa, fez com Maria Lúcia tivesse uma ideia. Com o dinheiro da venda de sua ovelha, ela conseguiu adquirir um aparelho radiofônico de segunda mão, mas em bom estado, o que foi definido por Bosi (2023), de "acontecimentos extraordinários da infância e da juventude" (p. 436), como o primeiro rádio, primeiro bonde, cinema falado, dentre outros.

> O rádio foi a coisa mais importante quando chegou na minha casa. Do meu dinheiro do meu cofrinho, mamãe comprou uma ovelha pra mim. Lá em casa todo mundo tinha sua ovelha. A minha ovelha teve vários carneirinhos, a gente vendeu e eu guardei o dinheiro... e fiquei rondando um rádio de segunda mão, porque um novo era muito caro. Como eu ía muito na casa de Manoel de Dona Mana, brincar com as crianças dela (ela tinha muitos filhos pequenos), um dia ela falou pra mim que estava vendendo o rádio porque o marido tinha comprado um novo. Aí eu enlouqueci, porque eu achava tão lindo o rádio em cima do móvel da casa da mulher. Fiquei no pé de mamãe até ela comprar. O rapaz baixou o preço e nós conseguimos comprar. Esse rádio foi a chegada do progresso para nossa casa. Foi uma conquista com muito sacrifício. Por isso sou fã de rádio até hoje (Silva, 2024).

Além de utilizar o rádio para controlar seu tempo, Maria Lúcia também afirmou que muitos cantores dessa época ficaram em sua memória, como Carlos Gonzaga, com a música Diana (1958), os cantores da Jovem Guarda, Nelson Gonçalves e seus contemporâneos. No entanto, o prenúncio, através do rádio, para ir ao GEPD, era um martírio que se iniciava às 13 horas e só terminava na hora de voltar para casa. Era porque Maria Lúcia sentia medo de frequentar o GEPD, pois era um prédio grande e, para ela, criança, de estrutura assombrosa.

> Meus pais escolheram o "Padre Dantas" porque era, na época, eu acredito, a melhor escola que existia (porque tinha também a municipal). Mas o nosso

> Grupo Escolar Padre Dantas não tinha para ninguém não. Era uma escola de peso, professores excelentes... (M. R. dos Santos, 2024).

Esse relato da aluna Maria Raimunda dos Santos, mostra a importância, para ela, dessa escola para a cidade de Maruim e região. Essa instituição educacional trouxe transformações importantes para a uma região interiorana do estado de Sergipe. Era motivo de orgulho para quem ali adentrava. Segundo Ecléa Bosi,

> se examinarmos criticamente a meninice podemos encontrar nela aspirações truncadas, injustiças, prepotência, a hostilidade habitual contra os fracos. Poucos de nós puderam ver florescer seus talentos, cumprir sua vocação mais verdadeira. Comparamos acaso nossos ideais antigos com os presentes? Examinamos as raízes desse desengano progressivo das relações sociais? (Bosi, 2023, p.83)

As aspirações da infância, de Maria Raimunda, passaram a ser mais concretas com a sua entrada no GEPD. Talvez, naquele momento, lá no passado, isso não fosse visualizado ou objetivado. Mas hoje, vendo 'florescer seus talentos' na matemática, principalmente, com sua vocação para o magistério, percebe-se a importância que essa instituição trouxe para sua vida.

Conforme relato da Silva (2024), em conversa com os moradores mais antigos, havia a preocupação dos habitantes desse município com a distribuição espacial dos prédios públicos. A escola que estava prestes a surgir, em Maruim, deveria ser localizada na zona norte, em virtude das limitações fisiográficas ao sul, com a divisa do rio Ganhamoroba[17].

A proposta era povoar a região norte da cidade, isto é, em direção à estação ferroviária, inaugurada em 1914. Por isso, chegaram a recomendar a instalação do Grupo em um local nas proximidades da Igreja de Nossa Senhora da Boa Hora. Com essa notícia, observa-se que os editores do jornal *O Commercio,* sugeriam, para uma cidade interiorana, o seu planejamento do uso do solo com o intuito de trazer conforto aos seus habitantes:

> O Grupo Escolar
>
> Anuncia-se que, dentro em breves, dias será escolhido o local em que deve ser edificado o grupo escolar de Maroim. Isto quer dizer que o governo vae dotar a nossa cidade de um melhoramento grandioso, util e proveitoso. Todos vêem,

[17] O rio Ganhamoroba é um afluente do rio Sergipe, que banha a cidade de Maruim. Esse rio foi e é responsável por ser o sustento de várias famílias que viviam e vivem da pesca. Ganhamoroba quer dizer: "ganha" é igual a receber, adquirir; e "moroba", segundo dicionário Aurélio, significa peixe teleósteo, cariciforme, que se assemelha à traíra. O rio Ganhamoroba é um rio de águas salobras, porque recebe um aporte muito grande de águas do mar durante as marés cheias. Já foram registradas várias enchentes consecutivas em épocas de inverno, nos de 1940, 1960, 1980 e 2000 (Silva, 2020)

> apenas, nesse facto, um único benefício, um benefício que aproveita a mocidade de nossa terra, mas, nós, desde que tivemos notícia de que Maroim ia ter um Grupo, começamos a ver, dentro deste benefício um outro que nos não deve escapar. Todos sabem também que a cidade está à carência de diversos melhoramentos, que devemos luctar para alcança-los. [...]. Agora, está em nossas mãos trabalhar para que cessem estas dificuldades, e o momento nos proporciona um bom passo para tal fim. As novas construções de Maroim devem caminhar para a Estação e o grupo escolar pensamos, deveria ser edificado na Praça da Boa Hora, que é larga e de futuro. Assim, iremos disfarçando a longetude da estrada de ferro e puxando para lá as construções modernas, até um dia ficarmos com uma praça linda e perto da Estação e com a cidade muito augmentada. Pensamos que o digno Intendente deste município se deve esforçar de ser na Boa Hora[18] o grupo escolar (Jornal *O Commercio*. Maroim -Sergipe. 1º de maio de 1917).

O pensamento dos editores desse periódico refletia o desejo de parcela da população. A Boa Hora, de que trata o referido artigo, funcionou como Igreja Matriz do município antes da construção da Igreja de Senhor dos Passos, inaugurada em 1862 (Silva, 2020). O espaço urbano começou a ser ocupado da região norte para a região sul.

Convém informar que a implantação do ensino seriado já era realidade em diversos municípios do interior sergipano. Na década de 1910, já existia o Grupo Escolar Coelho e Campos, em Capela, e nos anos 20 do século XX, ocorreu a instalação em Lagarto, do Grupo Escolar Sílvio Romero; em Estância, do Grupo Escolar Gumercindo Bessa; em Simão Dias (antiga Anápolis), do Grupo Escolar Fausto Cardoso; em Propriá, do Grupo Escolar João Fernandes de Brito; em Boquim, do Grupo Escolar Severiano Cardoso; em Aracaju, do Grupo Escolar José Augusto Garcez (Oliveira, Oliveira e Costa, 2024). Maruim, somente conseguiu a instalação do seu primeiro Grupo em 1935. Itabaiana, Laranjeiras e Riachuelo instalaram o grupo escolar também na década de 1930[19].

O prédio onde funcionou o Grupo Escolar Padre Dantas foi adquirido em agosto de 1934, pelo Governo do Estado de Sergipe, cuja compra alcançou o valor de sessenta contos de réis (60:000$000), conforme escritura lavrada no Livro de Registro de Imóveis (1934-1935, pp. 26-27) do Cartório do 1º Ofício de Maruim, pelo tabelião Alcebíades Correia Dantas.

Em entrevista concedida a Maria Lúcia Marques, em 25 de julho de 2007, José Maynard informou que,

> quando inaugurou o Padre Dantas, eu não fui estudar lá porque estava concluindo o Curso Primário na escola da professora Ana Lobão. O grupo oferecia ensino misto (para o sexo masculino e feminino). Minhas tias

[18]Vale registrar que os anseios do povo de Maruim realizar-se-iam décadas depois, pois foi nessa localidade que construíram o Colégio Municipal Sabino Ribeiro e o Ginásio de Esporte Augusto Franco (Silva, 2020).
[19] Cf. Decreto-Lei n. 5 de 27 de novembro de 1937 (crea grupos escolares nas cidades de Riachuelo, Laranjeiras e Itabaiana). Coleção de Leis e Decretos do Estado de Sergipe. Aracaju: Imprensa Oficial, 1937.

> moravam em frente à casa de Gaspar Leal, um dos diretores da fábrica de tecidos. A residência (assobradada) foi vendida ao Estado e sofreu algumas mudanças na sua estrutura física. Mudaram a fachada em que colocaram o nome lá no alto: Grupo Escolar Pe. Dantas (Maynard, 2007).

O prédio era a residência do industrial e ex-intendente de Maruim, Gaspar Leal. Em 1934, foi adquirido pelo governo do Estado para que nele funcionasse o grupo escolar. A instalação de uma escola primária pública, em um prédio imponente, visava estabelecer relações entre arquitetura e práticas educativas, com o intuito de dar visibilidade à cultura escolar que se instaurou no país após a Proclamação da República, com a instituição do ensino seriado. Em Maruim, esse era um dos únicos prédios que estavam de acordo com a "exigência" para constituição dos grupos escolares, com uma fachada majestosa, que transmitiria a seriedade que almejada no processo educativo republicano.

Segundo M. I. dos Santos (2024), uma das lembranças mais marcantes do "Padre Dantas" era a escada da escola. "Eu achava muito bonita. Eu lembro muito da escada. É muito parecida com a que tem no Museu da Gente Sergipana"[20].

O período em que mais se construiu grupos escolares, em Sergipe, foi no governo de Graccho Cardoso (1922-1926)[21], marcado com o período apoteótico de disseminação das escolas primárias do ideário republicano. No entanto, diferentemente dessa proposta republicana de construir prédios suntuosos para abrigar grupos escolares, em Maruim, ocorreu de forma diferente, pois o GEPD foi instalado numa residência adaptada para o fim educacional.

Os termos de inspeção de 1940, 1942, 1947 e 1948 já chamavam a atenção para o prédio que abrigava o GEPD não ser propício para sediar um estabelecimento de ensino. Como era uma residência, não passou por reformas que o adaptassem e o transformassem em uma edificação escolar, precisando de reparos desde o primeiro momento. Vejamos uma imagem do GEPD, anos depois da sua instalação:

[20] O prédio que hoje abriga o Museu da Gente Sergipana sediou o então Atheneu Pedro II (atual Atheneu Sergipense), na década de 1920, mais precisamente no dia 13/08/1926, até a década de 1950, quando foi transferido para a nova sede na Praça Graccho Cardoso, onde está localizado até os dias atuais.

[21] O governo Graccho Cardoso marcou o apogeu e o declínio da difusão dos grupos escolares em Sergipe. Após a sua gestão, ocorreu mais um lapso no processo de propagação desse modelo de instituição e, com o retorno, na década seguinte, as características arquitetônicas já não eram as mesmas. A racionalidade tinha sido fortalecida e o traçado tornou-se mais simples, excluindo a ornamentação neoclássica. A imponência tinha sido reduzida bruscamente (Santos, 2011, p. 44).

Figura 1 – Fachada do Grupo Escolar Padre Dantas – Maruim/SE, 1957.

Fonte: Cópia contato feita a partir de negativo em vidro.
Acervo particular da professora Maria Lúcia Marques. Fotografia da autora.

A imagem da figura 1 parece ser a única do Grupo Escolar Padre Dantas, feita a partir de negativo em vidro e fotografada por Edson Lemos (Seu Decinho), em 1957. Ao portão, encontra-se o Sr. Durval Siqueira, porteiro, carinhosamente chamado de Siqueirinha, que está usando em sua lapela, uma fita preta, representando o luto a Gonçalo Rollemberg do Prado[22], seu padrinho, falecido no referido ano (Silva, 1994, p. 185).

> O Grupo tinha uma arquitetura bonita e vistosa. Apesar do medo das normas educativas exigidas, as crianças sentiam orgulho daquela construção que se destacava na paisagem. As portas não se cansavam de dar boas-vindas e portavam-se receptivas pela importância daquela ambiência. O tom (pastel) de tinta que revestia as portas e janelas de madeira, fazia realçar, ainda mais, o colorido dos vitrôs artisticamente distribuídos em semicírculos. De dentro das salas, as cores das bandeiras das portas e janelas envidraçadas ficavam mais vivas quando deixavam passar a luz solar. As cores, verde, vermelha, azul e amarela, no alto dos caixilhos de madeira, inspiravam os estudantes. Esses

[22] Gonçalo Rollemberg do Prado, mais conhecido como Coronel Gonçalo ou Gonçalinho das Pedras (usina de cana-de-açúcar), nasceu no Engenho Topo, município de Capela, no dia 16 de março de 1879, e faleceu em 3 de agosto de 1957, na cidade de Aracaju. Filho de Gonçalo Vieira de Melo e Luiza Rollemberg Prado. Sua mãe faleceu no seu parto, ao dar à luz aos 13 anos de idade. Casou-se em 10 de novembro de 1900 com Maria Rollemberg da Cruz Prado, conhecida como Dona Marieta das Pedras. Dessa união, teve 5 filhos. Fora do casamento, foram 17, todos reconhecidos no tocante a uma parte da herança. Foi prefeito de Maruim no período de 1932 a 1939. Após seu mandato, seus correlegionários assumiram tal função até o ano 1966, quando o candidato da oposição passa a assumir o cargo de prefeito. Um dos seus aliados era o médico Alcides Pereira, diretor do GEPD, que foi prefeito de Maruim nas legislaturas de 1945-1950 e 1955-1960. Em Sergipe, o nome de Coronel Gonçalo é símbolo da história política e econômica. Em Maruim, batizou um grupo escolar, na Usina Pedras, e a praça de esportes na sede municipal. Em Aracaju, uma das avenidas do centro da cidade leva seu nome (Silva, 2020).

> fragmentos de distintos tons lembravam preciosas pedras dos anéis que serviriam, mais tarde, para conferir o grau em determinadas formações acadêmicas (Silva, 2023, pp. 75-76).

Mesmo a fotografia sendo em preto e branco, a partir da descrição de Silva (2023), é possível compreender os detalhes do espaço escolar: como a cor; a existência de vitrais coloridos, como também os detalhes das portas e seu entorno. Em tom memorialístico, a ex-aluna recorda da sua escola e faz relações no tempo presente, como também interliga esse espaço com a conclusão do curso e o rito da formatura marcado, por entre outros artefatos, pelo anel e suas pedras com cores e significados distintos.

Para melhor situar o GEPD no espaço geográfico, faz-se necessário explicar, em algumas linhas, a posição geográfica de Maruim e o contexto social e econômico que tal município estava vivenciando no período de criação do Grupo Escolar. O ano era 1935. O país estava sendo governado por Getúlio Vargas e, em Sergipe, assumiu o cargo de intendente o Gel. Augusto Maynard, numa briga acirrada pelo poder (Dantas, 2022).

Localizado na próspera região Cotinguiba de outrora, o município de Maruim teve uma economia próspera, na segunda metade do século XIX, com a saída e fechamento de importantes firmas estrangeiras (A. Schramm & Cia), fundamentado na cultura da cana de açúcar e do algodão. Segundo Silva (2020), Maruim despontou no cenário sergipano, em função de sua privilegiada posição geográfica e, consequentemente, da sua hegemonia econômica (comércio e indústria), na cultura (Gabinete de Leitura de Maruim – 1877), na política (com suas lideranças locais, a exemplo de João Gomes de Melo – o Barão de Maruim (1809-1890) entre outros.

Foi a partir das primeiras décadas do século pretérito, que a cidade assistiu o declínio sociocultural. A ferrovia de 1914, contribuiu para a queda do comércio, assim como, a inauguração da ponte de Pedra Branca sobre o rio Sergipe, em 1933, no governo Getúlio Vargas. Tudo isso fez com que as grandes firmas comerciais fossem investir na capital, Aracaju.

Conforme depoimento[23] da ex-aluna Maria Pastora dos Santos (1919-2017), que disse ter participado da inauguração da escola, o Grupo Escolar Padre Dantas foi inaugurado em 17/03/1935 (Silva, 1994). No entanto, como informado anteriormente, o prédio que abrigou a escola foi demolido e os documentos foram levados para o Grupo Escolar Dr. Alcides Pereira (1965), no mesmo município, e, por esse estabelecimento estar localizado em uma área baixa, próximo ao manguezal, devido às frequentes chuvas e às enchentes, muita documentação foi

[23] Entrevista concedida a Silva (2009).

perdida, o que dificultou encontrar a data oficial da sua inauguração. Mesmo assim, fazia-se necessário saber quando foi fundada a instituição pela qual as discentes, sujeitos dessa dissertação, estudaram, bem como, para prestar essa informação à população maruinense e fundamentar ainda mais o estudo.

Consultando os arquivos da BPED, no livro de Leis Decretos do Estado de Sergipe de 1935, localizou-se o decreto nº 280, de 18 de fevereiro do mesmo ano, que criou o GEPD.

> DECRETO N. 280 DE 18 DE FEVEREIRO DE 1935
>
> Crea o Grupo Escolar "Padre Dantas" na cidade de Maroim.
>
> O Interventor Federal no Estado de Sergipe, considerando acharem-se concluídos os trabalhos de remodelação e adaptação, na cidade de Maroim, do edifício destinado ao funccionamento de um grupo escolar, no uso de suas atribuições,
>
> Decreta:
> Art. 1º. É creado um grupo escolar na cidade de Maroim, com a denominação de Grupo Escolar "Padre Dantas", destinado a ministrar ensino primario a alumnos dos dois sexos.
> Art. 2º. O corpo docente do Grupo ora creado será constituído de seis professoras das escolas isoladas existentes na referida cidade e o administrativo, de um director, um porteiro e um servente, com os vencimentos fixados na tabella n. 11, annexa ao Decreto n. 272, de 31 de Dezembro de 1934, para os demais Grupos de igual cathegoria.
> Art. 3º. Fica aberto o credito necessário ao custeio das despesas oriundas deste decreto, no corrente exercício.
> Art. 4º. Revogam-se as disposições em contrario.
>
> Palacio do Interventor Federal no Estado de Sergipe, Aracaju, 18 de fevereiro de 1935, 47º da Republica.
>
> AUGUSTO MAYNARD GOMES
> Nicanor Robeiro Nunes.

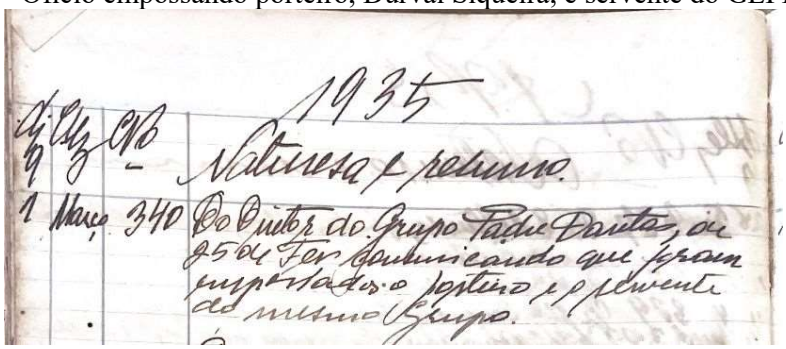
E, após a pesquisa e cruzamento de dados, encontrou-se a data 04 de março de 1935. Em consulta aos Diários Oficiais de março e abril de 1935, no acervo do CEMAS, no Expediente do dia 12 de abril de 1935, da Directoria Geral de Instrucção Publica, em "Offícios recebidos", consta a informação "Do Sr. Director do Grupo Escolar Padre Dantas – comunicando que as professoras daquele Grupo tomaram posse de seus cargos em data de 25 de fevereiro" (Diário Oficial de Sergipe, 14 de abril de 1935, p. 4716).

> É importante ter em mente, em primeiro lugar, que a constituição dos conjuntos de documentos que compõem um arquivo implica, necessariamente, diversos processos seletivos (...). O documento, portanto, não preexiste ao arquivo: um determinado artefato se constitui em documento

> na medida em que é associado, por diferentes pessoas, a uma série de concepções de valor, memória e passado, que o levam a ser preservado (Castro, 2008, p. 29).

Esses documentos salvaguardados, principalmente no livro de ofícios recebidos, com a data de criação do GEPD, e os diários oficiais, com as datas da posse dos funcionários, são relevantes para a história dessa instituição e mesmo para a história local de Maruim. Consultando o "Livro para registro de papéis, encontrados na Diretoria Geral da Instrucção Pública" (a partir de 23 de julho de 1934), salvaguardado no APES, confirmou-se a notícia da posse das professoras em 25 de fevereiro de 1935, bem como do porteiro e servente, na mesma data (DIRETORIA GERAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA. Livro para registro de papéis entrados na Diretoria. 22 de julho de 1934), conforme se observa na figura 2.

Figura 2 – Ofício empossando porteiro, Durval Siqueira, e servente do GEPD (1935).

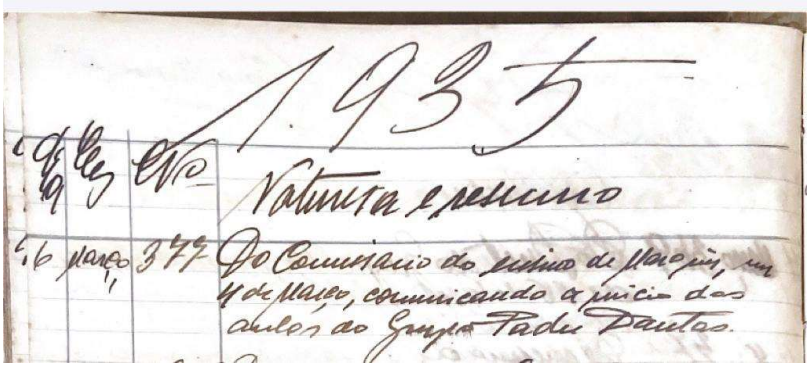


Fonte: 1934 e 1935 – Ofícios procedência: professores, diretores de Grupos, Comissário de ensino etc. BR SEAPES, E[1] 24. Fotografia da autora.

Além do ofício 340, de 01 de março de 1935, comunicando a posse do porteiro, Durval Siqueira, e do servente, no GEPD, em 25 de fevereiro do corrente ano, encontrou-se o dia do início das atividades do GEPD: 04 de março de 1935, uma segunda-feira. Essa informação está descrita no ofício nº 377, de 06 de março de 1935, "Do comissário do ensino[24] de Maruim, em 4 de março, comunicando o início das aulas do Grupo Escolar Padre Dantas", conforme figura 3.

[24] De acordo com art. 28, do decreto n. 25, de 3 de fevereiro de 1931, que dá novo regulamento à Instrução Primária do Estado, "para os cargos de commissarios do ensino serão nomeados pelo Governo, preferencialmente, promotores públicos, juízes e parochos, ou diplomados de qualquer carreira, competindo-lhes: a) substituir os inspectores na ausência dos mesmos, na fiscalização do serviço escolar" (p.8).

Figura 3 – Ofício início das atividades GEPD



Fonte: 1934 e 1935 – Ofícios procedência: professores, diretores de Grupos, Comissário de ensino etc. BR SEAPES, E[1] 24. Fotografia da autora.

O GEPD estava localizado na Rua General Siqueira, nº 63, a poucos passos da residência de Neilde Lemos. Esse foi um dos motivos, também, de seus pais terem escolhido esse estabelecimento escolar para ela e seus irmãos estudarem. O nome se deu em homenagem ao padre Antônio Leonardo da Silveira Dantas (1858-1919), cuja figura 4 pode-se ver a seguir:

Figura 4 - Antônio Leonardo da Silveira Dantas (Padre Dantas)

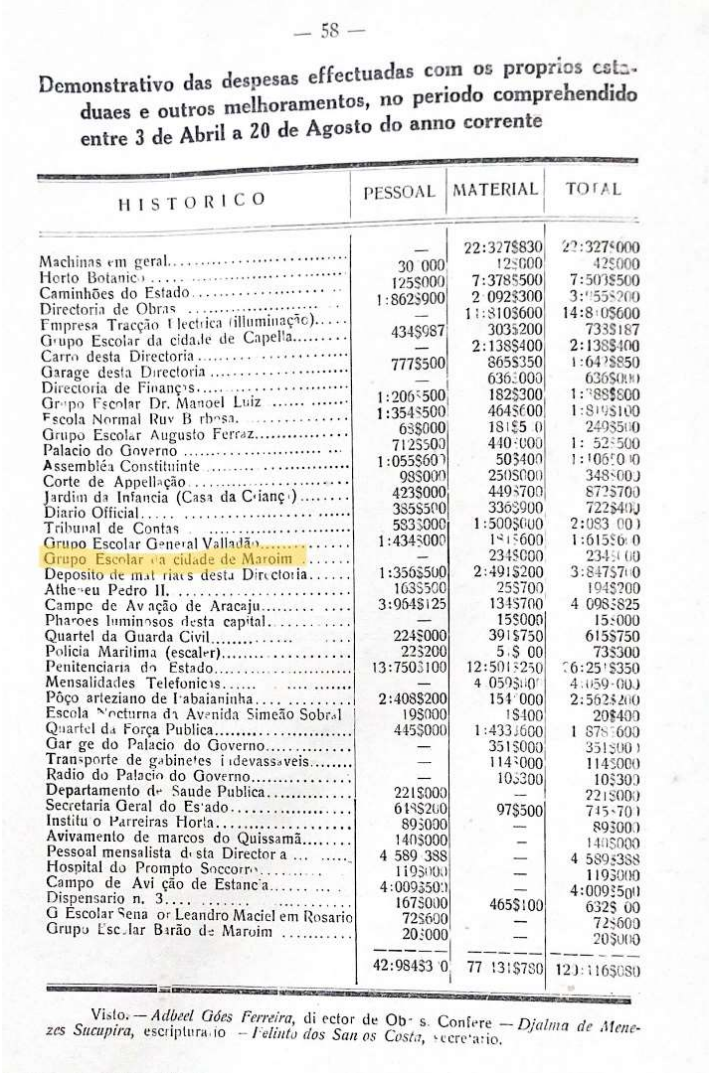
Fonte: Dicionário Bibliográfico Manoel Armindo Cordeiro Guaraná. Fotografia da autora.

Antônio Leonardo da Silveira Dantas, nasceu em 01 de fevereiro de 1858, no Engenho Forno, no município de Divina Pastora, e faleceu em Santo Amaro das Brotas, em 07 de março de 1919. Entre as homenagens recebidas, foi escolhido para patrono do GEP, inaugurado em 1935, no governo de Maynard Gomes, na cidade de Maruim. Registra-se que, além das atividades políticas, o trabalho missionário do padre Dantas foi reconhecido pelo povo de Maruim (Guaraná, 1925). Segundo Liberato Bittencourt:

> Padre e político. Nasceu em Sergipe, que presidiu em março de 1896, como presidente da Assembleia, na ausência do presidente eleito, coronel Valadão. Deposto a 4 de setembro, foi reposto no dia seguinte pelo governo federal. Homem de baixa estatura, mas de vigorosa constituição, um tanto coxo, pleno de inteligência e de erudição, foi excelente pregador em quase todas as cidades sergipanas, onde é muito conhecido e estimado (Bittencourt, 1912, pp. 37-38).

Como informado anteriormente, o GEPD iniciou suas atividades em 04 de março de 1935. E, no mesmo ano, o Governo já disponibilizou verbas para as despesas da escola, como se pode ver no quadro demonstrativo de despesas, efetuadas com verbas estaduais, no período de 2 de abril a 3 de agosto de 1935. Pode-se observar que houve um gasto com material, de 234$000 réis, com o "Grupo Escolar da cidade de Maroim", conforme figura 5.

Figura 5 – Demonstrativo das despesas do Estado - 1935



— 58 —

Demonstrativo das despesas effectuadas com os proprios estaduaes e outros melhoramentos, no periodo comprehendido entre 3 de Abril a 20 de Agosto do anno corrente

HISTORICO	PESSOAL	MATERIAL	TOTAL
Machinas em geral	—	22:327$830	22:327$000
Horto Botanico	30 000	12$000	42$000
Caminhões do Estado	125$000	7:378$500	7:503$500
Directoria de Obras	1:862$900	2 092$300	3:955$200
Empresa Tracção Electrica (illuminação)	—	1:810$600	14:810$600
Grupo Escolar da cidade de Capella	434$987	303$200	738$187
Carro desta Directoria	—	2:138$400	2:138$400
Garage desta Directoria	777$500	865$350	1:647$850
Directoria de Finanças	—	636$000	636$000
Grupo Escolar Dr. Manoel Luiz	1:206$500	182$300	1:388$800
Escola Normal Ruy Barbosa	1:354$500	464$600	1:819$100
Grupo Escolar Augusto Ferraz	68$000	181$500	249$500
Palacio do Governo	712$500	440$000	1:152$500
Assembléa Constituinte	1:055$600	50$400	1:106$000
Corte de Appellação	98$000	250$000	348$000
Jardim da Infancia (Casa da Criança)	423$000	449$700	872$700
Diario Official	385$500	336$900	722$400
Tribunal de Contas	583$000	1:500$000	2:083$000
Grupo Escolar General Valladão	1:434$000	181$600	1:615$600
Grupo Escolar da cidade de Maroim	—	234$000	234$000
Deposito de materiaes desta Directoria	1:356$500	2:491$200	3:847$700
Atheneu Pedro II	168$500	25$700	194$200
Campo de Avação de Aracaju	3:964$125	134$700	4 098$825
Pharoes luminosos desta capital	—	15$000	15$000
Quartel da Guarda Civil	224$000	391$750	615$750
Policia Maritima (escaler)	223$200	5.$ 00	73$300
Penitenciaria do Estado	13:750$100	12:501$250	26:251$350
Mensalidades Telefonicas	—	4 059$00	4:059$000
Pôço arteziano de Tabaianinha	2:408$200	154 000	2:562$200
Escola Nocturna da Avenida Simeão Sobral	19$000	1$400	20$400
Quartel da Força Publica	445$000	1:433$600	1 878$600
Gar ge do Palacio do Governo	—	351$000	351$000
Transporte de gabinetes indevassaveis	—	114$000	114$000
Radio do Palacio do Governo	—	10$300	10$300
Departamento de Saude Publica	221$000	—	221$000
Secretaria Geral do Estado	618$200	97$500	715$700
Instituto Parreiras Horta	89$000	—	89$000
Avivamento de marcos do Quissamã	140$000	—	140$000
Pessoal mensalista desta Directoria	4 589 388	—	4 589$388
Hospital do Prompto Soccorro	119$000	—	119$000
Campo de Aviação de Estancia	4:009$500	—	4:009$500
Dispensario n. 3	167$000	465$100	632$ 00
G Escolar Senador Leandro Maciel em Rosario	72$600	—	72$600
Grupo Escolar Barão de Maroim	20$000	—	20$000
	42:984$3 0	77 131$780	120:116$080

Visto. — *Adhemar Góes Ferreira*, director de Obras. Confere — *Djalma de Menezes Sucupira*, escripturario — *Felinto dos Santos Costa*, secretario.

Fonte: Demonstrativo de despesas do Estado 1935. BR SEAPES E[6]1146. Fotografia da autora.

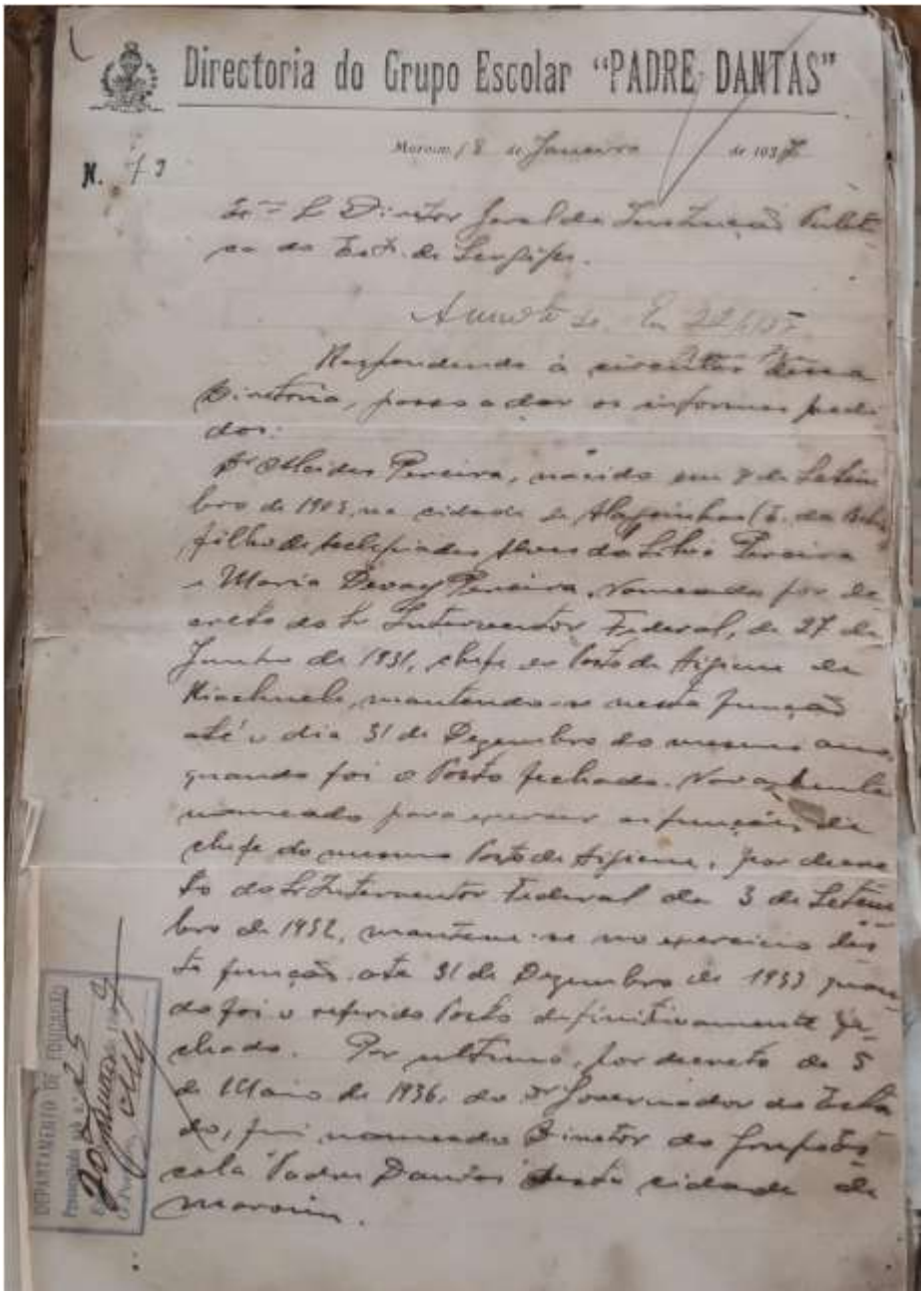
Essa mensagem foi apresentada à Assembleia Legislativa do Estado, em 7 de setembro de 1935, pelo Dr. Eronides Ferreira de Carvalho informando as despesas de vários setores administrativos do Estado de Sergipe. Nesse demonstrativo estão explícitos gastos para o "melhoramento" na área da segurança, saúde e, principalmente, da educação, com verbas para Escola Normal, Jardim de Infância e Grupos Escolares, a exemplo do GEPD, que, nesse ano, tinha acabado de ser inaugurado, precisando de recursos para compra de material e pagamento dos profissionais que lá atuavam.

Esteve à frente, dirigindo o GEPD, durante 15 anos, o médico Dr. Alcides Alves da Silva Pereira. Em relatório elaborado por Manuel Franco Freire, enquanto Diretor Geral da Instrução Pública, na década de 1930, já se observava a preocupação em delegar a um médico a direção dos grupos escolares, como feito no Grupo Escolar Padre Dantas.

> Sou da opinião que se deve sempre que possível confiar sua direção (grupos escolares) a médicos, enquanto não formamos pessoal capaz para a administração escolar, por ser o médico um profissional cuja actividade mais próxima se acha do educador, para atender às necessidades da nossa população escolar, na sua grande maioria carecente de saúde. Com essa política educacional poderíamos installar nos grupos pequenos serviços de puericultura, medida de alcance inestimável, principalmente no interior do Estado (Manuel Franco Freire – Director Geral de Instrução Pública). (SERGIPE, 1936)

Esse discurso estava intimamente relacionado aos princípios de higienismo, em voga, no país, na primeira República, que pretendo aprimorar em trabalhos futuros. Com base em Rocha (2003), a ideia era criar hábitos de higiene nas crianças, para resguardar a infância das moléstias e debilidades, visando o combate das epidemias e endemias, incumbindo à escola primária a educação sanitária através dos médicos-higienistas. Alcides Pereira, antes de ser nomeado diretor do GEPD, assumiu algumas funções públicas como médico, conforme figura 6.

Figura 6 – Ofício nº 79, de 18 de janeiro de 1937, informando a data da posse de Alcides Pereira no GEPD



Directoria do Grupo Escolar "PADRE DANTAS"

Maranguape, 18 de Janeiro de 1937

N. 79

Ao Sr. Diretor Geral da Instrução Publica do Estado do Ceará.

Assunto: Informações

Respondendo á circular desta Diretoria, passo a dar as informações pedidas:

Alcides Pereira, nascido em 7 de Fevereiro de 1903, na cidade de Alagoinhas (Estado da Bahia), filho de pessoas pobres de Libio Pereira e Maria Bezerra Pereira, nomeado por decreto do Sr. Interventor Federal, de 27 de Junho de 1931, chefe do Posto de Higiene de Riachuelo, mantendo-se nesta função até o dia 31 de Dezembro do mesmo ano, quando foi o Posto fechado. Novamente nomeado para exercer a função de chefe do mesmo Posto de Higiene, por decreto do Interventor Federal de 3 de Setembro de 1932, manteve-se no exercicio desta função até 31 de Dezembro de 1933 quando foi o referido Posto definitivamente fechado. Por ultimo, por decreto de 5 de Maio de 1936, do Sr. Governador do Estado, foi nomeado Diretor do Grupo Escolar Padre Dantas desta cidade de Maranguape.

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Fonte: Ofício expedido Grupo Escolar Padre Dantas. BRSEAPES, E[1]282. Fotografia da autora.

Na figura anterior, visualiza-se o ofício expedido pela Diretoria do GEPD, 18 de janeiro de 1937, ao Diretor Geral de Instrução Pública, em reposta a uma circular, informando que Alcides Pereira fora nomeado por decreto do Interventor Federal, em 27 de junho de 1931, para ser chefe do Posto de Higiene da cidade de Riachuelo, e se manteve nessa função até 31 de dezembro o mesmo ano, quando o posto foi fechado. Novamente, em 3 de setembro de 1932, foi nomeado para o mesmo cargo, no qual se manteve até 31 de dezembro de 1933, quando o

referido posto foi fechado definitivamente. E, pelo decreto do Governador do Estado de 5 de maio de 1936, foi nomeado Diretor do Grupo Escolar Padre Dantas.

É oportuno registrar que, conforme documentos, como os termos de inspeção, por exemplo, o Grupo Escolar Padre Dantas, desde o primeiro ano de existência, necessitava de inadiáveis reformas para melhor se adequar às normas pedagógicas. Por isso, o médico Alcides Alves da Silva Pereira, que foi, também, prefeito de Maruim em duas legislaturas, e dirigiu essa escola de 1936 a 1950, subscreveu um projeto solicitando recursos dos cofres estaduais, objetivando a construção de um novo prédio para abrigar alunos e professores do antigo Grupo de Maruim. Esse político, que fazia parte da bancada de oposição ao governo de Luiz Garcia (1959-1962), da União Democrática Nacional - UDN, teve seu projeto reprovado pela maioria de seus pares (Silva, 1997).

Contudo, o parlamentar conseguiu realizar seus intentos através de recursos oriundos da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE[25]. A construção da nova escola Alcides Pereira, inaugurada em 1965, com o nome de Grupo Dr. Alcides Pereira, foi uma realização conjunta dos governos do Brasil e dos Estados Unidos da América do Norte, através de convênio entre o Estado de Sergipe, SUDENE e USAID dentro do programa *Aliança para o Progresso*. Era chefe do Poder Executivo o governador Celso de Carvalho, e a pasta da Educação estava sob a responsabilidade de Manoel Cabral Machado[26]. Essa informação está descrita na placa de inauguração, exposta no atual Colégio Estadual Dr. Alcides Pereira, em Maruim.

As aulas no GEPD ocorriam no turno matutino e vespertino. Assim que chegavam à escola, e também quando acabavam as aulas, no final do turno, de acordo com Silva (2024), os estudantes se organizavam em fila para cantar os hinos pátrios, no vão que ficava no andar de cima, e se posicionavam uns atrás do outros, um costume nas escolas republicanas, como forma de respeito à bandeira e à pátria, usada, também, como uma das formas para civilizar a população.

M. I. dos Santos (2024), também recorda desse momento cívico, antes de começar as aulas. A diretora, na época, Maria de Lourdes Monte, fazia-os cantar os hinos de acordo com a data comemorativa. “No dia 07 de setembro, a gente cantava o Hino da Independência do Brasil. No dia 15 de novembro, o Hino da Proclamação da República. E no dia 19 de novembro, o Hino à Bandeira Nacional. E nós sabíamos cantar todos”.

---

[25] Para maiores informações sobre a SUDENE em Sergipe, consultar NASCIMENTO (1991).
[26] Para saber mais, consultar OLIVEIRA (2015).

Após o hino, todos se dirigiam para suas salas. E foi em um desses dias, ao descer as escadas em direção à sua sala, que aconteceu algo com Lemos (2024),

> [...] quando foi uma vez, uma menina (não me lembro exatamente o nome dela), ela me empurrou, eu caí e quebrei a minha pedra (ardósia). Não sei se foi de propósito, mas quando cheguei em casa, levei uma bronca de mamãe porque tinha quebrado a pedra. Não me lembro exatamente se eu tomei uma surra. Aí tudo bem. No outro dia, quando eu cheguei na escola, eu fiz questão de ficar atrás dela. Imagina o que eu fiz? Já sabe, né? Ela rolou da escada abaixo. A metade da escada abaixo. Ela se levantou, chorou e foi para casa. E não tomei suspensão.

A pedra, como informado por Neilde, fazia parte do material didático utilizado pela escola. Era uma forma mais barata de aquisição de materiais escolares. Como disse Benito (2017), "[...] para entender a escola, para compreender o que ocorreu entre seus muros, é necessário mergulhar no que se passa realmente dentro das salas de aula e dos elementos que estruturam o cenário da educação formal e não formal" (p.35). Ainda, segundo ela, quem podia, comprava. "O governo não dava material escolar. Pasta eu nunca tive. Quando eu encontrava uma bolsa plástica para poder colocar um livro dentro, eu dava graças a Deus" (Lemos, 2024).

A ardósia era um tipo de quadrinho de giz usado pelos alunos para fazer as atividades de matemática, como treinar cálculos, por exemplo. De acordo com Barra (2001), "ela surgiu numa época em que se queira ensinar aos pobres" (p. 12), pois, nesse período, não tinha borrão ou folhas de caderno que pudessem ser utilizados para tais tarefas. Utilizar "materiais como papel ou pena de ganso, era inviável do ponto de vista econômico".

> Foi necessariamente com o fim de evitar a despeza que se fazia com o papel, quando se começava a aprender a escrever, que se pensou em aproveitar as folhas mais regulares e mais lisas da ardósia, sobre as quaes se podia com um lápis também de ardósia traçar caracteres sufficientemente visíveis (ARDOSIAS, 1886, p. 158).

Sua utilização escolar é atribuída a Pestalozzi, que a implementou nas escolas primárias da Suíça. Para apagar as atividades escritas na tal pedra, de acordo com Silva (2024), utilizava-se a folha de uma planta chamada "quebra pedra". As folhas dessa planta eram bem hidratadas. Por isso serviam para limpar a pedra. "A recordação é tão viva, tão presente, que se transforma no desejo de repetir o gesto e ensinar a arte a quem o escuta" (Bosi, 2023, p. 495).

Outro momento muito esperado pelos alunos era a hora do recreio. A escola servia um lanche que deixava todos ansiosos. Como a cozinha não ficava tão distante das salas da aula,

dava para sentir o cheiro das delícias que estavam sendo preparadas. “Tinha um café, que parecia café com Nescau. Tinha biscoito. Tinha um mingau de milho” (Lemos, 2024).

M. R. dos Santos (2024), também afirmou que o mingau era uma delícia, “feito com leite que vinha dos Estados Unidos. Era um lanche maravilhoso, que sustentava a gente praticamente o dia todo”. Seu Siqueirinha, o porteiro, era o responsável por organizar a fila do lanche. Cada um tinha seu caneco de alumínio para se servir e, caso sobrasse, podia voltar para o final da fila para repetir a dose, principalmente, os menores.

Esse leite procedente dos Estados Unidos, que Maria Raimunda informou, provavelmente foi trazido pelo programa Aliança para o Progresso. Além do leite, Silva (2024) recorda da sopa feita com feijão, também originário desse programa, que era servida sempre às sextas-feiras.

> Esse feijão era diferente do nosso. Era uma semente muito grande. Então, ele “dormia” na água. Aí no outro dia, ele já inchado, cozinhavam e tiravam a pele com a peneira. Era uma pele bem grossa. Cada aluno levava de casa tomate, cebola, pimentão verde, o que tivesse. Todo mundo chegava com um saquinho com a verdura na mão, num saco de papel, porque não tinha plástico naquela época. Era a sopa dos deuses. Ninguém conseguia estudar com cheiro dessa sopa. Dona Mari (Maria de Lourdes Viana) ia no açougue de Seu Toinho (Antônio Menezes Filho) para pedir ossos de carne. Ela comprava um pedacinho de carne e ele doava os ossos. E era assim... no dia que tinha sopa, a gente nem se concentrava direito nas aulas. Eu comia me queimando para poder repetir.

Todos esses relatos e acontecimentos do GEPD, fizeram parte da vida estudantil dos que por lá passaram. Eram quatro anos, de muitas vivências, experiências, até almejarem a tão sonhada conclusão do ensino primário, que era encerrado com a festa de formatura, nas escolas de Sergipe, assim como acontecia em diferentes partes do Brasil. “Cada geração tem, de sua cidade, a memória de acontecimentos que permanecem como pontos de demarcação em sua história” (Bosi, 2023, p. 435).

Tal como o rito da festa de formatura, outros foram criados para fortalecer e trazer um sentido de ordem ao processo de escolarização. Quase todos eles foram produzidos nas “encruzilhadas que implicam um processo de ‘passagem’ de uma situação a outra: por exemplo, na passagem de criança a aluno, da família à escola, de uma série à outra” (Benito, 2017, p. 78).

Para deixar registrada a solenidade do rito de passagem da formatura, sempre no último dia de aula, os discentes, docentes e corpo diretivo da escola, reuniam-se para tirar uma fotografia e deixar registrado o encerramento desse ciclo e o início de outro, constituindo-se o que Benito (2017) chamou de “repertório de ações”, em conjunto com as materialidades,

formando uma “cultura bem definida, por mais simplista e mecânico que nos possa parecer” (p.75). É o que ocorreu na figura 7, na qual visualiza-se os alunos da 4ª série, os professores e, ao centro, o então diretor da instituição, Dr. Alcides Pereira.

Figura 7 - Formandos do Curso Primário do GEPD - 1947

Fonte: acervo da família Góis. Fotografia da autora.

Nessa figura, cedida pela família Góis, estão os formandos do GEPD, do ano de 1947, dando visibilidade aos ritos da escola e às suas representações que, segundo Benito (2017, p. 91), “trazem alguns elementos reais e fictícios”. Ele ainda afirma que, as cenografias da escola, nos ritos de passagem pedagógicos trazem “crianças bem alinhadas [...] sujeitos agrupados e ordenados em níveis, escalas, filas, grupos de ação”, constituindo uma rotina presente no cotidiano das escolas antigas e atuais.

Na imagem anterior, encontram-se, além do diretor, Dr. Alcides Pereira, sentado, ao centro, três professoras da instituição, e três entes da mesma família, em destaque: os irmãos Paulo Góis da Silva, Maria Izabel Góis da Silva e Maria Rosa da Silva, que era docente da instituição. Pertencente a uma família com muitos filhos, todos os irmãos passaram pelos bancos do Grupo Escolar Padre Dantas.

Essa fotografia foi retirada numa residência que ficava em frente ao GEPD. Ao fundo da imagem, observamos duas portas e uma janela. As marcações de caneta foram feitas por familiares de Paulo Góis, o aluno que está em pé e tem um ponto acima de sua cabeça. Na foto, observa-se, também, os números 12/47, informando que era dezembro de 1947.

No total, são 16 formandos, sendo 13 do gênero feminino e, 3, do masculino. Todos segurando um papel que simboliza o diploma de formatura da 4ª série, e quase em sua totalidade, usando vestes claras. Observa-se, também, que os calçados são de gosto requintado,

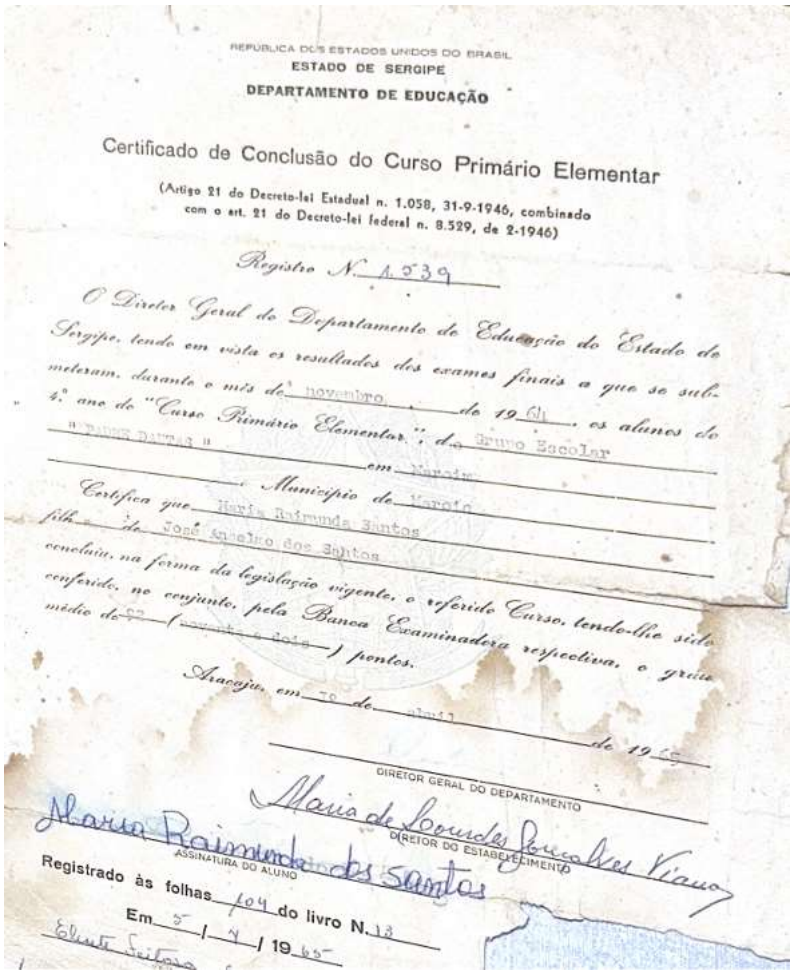
talvez tendo sido adquiridos com muito esforço financeiro, para fazer jus à importância daquele rito de passagem.

Concluir o curso primário era motivo de orgulho para toda a família. Esse rito de passagem mobilizava todos os integrantes da escola e da sociedade. Segundo Benito (2017),

> (...) a cultura da escola se desenvolve no mundo da vida e nos contextos que o integra; um âmbito constituído, por sua vez, por um complexo 'arquipélago de rituais' (...) Desse modo, o mundo da vida é um arquipélago de ritos, entre cujas ilhotas e mares circulam indivíduos que se educam e ao mesmo tempo se socializam (p. 82).

Cada formando possuía um padrinho, que o acompanhava na missa festiva e, depois, percorria as principais vias arteriais da cidade, de braços dados, até o GEPD, para o recebimento do diploma, diploma esse, que Maria Raimunda tem orgulho de guardar até hoje, conforme figura 8.

Figura 8 – Certificado de Conclusão do GEPD Maria Raimunda dos Santos (1965)



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
ESTADO DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO

Certificado de Conclusão do Curso Primário Elementar

(Artigo 21 do Decreto-lei Estadual n. 1.058, 31-9-1946, combinado com o art. 21 do Decreto-lei federal n. 8.529, de 2-1946)

Registro N. 1539

O Diretor Geral do Departamento de Educação do Estado de Sergipe, tendo em vista os resultados dos exames finais a que se submeteram, durante o mês de novembro de 1964, os alunos do 4.º ano do "Curso Primário Elementar", do Grupo Escolar "PADRE DANTAS" em Maroim, Município de Maroim

Certifica que Maria Raimunda Santos filha de José Anselmo dos Santos concluiu, na forma da legislação vigente, o referido Curso, tendo-lhe sido conferido, no conjunto, pela Banca Examinadora respectiva, o grau médio de 92 (noventa e dois) pontos.

Aracaju, em 30 de abril de 1965

DIRETOR GERAL DO DEPARTAMENTO

Maria de Lourdes Gonçalves Viana
DIRETOR DO ESTABELECIMENTO

Maria Raimunda dos Santos
ASSINATURA DO ALUNO

Registrado às folhas 104 do livro N. 13

Em 5 / 7 / 1965

Fonte: acervo particular de Maria Raimunda Santos. Fotografia da autora.

O diploma mostrado na figura, mesmo calejado pelas marcas do tempo, simboliza o troféu para essa estudante, e para todos aqueles que fizeram parte desse processo educativo. Concluir o primário, e alcançar novos degraus, era o sonho de muitos dos seus contemporâneos, mas, que, infelizmente, pelas condições econômicas do local, era realizado por poucos. Os formandos ainda disponibilizavam, como lembrança dessa solenidade, o "santinho" da missa de formatura, conforme figura 9.

Figura 9 – Santinho de formatura de Maria Lúcia Marques (1963)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Na figura anterior, observamos o "santinho" que era distribuído na missa de formatura dos concludentes do ensino primário do GEPD. Nele, constam agradecimentos às docentes, aos pais, aos colegas de turma e à diretora. Nesse período, quem estava na direção da escola era Maria de Lourdes Monte (Silva, 2024). E, há também a relação dos formandos, sendo um total de onze, sete do gênero feminino, entre elas Maria Lúcia, que é objeto dessa pesquisa, e quatro, do masculino.

> As condutas postas em prática na escola por alunos e professores, são condutas sujeitas a um padrão cerimonialista (...) uma espécie de protocolo prefixado de organização da vida escolar, que, com escassas variações, repete-se de escola em escola e de geração em geração, em contextos sociais distintos e em ciclos duráveis (Benito, 2017, p. 88).

O Curso Primário Elementar tinha uma proposta pedagógica que se fundamentava em munir os estudantes de conhecimentos para o trabalho e, acima de tudo, capacitá-los, a fim de enfrentar as adversidades da vida. Observa-se que, no âmbito das práticas educativas, discutiam-se questões de cunho moral em favor da pátria, da sociedade e da família.

Ao discursar na solenidade de encerramento do ano letivo do GEPD, em 5 de dezembro de 1950, a então diretora Ana Menezes Torres Nascimento (Anita) deixou patente, na sua mensagem, a preocupação com o futuro dos formandos, porque, com a experiência do exercício do magistério, ela cristalizou o seu desejo de vê-los realizados profissionalmente.

> Excmº. Cel. Gonçalo Prado mui d. representante do Poder Legislativo[27] nesta cidade. Excmº. Sr. Dr. Alcides Pereira, prefeito do município de Maruim. Demais autoridades, Senhores, caras colegas, meus alunos: [...] Emocionada vejo-vos neste dia de despedida tão jovens, tão jubilosos pelo primeiro triunfo, tão confiantes na vida que eu desejara dar-vos como bússola, à longa rota para o porvir, a felicidade. Mas como todas as mestras sou impotente, sou talvez uma incompreendida. Desejando auxiliar-vos a trabalhar com afinco, sem esmorecimento para conseguirdes mais tarde, uma posição digna na sociedade, direi, apenas, como estímulo, nesta hora em que a alegria a alegria a todos domina estas reflexões do Mestre Divino: "Se fordes felizes tornai os outros felizes; se fordes infelizes lembrai-vos de que há inúmeros mais infelizes do que vós", Assim seguireis sempre avante e, destemerosos ávidos de glória, de atingir o máximo de vossa capacidade, vencerás. [...] Deixando hoje esta casa de ensino, não leveis recordações melancólicas e, nem guardeis nos vossos corações juvenis, ressentimentos inúteis. Lembrai-vos de que foi nela, que recebestes os primeiros ensinamentos, os primeiros conselhos para a formação da vossa personalidade. [...] Agora, ao concluir, aceite mais um conselho amigo: não adormeçais sobre esses primeiros louros mas trabalhai e continuai a trabalhar sempre, estudando, instruindo-vos, sempre em direção do porvir e tratai de elevar-vos, de engrandecer-vos para que possais, compreendendo a vida, enobrecendo-a com ações meritórias, melhor compreender a humanidade e perdoar-lhes as suas fraquezas.
> Sede ditosos!
>
> Ana Menezes Torres Nascimento (Anita)
>
> Maroim, 5 de dezembro de 1950[28].

[27] Convém informar que essa liderança política também exerceu o cargo de vereador do município de Maruim.
[28] Fonte: Acervo particular dos familiares da diretora Ana Menezes.

No seu discurso, a professora Anita expressou algumas práticas pedagógicas e a cultura escolar adotadas no Grupo Escolar Padre Dantas. A conclusão do ensino foi o primeiro triunfo do que estava por vir. Ela aconselha que os alunos não levem para a vida, recordações melancólicas ou ressentimentos, vivenciados por alguns estudantes ao, por exemplo, receber uma nota baixa, nas avaliações, ou sofrer uma admoestação verbal pela prática de algum ato que não estivesse de acordo com as normas escolares. Aos jovens ali presentes, ela os alerta que se deve vencer na vida pelo esforço e, especialmente, pelo trabalho. A conclusão do ensino primário era o passo inicial para percorrer novos degraus.

Para entender um pouco mais sobre a materialidade escolar do GEPD, foi preciso trazer à tona os termos de inspeção. Essa documentação, de grande relevância, traz relatos dos inspetores, que tinham a função de fiscalizar e orientar o corpo docente, discente e administrativo das escolas. Conforme Almeida:

> A inspeção escolar era um serviço realizado para averiguar se os trabalhos feitos pelos agentes educacionais, no cotidiano das instituições de ensino, atendiam às diretrizes e às normas legais de ensino. Com o intuito de direcionar os professores e de fazer cumprir as normas dos regulamentos educacionais, os inspetores escolares foram os profissionais utilizados para serem os "olhos vigilantes" do Estado (Almeida, 2009, p. 57).

De acordo com artigo 20, do decreto n. 25, de 3 de fevereiro de 1931, que conferiu novo regulamento à Instrucção Primária do Estado, "A inspecção technica escolar cabe aos inspectores do ensino, que serão distribuídos por districtos, com número mais ou menos igual de municípios". Além disso, o seu artigo 22 afirma que "todas as escolas serão inspeccionadas, ao menos uma vez por anno, obedecendo ao roteiro organizado na Secretaria de Instrucção".

Conforme Sebrão sobrinho,

> Ano a ano, classe por classe, verificando seção por seção, com a acuidade que me merece sempre fazê-lo, procurei minudenciar o rendimento dos alunos deste estabelecimento de ensino em as diversas disciplinas atinentes ao programa vigente, observando, verificando, prestando toda minha atenção nas exposições do corpo discente, do que coligi, felizmente, ótimo resultado, resultado que me dá ensejo a esperar, dos maruinenses de amanhã, sazonados frutos espirituais (SERGIPE. Sebrão sobrinho, 1940)

Como um presságio, Sebrão sobrinho, ao dissertar essas palavras, já vislumbrava um futuro promissor para os estudantes do Grupo Escolar Padre Dantas (GEPD). As palavras desse inspetor de ensino, ao visitar o GEPD, em 11 de setembro de 1940, apontam para a importância das inspeções para o bom andamento das instituições escolares, e, principalmente, para

compreendermos aspectos de quão sério era o trabalho dessas "sentinelas" da educação, assim denominados por Almeida (2009). A seriedade e o comprometimento com a educação são bem-vistos na minuciosidade de detalhes transcritos nesses documentos, que trazem aspectos da história de um lugar e de uma determinada época.

A partir de tal compreensão, problematizamos os oito termos de inspeção que apontam o funcionamento dessa escola primária pública, da cidade de Maruim/SE, nas décadas de 1930 a 1950. Os termos referentes aos anos de 1936, 1937, 1940 e 1942, foram escritos a próprio punho, relatando, ponto a ponto, detalhes do âmbito escolar. Neles constam, primeiramente, quem dirigia a escola no referido período e, logo abaixo, a quantidade de alunos matriculados, tanto do sexo masculino quanto do feminino.

Constam também: a classificação pedagógica, demonstrando quantos alunos havia em cada ano, do 1º ao 4º; a frequência do dia em que foi feita a inspeção; e o corpo docente de cada turma. Além disso, descrevem detalhes sobre a estrutura do prédio, bem como o material pedagógico e mobiliário escolar. Já os boletins de inspeção, assim denominados, de 1947, 1948, 1952 e 1953, ganharam uma nova formatação, sendo um formulário de modelo único e impresso, para todas as escolas do Estado, ficando mais fácil o seu preenchimento e trazendo detalhes sobre a instituição educativa.

Em relação à parte estrutural do prédio, no novo modelo de boletim de inspeção, há uma preocupação em saber se há área para educação física e recreio, antes relevada. De acordo com M. F. de J. Santos (2024), "as aulas de ginástica deveriam cumprir com o desígnio de desenvolver nas crianças as habilidades de agilidade e força, bem como educar os órgãos de locomoção e trabalho" (p. 153). Há também questionamentos sobre a iluminação e ornamentação das salas de aula e distribuição de água e instalações sanitárias em uma nítida relação do que acontecia em Sergipe com os preceitos escolanovistas que se espalhavam por várias partes do mundo nesse período histórico.

Como informado anteriormente, o GEPD teve suas aulas iniciadas em 04 de março de 1935, e em 18 de agosto de 1936 passou pela primeira inspeção que se tem conhecimento. O inspetor encarregado foi Levindo Cruz, que, no seu relatório escreveu:

> Preparar para vida, que tal a missão do educador moderno, 'não deve haver fronteiras entre a vida da escola e a vida comum'. É na escola de hoje que as creanças vão receber os ensinamentos que lhes proporcionem meios eficazzes de enfrentar a luta pela vida ao deixarem seus bancos (SERGIPE. Levindo Cruz, 1936, grifo meu).

Ao fazer tal explanação, Levindo Cruz tinha dado detalhes das tarefas que eram desenvolvidas na escola, com base no programa curricular, como, por exemplo, trabalhos manuais, com objetos talhados em cartolinas e recorte de costura. Além disso, atentou-se para os "centros de interesse"[29] e os "diários infantis", que deveriam trabalhar com "assumptos concretos, de fácil verificação pelos sentidos, a fim de que, com mais facilidade, possam as creanças observal-os e descrevel-os".

Nesse ano, o GEPD contou com 215 matrículas, sendo 95 do sexo masculino e 120, feminino, sendo distribuídos da seguinte forma: 1º ano – 100 alunos (61 da 1ª seção e 39 da 2ª seção); 2º ano – 81 alunos (39 da 1ª seção e 42 da 2ª seção); 3º ano – 34 alunos (9 da 1ª seção e 25 da 2ª seção). É importante observar que, em cada série, o aluno tinha que frequentar mais de um ano letivo. Isso ficou explicado no relato da aluna Maria Lúcia, a seguir. Segundo Vidal e Silva (2013), "tomar a cultura material na perspectiva de uma história sensorial da escola e da escolarização, requer dar destaque às experiências individuais e coletivas de construção de subjetividades" (p.38).

> Fazendo os cálculos aqui, eu me formei (no primário) em 1963. Eu devo ter entrado em 1959, porque antes eu frequentei uma escolinha da professora Santinha Liberato, pois era uma prática comum as crianças ingressarem numa escolinha antes de ingressar na escola pública oficial, que era Grupo Escolar Padre Dantas. Era como se fosse um Jardim de infância... era para você desasnar mesmo. Era para aprender a ler e escrever. A minha primeira professora mesmo foi minha irmã Maria Célia, que me ensinou a ler e a contar. Ela sempre estava comigo, ensinando. E, pelos cálculos, foi 1958, porque, no Grupo, tinha primeiro ano 1º e 2ª seções. Eu me lembro disso porque quando eu estava no primeiro ano "atrasado", na sala de baixo do Grupo, a diretora, dona Maria de Lourdes Costa Monte, passava visitando as salas. Ela gostava de sabatinar. Mandava os alunos abrirem um livro. Ela trouxe um livro de leitura e eu li. Ela abriu de novo e eu li. Aí ela perguntou à professora: "o que essa menina está fazendo nessa sala? Ela já sabe ler". E, nesse dia, ela pegou minhas coisas subiu comigo as escadas e me botou no primeiro ano "adiantado" (Silva, 2024).

De acordo com o relato de Maria Lúcia, observa-se como a educação pública ocorria de forma diferente em vários locais do país. Cada lugar adaptava a sua forma de ensino de acordo com as necessidades e dificuldade que eram encontradas. No caso do GEPD, o aluno ficava

[29] "Por meio de um modelo educativo que preza pela autonomia, a expressão e construção de conhecimentos coletivos, Decroly elegeu seis áreas ou centros de interesse que podem substituir as disciplinas curriculares e não causar prejuízo acadêmico às crianças. Ao contrário, oportunizam maior conhecimento por partir exatamente do interesse delas potencializando o envolvimento, prazer e desejo em aprender, sendo eles: Família, escola, mundo animal, mundo vegetal, mundo geográfico e universo" (Borges et al, 2023, pp.8-9).

praticamente dois anos cursando seriação até adquirir “capacidade” para avançar para a fase seguinte.

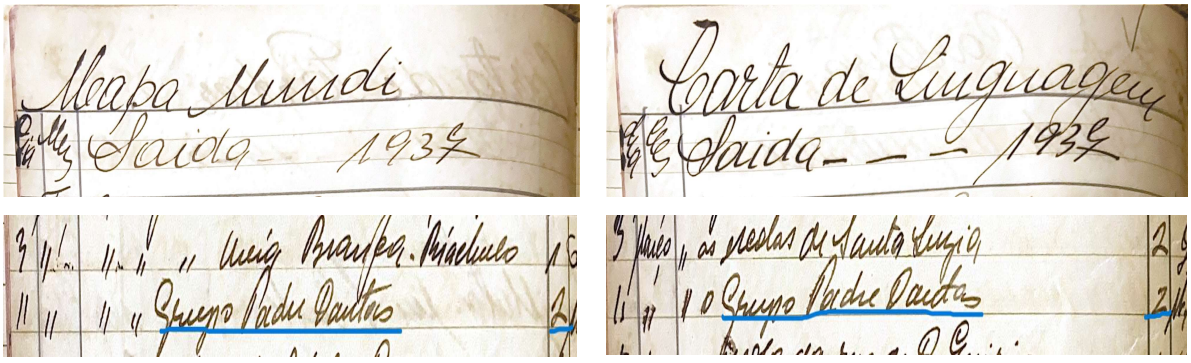
Outro ponto a destacar, no termo de inspeção, foi que a direção da escola, no momento da inspeção, estava a cargo da professora Adélia Smith Firpo, em substituição ao titular efetivo Dr. Alcides Pereira, que esteve na direção da escola por quase 15 anos. Era o primeiro ano da escola e ele já se fazia ausente das funções. Esse ato era corriqueiro, como se pode observar em outros relatórios de inspeção. Provavelmente, devido ao exercício da medicina, que lhe demandava tempo, ou em razão dos cargos políticos que exerceu, como prefeito e deputado.

Além disso, o livro de leitura, trazido pela diretora e utilizado para sabatinar os alunos, foi utilizado como um objeto para um exame de proficiência, para que discentes pudessem ser transferidos para as séries seguintes. Segundo Benito, “o livro escolar foi o suporte do conhecimento que as instituições transmitiram [...] e, até, o reflexo dos métodos seguidos na escola” (2017, p.199).

Em 1936, de acordo com o termo de inspeção, o corpo docente era formado pelas seguintes professoras: 1º ano – Maria das Dores de Barros e Cacilda de Carvalho Cunha; 2º ano – Anna Pinto Baião e Adélia Smith Firpo (essa, acumulando cargo de docente e diretora); 3º ano – Maria Conceição Mendonça e Euphrosina de Almeida Soares Ramos. Frisa-se que havia duas professores, por série, em razão das duas seções.

No segundo termo de inspeção encontrado, de 19 de julho 1937, o relatório do inspetor Levindo Cruz, informou que havia acrescido ao material pedagógico, “dois mapas-mundi e dois outros de linguagem arithmética”. Ao continuar as pesquisas, localizei o livro “Material Escolar”[30], salvaguardado no APES, conforme figura 10.

Figura 10 – Lista de material escolar enviado ao GEPD, em 1937.



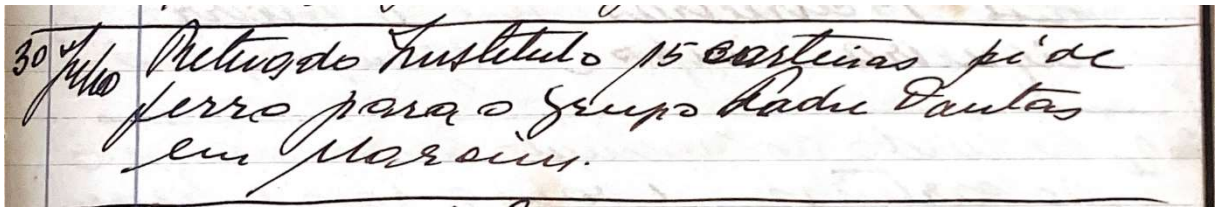
Fonte: BR SEAPES. Material escolar, E[2] 158.

[30] Nesse livro, estão descritos os materiais escolares que eram enviados para as escolas do Estado de Sergipe, após 1935. Através dele, infere-se quais materiais foram levados, e podem ter sido utilizados pelos alunos do GEPD, quais sejam: mapa Mundi, mapa do Brasil, mapa de Sergipe, bancas, cadeiras simples, quadros negros, carteiras escolares com pé de ferro, Carta Parker, Carta de Linguagem.

Os dois mapas mundi e as duas cartas de linguagem foram enviados para a escola no dia 03 de março de 1937, conforme figura anterior. Esses materiais, enviados da capital Aracaju, eram utilizados na formação e instrução dos alunos do interior sergipano, a exemplo desse Grupo de Maruim. Além de registrar esses materiais, o inspetor colocou em observação que "o mobiliário de que a casa é servida, exige ser reparado, substituindo-se no mesmo diversas peças que não mais se convinceiona aos fins que se propõem" (SERGIPE, 1937).

As fontes impressas, a exemplo do livro informando os materiais que eram enviados para as escolas de todo o Estado de Sergipe, trazem detalhes de como era formado o aparelhamento escolar e, assim, conhecemos mais sobre a materialidade dos objetos utilizados nas instituições de ensino, como por exemplo as carteiras escolares, que, segundo Benito, "são objetos materiais que impõem uma geometria nas salas de aula, além de disciplina e higiene do corpo" (2017, p. 237).

Figura 11 – Ofício comunicando a retirada de 15 carteiras para o GEPD – 30/07/1937



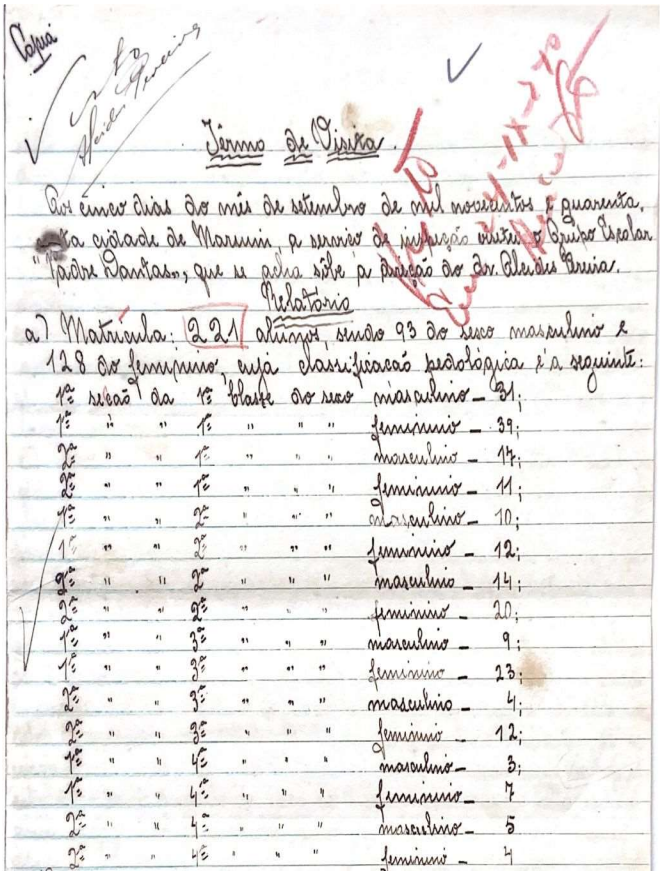
Fonte: BR SEAPES. Material escolar, E^2 158. Fotografia da autora.

De acordo com a figura 11, coincidentemente, ou não, no mesmo mês de julho, dia 30, onze dias após a inspeção, foram retiradas do Instituto Coelho e Campos, quinze carteiras "pé de ferro", que foram enviadas para o GEPD. Conforme Castro e Silva:

> Na escola, mesa e cadeira encontraram força singular que as transformaram em objetos com atuação direta na higiene do corpo, na disciplina, no conforto e na aprendizagem. Perpetuaram-se como objeto fundamental para um bom ensino. Algumas delas, no entanto, ganharam um real espaço no ensino quando se tornaram necessárias como apoio para escrever, pois, até então, ensinava-se, primordialmente, a ler (Castro; Silva, 2011, p. 209)

No termo de inspeção de 11 de setembro de 1940, assinado pelo inspetor Sebrão sobrinho, contando com uma série de detalhes, que lhe era peculiar, discriminou, sala por sala, turma por turma, a quantidade de alunos do GEPD, que, nesse período, eram separadas por sexo (termo usado no documento), conforme figura 12.

Figura 12 – Termo de inspeção - 1940



Fonte: BRSEAPES. Termo de inspeção, 05 de setembro de 1940, E[6] 158. Fotografia da autora.

É importante observar que, nesse ano, 1940, o GEPD já havia completado cinco anos de existência e, mesmo assim, a quantidade de alunos matriculados não tinha aumentado, tanto em relação às matrículas informadas do termo de inspeção de 1936, com uma margem de apenas seis alunos a mais. Talvez em função da escola não ter espaço para dispor de mais salas de aula, talvez pelo quantitativo de professoras, talvez pela falta de verbas para acolher mais discentes ou mesmo por falta de alunos com condições financeiras, temporais de ali estudarem.

No quesito "processos de ensino", o inspetor informa que estão sendo aplicados os "ventilados pela Escola Ativa" através do movimento escolanovista, propondo um novo método a ser desenvolvido, pelas escolas, para modernizar o processo de ensino-aprendizagem. Helvécio de Andrade, médico e professor, foi diretor de instrução pública, em Sergipe, na década de 1910, e defendeu o uso do método intuitivo nas escolas. Dessa forma, como podemos ver nos relatórios dos termos de inspeção, Helvécio incentivou, anos atrás[31], "a aplicação dos centros de interesses, dos diários infantis, dos métodos intuitivo analítico, dos projetos

[31] O método de ensino intuitivo difundiu-se no Brasil no final do século XIX e início do XX, fazendo parte das diversas propostas de reformas de ensino federais e estaduais (MÉTODO DE ENSINO INTUITIVO, HISTEDBR, 2006).

escolares, das aulas de observação e experiência, da educação para a vida cívica (...) e da escola ativa" (Valença, 2006, p. 223).

Outro ponto a se observar nesse termo de inspeção de 1940, é sobre a higiene do prédio e dos alunos, destacando que satisfazia a desses últimos, mas a estrutura física da escola precisava de uma maior atenção, principalmente por não ser um local apropriado para abrigar uma instituição de ensino. Como se pode ler: "... é horrível que uma casa que foi de domicílio particular, sem as qualidades precisas para um estabelecimento de ensino, continue servindo de sede ao 'Padre Dantas'. Não é só horrível, é deplorável" (SERGIPE. Sebrão sobrinho, 1940).

É importante salientar que as alunas estudavam numa instituição que seguia as prerrogativas da Escola Nova. Em um relatório de inspeção dirigido ao Diretor Geral de Instrução Pública Helvécio de Andrade (década de 1910), o inspetor já mostrava uma preocupação com os métodos e processos da escola nova, que deveriam ser implementados pelos grupos escolares e escolas de primeira zona. Nesse termo de inspeção ele cita Ferrière, e fala da importância dos trabalhos manuais para o desenvolvimento das crianças, como ocorria, também, com as alunas do GEPD. De acordo com Benito (2017), "Adolphe Ferrière foi o líder orgânico mais significativo do escolanovismo, o qual destacava que a renovação educativa nasceu do encontro entre 'prática inteligente' e a 'experiência no laboratório escolar'" (p.53), dando ênfase aos educadores que usavam a prática como os verdadeiros reformadores.

Em 16 de outubro de 1942, o termo de inspeção foi assinado por Levindo Cruz. Foi um termo bastante conciso, sem muitos detalhes sobre a escola, mas, já nas primeiras linhas ele destaca, novamente, que se tratava de um uma residência, não tendo condições de abrigar uma instituição escolar. "O prédio onde funciona o estabelecimento é uma adaptação que só a custo acomoda-se à finalidade educativa, motivos porque tem passado por reparos diversos" (SERGIPE. Levindo Cruz, 1942).

No Boletim de Inspeção Escolar, como passou a ser chamado nesse novo modelo, datado de 17 e 18 de junho de 1947 (dias das visitas), informou um total de 354 alunos matriculados, sendo 170 do sexo masculino e 184, do feminino. E, mais uma vez, em relação às dependências, fez observação quanto ao prédio, que era apropriado para ser uma "moradia, nunca um Grupo Escolar" (SERGIPE. Sebrão sobrinho, 1947).

E, pela primeira vez, é verificada a menção ao "copo individual", no tópico distribuição de água. Essa observação aparece, novamente, em 1948, como forma de trazer à tona, para a escola, os aspectos higienistas pois, nesse período, mortes por tuberculose se faziam presentes no cotidiano da cidade de Maruim, principalmente de crianças, como pode-se observar no trecho da entrevista da então aluna Lúcia Marques:

> O que marcou muito no Grupo foram os enterros, as mortes. Eu frequentei o Grupo numa época endêmica, época de muita doença, e a gente não sabia como as crianças pobres morriam. E também não tinha ninguém para levar para o enterro. Achavam de 'pegar' os alunos de escola pública... Eu me lembro que chegava uma professora na porta: "É para o quarto ano todo descer. Tem um sepultamento". Chegava no terceiro ano "todos desçam. Tem uma criança que faleceu". Aí saía uma fila. Todo mundo com uma flor na mão em direção ao cemitério. Isso era semanalmente. Havia um grande índice de mortalidade infantil (Silva, 2024).

O Boletim de Inspeção Escolar de 04 de maio de 1948, ainda insistia em frisar que o local onde o GEPD estava instalado era impróprio para estabelecimento de ensino. Destaca que é um prédio residencial ainda com o seu caráter e todas as dependências, com 6 salões. Segundo o inspetor Horácio Hora Couto (1948) "este estabelecimento está desde há muito carecendo de uma séria reforma, porque está prejudicando a saúde dos alunos e professores".

Esse boletim de inspeção expõe o aparelhamento escolar, discriminando móveis, materiais didáticos, estado de conservação e livros de escrituração. Para termos uma noção do que era disponibilizado, nas aulas, para os alunos que estudavam o ensino primário no interior do Brasil na década de 1940, e o que estava disponível para eles, em termos de estrutura física e materiais pedagógicos, apresento um Quadro, conforme as informações descritas pelo inspetor Horácio Hora Couto.

Quadro 2 – Aparelhamento Escolar do GEPD – 1948

APARELHAMENTO ESCOLAR		
MÓVEIS	MATERIAL DIDÁTICO	LIVROS DE ESCRITURAÇÃO
- 136 carteiras - 12 cadeiras - 6 mesas - 1 armário grande - 1 mesa grande - 1 bureau - 1 estante - 1 porta-chapéus - 5 porta-jarros	- 9 mapas do Brasil - 6 mapas mundi - 5 mapas de Sergipe - 2 cartas de sistema métrico - 5 cartas de linguagem - 5 cartas de Parker - 14 Terra e planta - 1 de ensino intuitivo - 8 cavaletes -14 quadros-negros (3 quebrados) - 4 relógios (2 quebrados) - 1 banca de trabalhos manuais	- 9 livros de chamada - 1 livro de matrícula -1 livro de registro de ocorrências - 1 livro de ponto - 1 livro de licenças - 1 livro de ofícios - 1 livro da portaria - 1 livro de atas das sessões solenes -1 livro de reuniões pedagógicas, atas de exames, inventário -1 livro de penalidades, protocolo

Fonte: quadro elaborado pela autora, com base nos dados do Boletim de Inspeção Escolar, do GEPD, de 1948.

De acordo com o quadro anterior, baseado na descrição de objetos do relatório de inspeção pública, esses eram os materiais disponíveis na escola. Observa-se a quantidade de

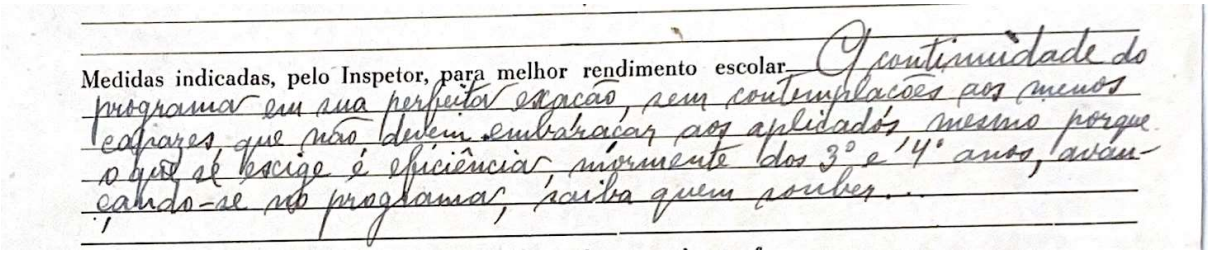
carteiras disponibilizada à instituição, que delimitava, ou não, a quantidade de alunos a serem matriculados; os materiais de que eram servidas as aulas de História, Geografia, Português, Matemática; e os livros que organizavam a parte administrativa do GEPD. Contrapondo a fonte com a entrevista de uma aluna que estudou na instituição na década de 1960, é possível notar permanências e algumas mudanças dos materiais utilizados.

> No período em que estudei lá, os materiais didáticos utilizados eram: livro de Crestomatia, que servia para se exercitar a leitura e ditado; Quadros para se fazer dissertações e composições, o livro de Ciências de Acrísio Cruz e o livro de História e Geografia, de Gaspar de Freitas (M. R. dos Santos, 2024).

Esses livros citados por Maria Raimunda, principalmente o de História e Geografia do Brasil, de Gaspar de Freitas, serviam de base para preparar os alunos que estavam cursando o primário, para se prepararem para o exame de admissão para cursar o ginásio. Nesse, eram abordados pontos de Geografia Geral e Cosmografia, Geografia Política, Geografia Física, com os principais acidentes geográficos, e História do Brasil.

No Boletim de Inspeção de 1952, o inspetor Sebrão sobrinho não apontou detalhes dos objetos, como feito no ano de 1948. Mas o que se destaca, no seu relatório, é em sua resposta ao quesito "medidas indicadas, pelo inspetor, para melhor rendimento escolar", conforme figura 13.

Figura 13 - Boletim de Inspeção Escolar do GEPD– 21/05/1952[32]


Medidas indicadas, pelo Inspetor, para melhor rendimento escolar A continuidade do programa em sua perfeita exação, sem contemplações aos menos capazes, que não devem embaraçar aos aplicados mesmo porque o que se exige é eficiência, mormente dos 3º e 4º anos, avançando-se no programa, saiba quem souber...

Fonte: BRSEAPES. Boletim de Inspeção Escolar, 21 de maio de 1952, E[6] 158. Fotografia da autora.

Com base no que foi escrito pelo inspetor, observa-se que possivelmente não havia uma preocupação com os alunos que não tinham um desempenho educacional esperado. O professor deveria seguir com o programa da sua classe, mesmo que houvesse discentes com nível de aprendizado não satisfatório, "sem contemplações ao menos capazes", exigindo eficiência de

[32] Medidas indicadas, pelo Inspetor, para melhor rendimento escolar: "A continuidade do programa, em sua perfeita exação, aos menos capazes, que não devem embaraçar aos aplicados, mesmo porque o que se exige é eficiência, mormente dos 3º e 4º anos, avançando-se no programa, saiba quem souber..."

todos. Nas observações finais do seu relatório, ele informa que o GEPD tem formado alunos para exames nos cursos secundários, os então exames admissionais.

> As sabatinas ocorriam sempre nas sextas-feiras. A professora chamava aleatoriamente um aluno para ir para frente dos colegas, ou mesmo ir ao quadro... e fazia diversas perguntas. Quem errasse, podia apanhar de régua da professora ou dos colegas. A régua servia como material didático para as aulas de matemáticas e também para castigar os alunos. Já levei reguada na bunda da professora Anita e tomei um susto danado. Para os meninos, apanhar das meninas era uma humilhação (Silva, 2024).

E em seu relato, no Boletim de Inspeção de 1953, sobrinho deixou uma mensagem como medida para o melhor rendimento escolar: “prosseguir-se sem desfalecimento na brilhante tarefa de iluminar cérebros de uma geração que nos sucederá nas responsabilidades sociais”. Dessa forma, reiteramos como a inspeção escolar foi utilizada na instalação de um modelo educacional que estava surgindo, após a Primeira República. Os inspetores públicos eram os “olhos” e os “ouvidos” do Governo, para sondar como estava se dando o processo educativo na capital Aracaju, e, principalmente, no interior do Estado. Segundo Almeida (2009), os inspetores escolares tinham como objetivo orientar os docentes sobre os “modernos preceitos pedagógicos” que deveriam ser aplicados nas escolas, segundo o ideário da Escola Nova.

Outra forma de se conhecer sobre a cultura material da escola é através dos balancetes da caixa escolar, instrumento criado com o objetivo de ajudar os alunos, sem recursos financeiros, a permanecerem no ambiente escolar. Ao trazer tal discussão para a presente pesquisa mostro, como, a partir dos balancetes encontrados no APES, como se dava a organização desse recurso, e como era controlado o dinheiro que entrava e saía.

No período que estava se planejando, em Maruim, a implantação do ensino seriado, em algumas capitais do país já eclodiam as manifestações que fizeram nascer o Movimento da Escola Nova, o qual tinha como propósito promover a renovação do ensino. De acordo com Vidal (2003), esse movimento publicou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, em 1932, que objetivava uma escola pública, gratuita, mista, laica e obrigatória. Esta proposta foi liderada pelos reformadores educacionais, tais como Fernando de Azevedo (1894-1967), Anísio Teixeira (1900-1971), Lourenço Filho (1897-1970), dentre outros.

Dentre as diversas renovações que o movimento escolanovista trouxe para o ensino, principalmente para o primário, a exemplo da orientação didática para o ensino público e formação de professores, ocorreu a criação das instituições auxiliares, dentre elas, a caixa escolar (Souza, 2008). Conforme Luz e Tuchinski:

> A caixa escolar foi e ainda é – de fato, sua história chega até nossos dias – um mecanismo de financiamento da educação de alunos pobres ou, como diríamos no presente, em situação de vulnerabilidade social. Ventilada ainda em fins do Império como uma estratégia que poderia criar condições de exequibilidade da escolarização do estudante pobre, fornecendo-lhe roupas e materiais escolares, por exemplo, teve largo emprego ao longo do período republicano, mantendo-se em funcionamento, no presente, em muitos estados brasileiros (Luz e Tuchinski, 2022, p. 176).

O instituto da caixa escolar surgiu na França, por volta de 1800, e foi implantado, no Brasil, pelo ministro imperial Carlos Leôncio da Silva de Carvalho, no final do século XIX. Mesmo sendo pensado ainda no Império, foi efetivado na República, com os Grupos Escolares (Carvalho e Bernardo, 2012).

A Constituição Federal de 1946, a que estava em vigor no período dos balancetes analisados, em seu artigo 172, traz uma preocupação com a assistência educacional dos mais necessitados: "cada sistema de ensino terá obrigatoriamente serviços de assistência educacional que assegurem aos alunos necessitados condições de eficiência escolar" (BRASIL, 1946).

Já o decreto-lei 8.529, de 2 de janeiro de 1946 – a Lei Orgânica do Ensino Primário – em seu título V, que trata da gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário, dispõe no artigo 39 "o ensino primário é gratuito, o que não exclui a organização de caixas escolares a que concorram segundo seus recursos, famílias dos alunos" (grifo meu); já no art. 40 conta: "A organização do funcionamento e aplicação dos recursos caixas escolares serão estabelecidas regulamento próprio".

O decreto nº 25, de 03 de fevereiro de 1935, que dá novo regulamento à instrução pública do Estado, é silente em relação à caixa escolar. Já o decreto nº 262, de 31 de outubro de 1945, que regulamenta as atividades docentes e administrativas nos Grupos Escolares, em seu artigo 45, define que "a Caixa Escolar terá o objetivo de facilitar à criança a sua condição de escolar, fornecendo-lhe, na medida de suas possibilidades, vestuário, merenda, livros, etc...". Rosa Fátima de Souza situa o ensino primário em São Paulo nesse recorte histórico e afirma:

> Entre as décadas de 1930 e de 1960, o Departamento de Educação de São Paulo buscou incentivar a implantação das instituições auxiliares nas escolas primárias. As instituições de assistência social – caixa escolar, Associação de Pais e Mestres e Gabinete Dentário foram as mais bem sucedidas, pois auxiliavam diretamente os alunos na escola (Souza, 2008, p. 81, grifos meus).

Desta forma, percebe-se a importância dessa instituição nos grupos escolares, com a finalidade de manter o funcionamento das entidades educativas também em meados do século XX. Sua criação, no GEPD, ocorreu após sete anos de fundação desse estabelecimento escolar.

Com base nas fontes analisadas, tem-se uma pequena amostra de como funcionavam as caixas escolares implementadas pelos grupos escolares no interior do Brasil. A preocupação em preparar a população, desse período da história do país (décadas de 1940 e 1960), fez com que o governo criasse institutos que atraíssem os alunos pobres para a escola, como forma de cumprimento da obrigatoriedade escolar, proposta em lei, na busca por manter a população mais carente nos bancos escolares.

Esse foi o caso da Caixa Escolar "Anita Cardoso"[33], do Grupo Escolar Padre Dantas, da cidade de Maruim/SE, que contava com o apoio da própria instituição educacional, por meio dos familiares de alguns discentes, do governo e da sociedade local, financiando objetos e fornecendo materiais aos alunos, necessários para a manutenção das práticas escolares, como também de ritos escolares como desfiles e festas.

Nessa seção foi possível conhecer a história e a cultura escolar da instituição primária que as alunas frequentaram, bem como os aspectos históricos e sociais das quatro discentes, através das entrevistas concedidas por elas, das fotografias e fontes escritas encontradas sobre a escola. Frequentar o GEPD impactou positivamente a vida estudantil delas, viabilizando seguir com os estudos, prestando o exame de admissão, para cursar o ginasial. Em seguida, será possível conhecer um pouco sobre o GM e o itinerário delas por lá.

[33]Estudos futuros poderão trazer mais verticalização sobre a Caixa Escolar "Anita Cardoso", como também possíveis trabalhos comparativos sobre as caixas escolares em instituições educativas estaduais de Sergipe, do Brasil e mesmo de outros países, como é o caso da França, nação da qual surge a proposta educativa. Quiçá possamos pensar em mecanismos da transnacionalização da caixa escolar. Para saber mais, consultar Accioly e Oliveira (2024b).

3 “JÁ ESTÁ NO SERTÃO, CANTANDO”: É CHEGADA A HORA DE IR AO GINÁSIO MAROINENSE

No início da década de 1960, muitas residências do interior do Brasil, não tinham relógios para marcar o tempo. Muitas das vezes, os compromissos eram cumpridos baseados na programação das estações de rádio. Isso era o que acontecia na casa de Silva (2024). Para saber se já estava na hora de ir à aula no GM, ela e a irmã Luiza se baseavam na música que tocava no rádio que tinha em casa, que foi comprado com o dinheiro da venda de sua ovelha.

> A gente acordava bem cedo. E uma coisa interessante que a gente não tinha relógio. Lá em casa, como a gente tinha um rádio que mamãe comprou com o dinheiro de um carneiro, que eu vendi, a gente ligava o rádio para saber a hora. Porque, imagine, acordava no tiro, no escuro, não sabia que hora era. Aí quando o programa tocava o prefixo ‘O meu sertão, não posso esquecer. Como é linda a madrugada, vendo o dia amanhecer’[34.] Aí eu dizia ‘chega Luiza. Já está no sertão, cantando’. A gente pulava da cama, porque já estava na hora da gente correr e se preparar pra chegar lá no campo, seis horas, para a aula de Educação Física (Silva, 2024, grifo meu).

Meu Sertão, uma canção gravada pelos cantores Tonico e Tinoco, que tinha como refrão “O meu sertão. Não posso esquecê. Como é linda a madrugada. Vendo o dia amanhecê”, fazia com as irmãs despertassem para uma nova fase educacional, para o cumprimento do dever escolar ginasial. Como elas residiam a alguns quilômetros do campo, onde ocorria as aulas de Educação Física, e, também, do GM, o rádio anunciava que era chegada a hora de partir. Sobre o fato de estudar no GM, a aluna que lá frequentou rememora:

> Você chegar ao Ginásio Maruinense, era chegar ao topo mais alto, intelectualmente falando, de uma cidade do interior. Imagine um local como Maruim ter um Ginásio?! Isso, para a cidade, para a população, era, assim, o nível intelectual mais alto que um estudante podia chegar (Silva, 2024).

O depoimento da aluna Maria Lúcia Marques nos mostra a importância da instituição educativa ginasial, para dar seguimento aos seus estudos. Segundo Capanema (1942), o objetivo específico do ensino secundário era formar nos adolescentes uma base sólida, dar prosseguimento ao ensino primário e elevar a consciência patriótica.

[34] Lopes e Perez, 1968.

> A Reforma Gustavo Capanema, em vigor nos anos de 1942 a 1961, determinava o ensino dividido em dois ciclos: 1º Ciclo Ginasial, de quatro anos de duração e o 2º Ciclo com os cursos Clássico (priorizando as humanidades) e Científico (enfatizando as ciências exatas), distribuídos em três anos (Alves, 2014, p. 303).

Na gestão do Ministro da Educação Gustavo Capanema (1934 a 1945), foram promulgadas as Leis Orgânicas do Ensino, conhecidas como Reforma Capanema. Dentre elas, estava a Lei Orgânica do Ensino Secundário (BRASIL. Decreto-lei nº 4244, de 9 de abril de 1942). Através desse decreto, o ensino secundário ficou organizado em dois ciclos: o curso ginasial, com duração de quatro anos, e os cursos clássico e científico, com três anos.

De acordo com o artigo 1º do referido decreto, o ensino secundário tinha como finalidade "formar, em prosseguimento da obra educativa do ensino primário, a personalidade integral dos adolescentes" e, ainda, "dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial".

É importante frisar que ambos os cursos, Clássico e Científico, davam acesso a qualquer modalidade de estudos superiores. Antes da implementação do Ginásio, na cidade de Maruim, só prosseguiam nas etapas escolares as pessoas que podiam se deslocar para outros municípios circunvizinhos ou para a capital Aracaju. Próximo à Maruim, nenhuma cidade possuía curso ginasial. Apenas em 1958, quatro anos após a criação do Ginásio Maroinense, foi criado o Ginásio Possidônia Bragança, na cidade de Laranjeiras, município vizinho (Santos, 2003). A falta de cursos ginasiais, principalmente no interior, deu-se porque, para a classe mais abastada, o ensino primário bastava para a classe menos favorecida.

> No tocante ao acesso à escola, apenas o ensino primário era aceitável ao projeto das elites brasileiras. Quanto ao ensino secundário, adjetivado como bacharelesco, arcaico, elitista, voltado para a formação dos quadros burocráticos e administrativos do Estado, ele se tornava praticamente inacessível às camadas menos favorecidas, sobretudo pelo reduzido número de escolas públicas disponíveis (Santos, 2003, pp. 26-27).

A dificuldade financeira daqueles que pertenciam a uma cidade economicamente pobre, fazia com que muitos que finalizavam o ensino primário, fossem ajudar seus pais em alguma atividade econômica que dispendesse grau de escolaridade mais avançado, como trabalhar na roça, na venda de frutas na feira, ou no comércio local, por exemplo. De acordo com Bourdieu (2011), "a divisão entre o primário e o secundário determinava diferenças sistemáticas em todas as dimensões da cultura ensinada, dos métodos de ensino e das carreiras prometidas" (p. 148). Conforme a entrevista com uma das alunas, Maria Raimunda,

> Josias Dantas, através de alguns contatos, levou esse Ginásio da Campanha Nacional para lá. E, no meu caso, estudar no Ginásio Maroinense, não foi uma escolha. Era a única opção que a gente tinha. E foi uma benção para aquela região, porque não atendia só aos alunos de Maruim, mas, também, de toda a região do Cotinguiba como, por exemplo, Rosário, Santo Amaro, Carmópolis, E todo esse pessoal ia para lá. Se na época não tivesse o Ginásio, em Maruim, eu não sei se eu teria condições de estudar em Aracaju, sabe? Então, foi assim, uma coisa maravilhosa. Foi obra de Deus. Até hoje eu rezo para o Doutor Josias... Josias de Melo Dantas (M. R. dos Santos, 2024).

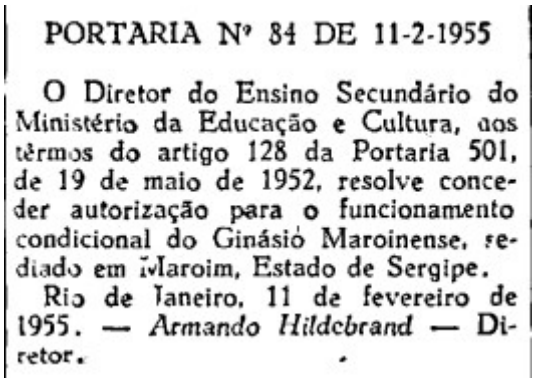
A implantação do Ginásio Maroinense, no ano de 1954 (100 anos após a criação da cidade de Maruim e quase uma década após a criação da Lei Orgânica do Ensino Secundário), trouxe para aqueles que lá viviam e almejavam seguir com os seus estudos, visando um futuro diferente dos seus genitores, por exemplo, e buscando na escola um meio de melhoria social. Para Dallabrida et al (2014, p. 62), "a instalação de um estabelecimento de ensino secundário público, gratuito e coeducativo, representava uma oportunidade escolar ímpar, muito particularmente para os alunos que não tinham recursos para pagar uma escola privada".

Em Sergipe, o curso ginasial, no ano de 1953, estava restrito a apenas seis ginásios na capital e sete no interior, conforme dados do MEC (1960), obtidos por Alves, Oliveira e Costa (2021, p. 149). No entanto, a partir de 1954, o Estado ganhou apoio de iniciativas de caráter assistencial e filantrópico, como a CNEG, com a abertura de cursos ginasiais pelos municípios do interior.

Fazendo um comparativo com outros entes da federação, a chegada do ensino secundário gratuito e laico, só chegou ao Estado de Santa Catarina no ano de 1947. Lá, igualmente como Sergipe, o ensino ginasial público tinha como objetivo maior abrigar a população sem recursos financeiros, que almejava continuar seus estudos, e não tinham condições de frequentar uma escola particular. "[...] esses cursos ginasiais tiveram um importante papel na institucionalização do ensino secundário público e gratuito, porque oportunizavam escolarização média para parte da população que não integrava as elites" (Dallabrida e Vieira, 2020, p. 38).

Em 1955, a Portaria Ministerial nº 84, de 11 de fevereiro, autorizou o funcionamento do Ginásio Maroinense, conforme figura 14.

Figura 14 – Portaria 84, de 11/02/1955, autorizando o funcionamento do Ginásio Maroinense



PORTARIA Nº 84 DE 11-2-1955

O Diretor do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, aos têrmos do artigo 128 da Portaria 501, de 19 de maio de 1952, resolve conceder autorização para o funcionamento condicional do Ginásio Maroinense, sediado em Maroim, Estado de Sergipe.

Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1955. — *Armando Hildebrand* — Diretor.

Fonte: Página 16 da Seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 23 de fevereiro de 1955. Consulta em 13 de outubro de 2024.

De acordo com os dados do Diário Oficial da União, nesse mesmo mês de fevereiro de 1955, o governo autorizou o funcionamento de mais oito ginásios em outras localidades da federação, quais sejam: um em São José dos Campos/SP; dois no então Distrito Federal; um no estado de Minas Gerais; um no estado do Rio de Janeiro; dois em Recife/PE; e um em Maceió/AL.

Em se tratando da Portaria n. 501, de 19 de maio de 1952, essa tinha como objetivo delegar mais atenção ao ensino secundário e seus espaços educativos, "aliando objetivos políticos, sociais e culturais de uma sociedade que entendia este nível de ensino para além do interesse na formação dos futuros cidadãos, métodos e critérios" (Pessanha e Silva, 2014, p. 78).

Ainda com base nessa portaria (Brasil, 1952), os candidatos deveriam instruir o requerimento para inscrição nos exames de admissão[35] ao curso ginasial com: certidão de nascimento, em que se verificasse ter o candidato 11 anos completos; atestado médico em que se provasse a sanidade física e mental, e sua imunização antivariólica recente; certificado de conclusão, ou fotocópia autenticada, de curso primário oficial, ou atestado idôneo de haver o candidato recebido educação primária satisfatória; e duas fotografias 3x4. Além disso, os três documentos requeridos deveriam ser entregues com firmas reconhecidas.

Os requisitos exigidos na Lei foram cumpridos por Maria Inácia. Ela relata que:

[35]É importante destacar que o exame de admissão foi instituído, em caráter nacional, ainda na Reforma Francisco Campos, em 1931, o qual permitia a passagem do primário para o curso ginasial, "sendo adotado até a lei 5692/1971, que reforma o ensino de 1º e 2º graus, quando o primário e o ginásio são integrados como 1º Grau" (Bastos; Ermel, 2014, p. 119).

> Eu fiz o exame de admissão com a professora Altair Brasil. Naquele tempo ir para o ginásio era uma coisa muito séria. O aluno tinha que estar bem ciente dos estudos. Tinha que ter competência até para entrar, porque não era só chegar lá e simplesmente entrar. Tinha que ter uma preparação (M. I. dos Santos, 2024).

Os candidatos reprovados nos exames de admissão, em um estabelecimento, ainda de acordo com a portaria 501, não poderiam repeti-los em outro, na mesma época, sob pena de nulidade. Os exames eram realizados com provas escritas e orais de Português, Matemática, Geografia e História do Brasil. A prova escrita de português era eliminatória, sendo considerado inabilitado, não podendo prosseguir nos exames, o candidato que não alcançasse a nota mínima 4 (quatro) nessa disciplina. A duração das provas escritas era de 90 minutos, contados depois de apresentadas as questões. E seria considerado habilitado o candidato que satisfizesse as duas condições seguintes: 1) nota global 5 (cinco), pelo menos no conjunto; 2) nota final 4 (quatro), pelo menos em cada disciplina. Era uma espécie de vestibular, no qual os alunos que concluíam o primário, tinham que enfrentar para dar sequência nos seus estudos, e como tal, dispendendo uma carga emocional muito grande, como afirma Graça (2002).

> A história da educação brasileira não tem dado atenção ao exame de admissão que foi, por algumas décadas, muito mais que uma linha divisória entre a escola primária e a escola secundária. Inscreveu-se na memória dos estudantes como uma "passagem" cercada de significados e simbolismos, trazendo uma carga de sentimentos e emoções conflitivas para os jovens espíritos ainda despreparados para enfrentar frustrações e desesperanças (Graça, 2002, p. 76).

Foram quase quatro décadas submetendo os estudantes a avaliar sua capacidade de prosseguir, ou não, nos estudos. De certa forma, isso causava angústia e pavor naqueles que não estavam preparados para seguir para a fase posterior. Conforme Bastos e Ermel (2014), o exame de admissão "representou um verdadeiro obstáculo para a continuidade dos estudos e o término da escolaridade para uma grande parcela da população. Portanto, tanto certificava os resultados do ensino primário, como selecionava os aptos a entrar no ginásio" (p. 124)

No setor de inspeção da SEED, teve-se acesso às pastas individuais das alunas em estudo, mas não foi permitido digitalizar os documentos. Dessa forma, escrevi a próprio punho, os dados que achava pertinentes para instruir o trabalho. Sendo assim, tentei transcrever as informações para que elas se tornassem visivelmente parecidas com as que estavam nos dossiês. Seguem a seguir os dados de Maria Inácia sobre seu exame de admissão.

Ginásio Maroinense
Maroim-SE

Certificado

Certifico, na qualidade de professora do Curso de Admissão (grifo meu), que a aluna Arlete36 Inácia dos Santos (Maria Inácia dos Santos), concluiu o quarto ano do curso primário, com aproveitamento no referido curso, durante o ano letivo de 1960.

Maroim, 25 de novembro de 1960

Altair Barbosa Brasil

Maria Inácia dos Santos estudou no Ginásio Maroinense no período de 1961 e 1962. Foi aprovada no exame de admissão prestado em 1º de dezembro de 1960, obtendo as seguintes notas: Português – 8,0; Matemática – 4,8; Geografia – 8,0; História do Brasil – 6,0. Desta feita, ela cumpriu as exigências da portaria 501, tirando as notas e as médias necessárias para cursar o ginasial.

O Ginásio Maroinense foi o primeiro ginásio, implantado no interior de Sergipe, pela Campanha Nacional de Educandários Gratuitos - CNEG, criada em 1944, por Felipe Tiago Gomes[37] e mais quatro colegas: Carlos Luís de Andrade, Florisval Silvestre Neto, Joel Pontes e Eurico José Cadegue (Santos, 2003), com o objetivo de expandir o ensino ginasiano, gratuito, sem mensalidades e taxas, pelo Brasil. Segundo Santos (2003), a Campanha recebeu cinco denominações, desde a sua fundação: Campanha do Ginasiano Pobre; Campanha para Ginásios Populares; Campanha de Educandário Gratuitos; Campanha Nacional de Educandários Gratuitos - CNEG; e, em 1969, em seu XIX Congresso Nacional, realizado no Rio de Janeiro, transformou-se em Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC. “Atingiu seu ápice em 1983, quando esteve presente em 1016 municípios com 1346 escolar, experimentando uma fase de declínio a partir de 1996” (p. 64).

[36] Como informei na Introdução, Maria Inácia só descobriu que seu nome não era Arlete na inscrição do Exame de Admissão.

[37] Felipe Tiago Gomes era um menino pobre de Picuí, interior da Paraíba. À custa de muita luta, foi levado a Campina Grande, onde prestou exame de admissão e conseguiu aprovação. Para custear seus estudos, tomou conta das crianças menores do internato. Ao terminar o ginásio, continuou seus estudos em Recife, graças à ajuda do juiz da sua cidade, que custeou o preparatório para o curso de Direito, e lhe conseguiu hospedagem na casa de um amigo. Passou a trabalhar como porteiro e bibliotecário. E, na passagem pela biblioteca, teve acesso ao livro Drama da América Latina, de John Gunther, que narrava a experiência do líder peruano Haya de La Torre, criador de escolas de alfabetização para os índios, cujos professores eram estudantes que lecionavam gratuitamente. A partir daí, ele teve a ideia de criar uma instituição que possibilitasse a outros jovens o acesso ao ginásio gratuito, sem mensalidades e sem taxas. Essa ideia partilhada e assumida por ele e os quatro amigos se corporificou em 28 de julho de 1943, com a criação da Campanha do Ginasiano Pobre (Santos, 2003, pp. 60-61)

O primeiro local onde funcionou o Ginásio Maroinense foi no prédio do Instituto Cruz, no período de 1954 a 1965. Esse prédio foi construído em 1902, por Tomaz Rodrigues da Cruz, cumprindo uma vontade testamentária do seu irmão, o Comendador João Rodrigues da Cruz, que chegou à província de Sergipe em 1875, e falecera em 1894 (Silva, 2020). Os Cruz eram empreendedores e cooperaram no desenvolvimento do comércio e da indústria no município de Maruim e no estado de Sergipe. O testamento público, deixado por João Rodrigues, dizia o seguinte:

> Quero que meu testamenteiro edifique uma casa, em uma praça na cidade de Maruim, com duas ou três salas e mais cômodos preciosos, assoalhada, colocando por cima da entrada principal um letreiro, em pedra ou bronze, 'Instituto Cruz', (...), para que estabeleça, pelo menos, duas aulas de Aritmética Elementar, Caligrafia e Escrituração Comercial, a fim de que a mocidade mais adiantada possa facilmente habilitar-se para a profissão comercial (Aguiar, 1987, p. 15).

Eis que o testamento se cumpriu e o prédio (figura 15), foi construído na atual praça João Rodrigues. A construção, nesse local, no período em que foi erguido, provavelmente se deu porque, à sua frente, ficava a residência da família Cruz, e, poucos metros, à sua esquerda, estava situado o Parque Otto Schramm. Era uma localidade próxima, também, dos trapiches da cidade e do Rio Ganhamoroba, importante via fluvial da região por onde chegavam as mercadorias.

Figura 15 – prédio do Instituto Cruz (fotografia da década de 1990)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Segundo Silva (2024), "o prédio do Instituto Cruz tinha quatro salas de aula: duas na frente, duas atrás. No meio, tinha a diretoria e, atrás, uma sala, um espaço, que era onde a gente

ficava na hora do recreio. A 3ª e 4ª séries funcionavam pela manhã; e a 1ª e 2ª, à tarde". Quando ela estudou nesse prédio, nos anos de 1964 e metade de 1965, só havia uma turma para cada série. É importante ressaltar que quem dirigia a escola nesse período era o Pedro Iroíto Dória Leó[38], então promotor de justiça da cidade de Maruim.

> A arquitetura das escolas exerceu sobre os sujeitos que nelas se educaram, durante um tempo médio ou longo, uma influência de grande poder de impregnação. Os edifícios escolares registram em si mesmos conteúdos e valores de memória; são, ao mesmo tempo, indutores de influências duradouras, nas lembranças dos atores que viveram sob o abrigo de seus muros (Benito, 2017, p. 187).

De acordo com Benito, a escola se constitui em uma espécie de templo laico, de espaço destinado à formação dos indivíduos nos ideais da cidadania e à edificação da nação. Esse prédio imponente, da figura anterior, composto por duas entradas, nove janelas frontais, oito laterais, e uma porta ao fundo, apesar de hoje estar situado num bairro de classe menos abastada, com casas mais simples ao seu redor, foi construído, no início do século XX, para sediar uma escola profissionalizante de Contabilidade Comercial. Além de sediar o GM de 1954 a 1965, abrigou a sede do poder judiciário local, no período de 1968-2002, sendo então também denominado de Fórum Alberto Deodato. A seguir uma fotografia dos sujeitos que deram vida a essa instituição de ensino: os discentes.

[38] Pedro Iroíto Dória Leó, nasceu no dia 29 de junho de 1938, na cidade de Lagarto/SE. Filho de José Leó de Cravalho e Otacília Dória Carvalho. Fez o curso ginasial no Ginásio Tobias Barreto, em Aracaju/SE, no período de 1950 e 1951. No ano seguinte, foi transferido para o Colégio Estadual de Sergipe, conhecido na memória como Atheneu Sergipense, onde cursou as demais séries do ginasial e os três anos do científico, concluindo os estudos em 1956. Graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na UFS, em 1961, e, logo depois, ingressou como promotor, no Ministério Público, tomando posse na comarca de Maruim. Nesse período, foi, também, professor e diretor do GM (1961-1964). Ele era responsável por preparar os exames de admissão e lecionava História do Brasil.

Figura 16 - Discentes do Ginásio Maroinense (1963)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Na figura 16, datada de 1963, observa-se 23 alunos do GM, em posição ereta, para o registro fotográfico, na escadaria em frente ao prédio do Instituto Cruz, então sede do GM. Os semblantes, em sua maioria, mostram seriedade, a não ser pela tentativa tímida de alguns ao tentar sorrir, o que coaduna com as assertivas de Souza de que "a escola é o espaço da ordem, da obediência, do silêncio e da disciplina, cuja representação é confirmada nesse tipo de imagem" (Souza, 2001, p.90).

As meninas vestem camisa branca, com escudo azul com a sigla GM no peito, saia de prega azul marinho, sapatos e meias pretas. Algumas com os braços para trás, outras em posição de atenção. Os meninos estão usando camisa de botão de manga longa e calça na cor cáqui, e, por dentro, camisa branca e gravata preta. De acordo com Dussel (2019), não sabemos exatamente qual o tipo de câmera foi utilizado para tirar essa fotografia. No entanto, "enquanto o equipamento pode ter influenciado essa imobilidade, é mais provável que a foto tenha registrado um momento particular do ritual em que os alunos eram obrigados a permanecer imóveis"[39] (p.6, tradução nossa). Uma das coisas que ficou marcada na memória de Maria Lúcia em relação ao fardamento do GM, foi carregar no peito, literalmente, o escudo da escola CNEG.

> quando eu saí do grupo, fui estudar no Instituto Cruz, porque o ginásio funcionava lá ainda, né? E para mim foi assim, como se fosse você sair do zero e começar uma escada nova. Por quê? Porque eu estudava perto de casa. E o Instituto Cruz era no oposto da minha casa. E para mim a maior alegria era sair caminhando com o livro na mão e com a farda do Ginásio, e

[39] No original: "while the equipment might have influenced this standing-still, it is most likely that the shot recorded a particular moment in the ritual when students were required to remain immobile" (p.6).

> ostentando o escudo da CNEG. Eu achava lindo aquele escudo redondinho da CNEG, com a lista circular, que tinha uma listinha verde e amarela, um livrinho aberto com as quatro letras (Silva, 2024).

De acordo com o relato e, conforme figura 17, esse era o escudo do uniforme do GM, fazendo menção à Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. Nele se visualiza um círculo, representando o globo terrestre, um livro aberto, duas penas simbolizando a escrita e a sigla da campanha CNEG.

Figura 17 – Escudo da farda dos alunos do GM/CNEG (década de 1960)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Um fato a se destacar é que os alunos do GM fundaram um Grêmio Estudantil Lítero-cultural Padre José de Anchieta. Essa agremiação existiu ainda quando a escola era no prédio do Instituto Cruz, e estava sob a direção de Pedro Iroíto. Pelo seu histórico anterior, como membro do Grêmio Estudantil Clodomir Silva[40], e um dos fundadores da Arcádia Literária, ambos do Atheneu Sergipense, provavelmente tenha sido ele quem levou a ideia para essa instituição escolar em Maruim. De acordo com Rodrigues (2015), a classe estudantil começou a se organizar em classes e clubes através do incentivo dos ministros Francisco Campos e Gustavo Capanema. Segue, abaixo, a carteira do Grêmio da aluna Maria Inácia.

[40] Para saber mais, consultar RODRIGUES (2015)

Figura 18 – Carteira do Grêmio Estudantil de Maria Inácia

Fonte: acervo de Maria Inácia. Fotografia da autora.

Na figura 18 podemos observar a Carteira de Estudante de Maria Inácia referente ao Grêmio Estudantil. Nela, constam, na capa, os nomes da instituição: Campanha Nacional de Educandários Gratuitos e Ginásio Maroinense, com o carimbo da Prefeitura de Maroim, estado de Sergipe. Na parte interna, verifica-se o espaço para preenchimento do Ginásio a que pertencia, o seu número na agremiação, o ano e a série que estava cursando e os dados pessoais. Quem assinou foi o então presidente do Grêmio, Everardo Silva. Na foto, Maria Inácia estava

com 13 anos de idade. Ela usava camiseta branca. Seu cabelo estava meio preso e com alguns cachos.

Ressalta-se, ainda, uma observação, em destaque: “Ajude ao seu Grêmio. Ele é o seu órgão de classe”. Essa agremiação, além de outros fatores, foi primordial para fortalecer a campanha de construção de um novo prédio para abrigar o GM, pois a demanda por matrícula aumentava anualmente. Segundo Silva (2020), o primeiro presidente dessa agremiação foi Aderbal Teles Corumba que, com apoio do diretor Iroíto, “teve participação ativa na aquisição de material, para construção, a fim de edificar a tão sonhada instituição de ensino” (p. 554). Segundo Corumba (2020), ele saía, com alguns colegas, no caminhão do pai, “e pegávamos areia e selão nos arredores da cidade. Um proprietário de olaria, em Santo Amaro das Brotas, pagou uma dívida judicial com carradas de tijolos, para a construção do querido Ginásio” (p. 554).

Como informado, o prédio onde foi incialmente instalado o GM não possuía estrutura física para abrigar uma instituição escolar. Sendo assim, a nova sede do Ginásio Maroinense teve sua pedra fundamental instalada em 1961, conforme figura 19.

Figura 19 – Instalação da pedra fundamental para construção do prédio que abrigaria o GM (1961)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Na figura 19 estão: à frente, o então Governador Luís Garcia[41] (1959-1962), ao centro o industrial e idealizador do Ginásio Maroinense, Josias Vieira Dantas[42], e o vigário da Paróquia de Maruim, Padre Miguel Desmedt. Ao fundo, estão os estudantes do Ginásio Maroinense, usando o uniforme de gala. Compunha essa farda de gala, o casquete, utilizado pelos meninos (visível na foto, logo atrás, em um deles); calça e blusão cor caqui, remetendo ao fardamento militar; camisa branca de manga comprida, por dentro; gravata preta e o escudo azul marinho (como se fosse um broche), com as iniciais GM (Ginásio Maroinense).

Acredita-se que esta foto tenha sido tirada num dia de sol, pois o Governador Luiz Garcia está segurando um "guarda-chuva", aberto, como uma proteção aos raios solares. O garoto que se encontra logo atrás do pároco, com o fardamento completo, chamava-se Altamiro Brasil, mais conhecido como Alberto Brasil, filho da professora Altair Brasil, que preparava as crianças/adolescentes para o exame de admissão.

Em1965, a instituição ganhou prédio próprio, com mais salas de aula e espaço para as atividades recreativas, conforme figura 20. As alunas Maria Lúcia, Maria Raimunda e Neilde Lemos fizeram parte dessa transição dos prédios. Inácia continuou os estudos no Atheneu Sergipense.

Figura 20 – Sede do Ginásio Maroinense a partir de 1965 (fotografia da década de 1990)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

[41] Luís Garcia nasceu em 14 de outubro de 1910, na cidade de Rosário do Catete, e faleceu em Aracaju, no dia 11 de agosto de 2001. Foi advogado, promotor de justiça, jornalista, professor e político. Foi eleito deputado estadual para o período de 1935-1937; deputado federal por Sergipe, nas legislaturas de 1951 a 1959 e 1967 a 1975. Governou o Estado sergipano de 31 de janeiro de 1959 a 6 de julho de 1962.

[42] Josias Vieira Dantas nasceu em Maruim, no dia 20/01/1890 e faleceu em 16/03/1971. Teve 14 filhos e a cada rebento que nascia, ele designava uma profissão, a fim de que fosse exercida por eles, em sua terra. Em 1928, criou, com os próprios recursos, o Banco de Crédito Popular de Maroim. Em sociedade com Gaspar Leal, inaugurou a Fábrica de Tecidos Sergipe Fabril e muitos outros estabelecimentos comerciais. Por seu desempenho, representou a Federação das Indústrias de Sergipe (FIES), em diversos eventos pelo Brasil. Ocupou a presidência do Gabinete de Leitura de Maruim entre 1923 a 1928. Em 1926, adquiriu o prédio onde hoje funciona essa instituição literária (Silva, 2020, pp. 420-422).

A nova sede da escola passou a ser num local mais afastado do centro de Maruim, com endereço na Rua Santo Amaro, s/n, bairro São José. Segundo Silva (2024), o prédio foi inaugurado no segundo semestre de 1965, mesmo inacabado, precisando ainda de alguns reparos. “A gente percebia, ainda, a pintura de cal. A gente sentia o cheiro de cal”. A pressa em ter um prédio com mais salas, para abrigar mais alunos, em ter mais espaço para o recreio e para outras atividades, fez com que adiantassem a inauguração e o seu funcionamento, pois o prédio do Instituto Cruz não suportava mais a população estudantil. Logo nos anos iniciais do seu funcionamento, para cortar caminho e pegar um atalho para se chegar ao estabelecimento de ensino, pegava-se um acesso pelo “lixão” da cidade.

> ‘Plantado’ na parte sul da sede municipal de Maruim, o novo prédio do Ginásio Maruinense estava localizado em uma área ainda pouco habitada. O solo argiloso, antes do calçamento, na época chuvosa, impregnava nos sapatos, que sujavam os corredores e as salas de aula. Outro inconveniente que impactava o acesso de estudantes e professores à tão amada escola, era a existência de um lixão. O caminho (mais curto) sinuoso, estreito e fétido, era concorrido com as presenças indesejadas de cachorros e urubus que procuravam se alimentar. Mas, tudo isso não impedia a marcha de estudantes, conscientes do sagrado dever (Silva, 2024).

Para se ter uma noção do funcionamento dessa instituição desde a sua criação, até os dias atuais, com as respectivas mudanças de nomenclatura, foi elaborado um quadro com informações obtidas no Departamento de Inspeção Escolar, no Setor de Escolas Extintas, da SEED.

Quadro 3 – Institucionalidade Legal do Ginásio Maroinense (1955-1995)

Portaria Ministerial nº 84, de 11 de fevereiro de 1955 – MEC	Autorização para funcionamento do Ginásio Maroinense
Parecer nº 32/1976	Autorização para o funcionamento de cursos de 2º grau do Colégio Regional Maruinense, com as habilitações de Técnico em Contabilidade e Formação de professores para 1º grau na cidade de Maruim.
Resolução nº 33/1976	Autorização para funcionamento do ensino do 2º grau ao Colégio Regional Maruinense.
Parecer 109/1980	Autorização de funcionamento das 4 (quatro) primeiras séries do Ensino de 1º grau ao Colégio Regional Maruinense (passando a ofertar o ensino de 1º grau em 8 séries)
Resolução nº 95/1980	Autorização de funcionamento das 4 (quatro) primeiras séries do Ensino de 1º grau ao Colégio Regional Maruinense
Resolução nº 20/1981	Autoriza a mudança de nome do Colégio Regional Maruinense, da cidade de Maruim, para Colégio Cenecista Regional Maruinense, mantido pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC.

Resolução nº 138/1984	Reconhecimento do ensino de 1º e 2º graus ao Colégio Cenecista Regional Maruinense.
Resolução nº 138/1995	Autorização para oferecimento da Educação Pré-Escolar no Colégio Cenecista Regional Maruinense, pelo prazo de 4 anos, podendo ser renovada por período de igual duração.

Fonte: quadro elaborado pela autora com base na documentação obtida no Setor de Inspeção (Escolas Extintas), da SEED.

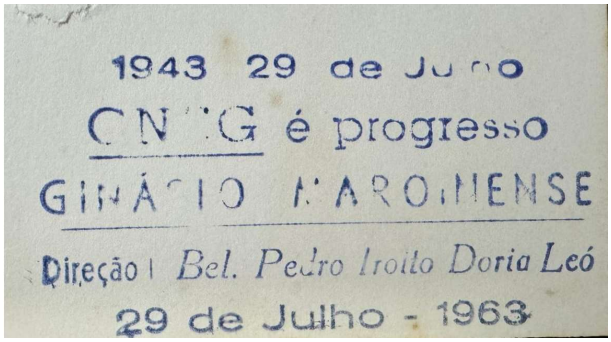
Em se tratando do parecer nº 174/1984, do Conselho Estadual de Educação, transformado na Resolução nº 138/1984 que reconheceu o ensino de 1º e 2º graus nesse estabelecimento, informa que o corpo docente nesse período era constituído de 25 professores habilitados. Além disso, descreve que a escola dispunha de recursos humanos, materiais e financeiros necessários ao desenvolvimento do ensino que se predispõe, "revelando uma escola séria, dinâmica e capaz de realizar uma obra educacional significativa".

> A CNEG era de graça, inicialmente. Nos primeiros anos, a gente não pagava. Depois é que passou por uma crise, e começou a vir uma taxa para pagar, uma pequena mensalidade. Foi quando virou CNEC. Para quem não tinha dinheiro, era uma despesa muito grande. Pais que tinham dois, três filhos reclamavam muito desse pagamento (Silva, 2024).

No entanto, por se tratar de uma escola mantida pela CNEC, o Colégio Cenecista Regional Maruinense, assim denominado nesse período, foi extinto[43]. Como informado, não foi possível a digitalização de nenhuma documentação do setor de inspeção. Mas, procurando e separando algumas fotografias de formatura do Ginásio Maroinense, observou-se no verso de uma delas, o carimbo com as mesmas informações que estavam no verso do certificado de aprovação em exame de admissão à 1ª série ginasial de Maria Lúcia, conforme figura 21.

[43] Atualmente, o prédio abriga o Colégio Estadual Felipe Tiago Gomes, denominação essa em homenagem ao criador/fundador da Campanha Nacional.

Figura 21 – Carimbo da CNEG encontrado no verso de uma fotografia de formatura do GM



Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

E, fazendo análise desse escrito, verifica-se que a primeira data – 1943, 29 de julho – é referente à data de criação da Campanha do Ginasiano Pobre (CGP), em Recife, dando origem à CNEC. Logo abaixo menciona "CNEG é progresso", pois essa campanha visava atender crianças e jovens que não tinham condições financeiras para estudar em escolas particulares. E, em seguida, faz menção ao Ginásio Maroinense e ao então diretor, o Bacharel Pedro Iroíto Dória Leó. Em relação à data "29 de julho de 1963", talvez seja uma referência aos 20 anos da criação das escolas cenecistas.

Maria Lúcia foi aprovada no exame de admissão em 02 de dezembro de 1963, obtendo as seguintes notas: Português – 4,0; Matemática – 4,0; Geografia – 6,5; História do Brasil – 9,5, sendo sua média final 6,0.

Certificado

Certifico, na qualidade de diretora (grifo meu) do Grupo Escolar "Padre Dantas", que a aluna Maria Raimunda dos Santos concluiu o 4º ano do Curso Primário, com aproveitamento neste Estabelecimento, durante o ano letivo de 1964.

Maruim, 27 de novembro de 1964.

Maria de Lourdes Gonçalves Viana
Diretora (grifo meu)

Abaixo consta um carimbo de reconhecimento de firma de Maria de Lourdes Gonçalves Viana

Maria Raimunda dos Santos cursou o Ginásio de 1965 a 1968. Ela prestou exames de admissão para a 1ª série ginasial, nos dias 1, 2 e 3 de dezembro de 1964, obtendo as seguintes notas: Português – 8,5; Matemática – 7,5; Geografia – 8,0; História do Brasil – 10,0. Média

geral: 8,5. Segundo seu relato, ela foi arguida, na prova oral, pelo Dr. Arthur Déda, que era juiz da comarca de Maruim, na época.

> Eu digo que o Ginásio Maruinense foi... se o Grupo Escolar foi um berço de prata, o Ginásio Maruinense foi um berço de ouro, sabe? Porque foi de um aprendizado, de uma disciplina, um respeito. Foi um pacote maravilhoso que eu fiz, coloquei dentro de um bornal e levei para o Atheneu Sergipense (M. R. dos Santos, 2024).

Neilde Lemos relata, com muita emoção, a passagem pelas instituições educativas em Maruim; O GEPD e, principalmente o GM, que lhe deram condições e abriram possibilidades para que ela continuasse os estudos do secundário, anos depois, no Atheneu Sergipense. Inicialmente, em razão da família ter ido residir em Aracaju, para que seu irmão mais velho, Luciano José dos Santos, continuasse os estudos, ela fez exame de admissão no Atheneu Sergipense, em 1963, então denominado Colégio Estadual de Sergipe[44]. Um ano depois, tiveram que voltar para Maruim, e ela foi transferida para Ginásio Maroinense, onde estudou no período de 1964 a 1966. No dossiê dela, encontrado no Arquivo Geral do Centro de Excelência do Atheneu Sergipense, não foi encontrado o certificado de conclusão do ensino primário.

> O Ginásio Maroinense representou, para mim, uma fase boa, mas, também, uma fase que me marcou muito pela humilhação do fardamento. No início do ano letivo, Josias Dantas disse que estudava quem pudesse. Mas a gente provou que não era só quem pudesse. Aí foi quando mamãe foi para Aracaju, procurar alguém na sede da CNEC que interveio e liberou a gente para estudar. Aí quem proibiu na época foi Josias Dantas (Lemos, 2024).

Nesse período em que estudou no GM, Neilde Lemos morou na rua Barão do Rio Branco, em Maruim. A localização da residência era um pouco afastada da escola ginasial, e a quantidade de irmãos fazia com que os pais limitassem os gastos familiares. E o fardamento, diante da necessidade de levar comida para casa, era o que menos importava. Mesmo assim, com muito sacrifício, a mãe conseguiu adquirir tal vestimenta para elas estudarem, mas os sapatos não eram os "recomendados" pela escola. Mesmo sem estudos ou posição social, a genitora, num ato de bravura, dirigiu-se à sede da CNEG, em Aracaju, e conseguiu liberação

[44] Conforme Alves (2005), o Atheneu já teve várias denominações: Atheneu Sergipense (1870), Lyceu Secundário de Sergipe (1881), Escola Normal de Dois Graus (1882), Atheneu Sergipense (1890), Atheneu Pedro II (1925), Atheneu Sergipense (1938), Colégio de Sergipe (1942), Colégio Estadual de Sergipe (1943), Colégio Estadual Atheneu Sergipense (1970) e, atualmente, Centro de Excelência Atheneu Sergipense.

para que as filhas frequentassem a escola com o calçado que tinham. E elas deram seguimento aos estudos. Sendo assim, é possível perceber que o curso ginasial, na década de 1960, abrigava outras camadas da sociedade, contrariando as reformas que tinham "caráter centralista, fortemente burocratizadora e dualista", que tinham como objetivo destinar o ensino secundário "às elites condutoras, e o ensino profissional, destinado ao povo" (Saviani, 2013, p. 270).

Em relação às disciplinas estudadas por elas, no curso ginasial, foram as seguintes, conforme quadro a seguir:

Quadro 4 – Disciplinas estudadas no GM (década de 1960)

1ª série	**2ª série**	**3ª série**	**4ª série**
Português	Português	Português	Português
Francês	Francês	Inglês	Inglês
Matemática	Matemática	Matemática	Matemática
Desenho	Ciências	Desenho	Desenho
Ciências	História do Brasil	História Geral	Ciências
História do Brasil	Geografia	Geografia	História Geral
Geografia		Organização Social	Organização Social

Fonte: quadro elaborado pela autora, com base nos dossiês das alunas, obtidos no setor de Escolas Extintas da SEED.

De acordo com o quadro acima, e fazendo uma comparação com o artigo 11, do decreto-lei 4244 /42, que estabelece as disciplinas dos cursos ginasiais do Brasil, sente-se falta do Latim e Canto Orfeônico, em todas as séries; Francês, nas 3ª e 4ª séries e Trabalhos manuais, nas 1ª e 2ª séries. Apesar de não constar na grade curricular do GM, as aulas de canto orfeônico eram ministradas pelo professor Joaquim José de Santana, conhecido com Joaquim da Música[45] (Silva, 2024).

As informações sobre a criação do GM, em diálogo com os itinerários das estudantes, nessa instituição, consistem em uma forma de tratar sobre a parte histórica, sobre as legislações pertinentes, que amparavam a manutenção dessa escola, o currículo estudado por elas, como forma de situar no tempo e por achar de grande valia para contextualizar a dissertação.

Quando o Ginásio Maroinense foi transferido para a nova sede, em 1965, quem passou a dirigir a escola foi a professora Maria Isabel Barreto, conforme figura 22. "Uma pessoa que merece os nossos maiores elogios. Uma pessoa de uma dedicação, que se doou por aquele

[45] Além de ser professor de canto orfeônico, Joaquim da Música, como era conhecido, era maestro e compositor. Ele é natural do município de Divina Pastora. Mas, a convite do Coronel Gonçalo, foi tocar na banda, em Maruim, sendo convidado, posteriormente, para ser professor do GM. Além das aulas de canto, ele ministrava também sobre Teoria Musical. Nas aulas, ele exigia que todos soubessem cantar os hinos da cidade, sendo um marco dessa geração de 1950 saber, até hoje, cantar o hino do Centenário de Maruim de cor, cuja melodia foi de autoria desse maestro (Silva, 2024).

Ginásio. Eu acho que ela não dormia, ela pensava nesse Ginásio 24 horas. Ela primava pela disciplina. Ela queria a ordem" (Silva, 2024). A dedicação e a presteza com as quais Maria Izabel prestava os ofícios do GM, que lhes foram delegados, continuam vivos na memória de Maria Lúcia, provavelmente por não ser algo comum às pessoas que estavam à sua volta e que, principalmente, ocupavam um cargo diretivo. De acordo com Bosi (2023), "quanto mais a memória revive o trabalho que se fez com paixão, tanto mais se empenha o memorialista em transmitir ao confidente os segredos do ofício" (p. 502).

Figura 22 – Maria Izabel Barreto (diretora do Ginásio Maroinense no período de 1964-1984)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Maria Izabel Barreto nasceu na cidade de Maruim em 11/02/1921. Cursou o primário nessa cidade, numa instituição particular denominada Colégio São Luiz, e o ginásio e o curso Normal no Colégio Nossa Senhora das Graças[46], na cidade de Propriá/SE. Ao retornar para a cidade natal, lecionou a disciplina Economia Doméstica na Associação de Proteção aos Menores Abandonados São José e, em dezembro de 1964, foi convidada para substituir o então diretor do Ginásio, Pedro Iroíto Dórea Léo. Ela ficou na direção dessa instituição até 1984 (Mendonça; Silva, 2017).

Lecionou Desenho e Pintura, nessa unidade de ensino, ao mesmo tempo em que dirigia o Ginásio Maroinense. Era bastante exigente quanto à disciplina e as vestes dos alunos, não

[46] Para saber mais acerca do Colégio Nossa Senhora das Graças, sugere-se a leitura de Souza (2005).

aceitando uniforme incompleto. De acordo com Dussel (2019) “os uniformes têm, obviamente, um caráter visual: eles contam o código por meio de características visuais específicas, como cores, estilos ou formas”[47] (p.3, tradução nossa).

> A saia das meninas tinha que ficar acima do joelho e na altura da blusa. De inverno a verão, as alunas tinham que vestir por dentro do uniforme, uma combinação que se exigia diariamente, para que não ficasse visível o desenho do sutiã. A camisa dos meninos não podia faltar um botão. Ela queria que o estudante, portando a insígnia do Ginásio Maroinense, fosse identificado como signo de ordem e respeito. O não cumprimento às normas estabelecidas era motivo para qualquer ginasiano, independentemente de classe social, voltar para casa. Outras disciplinas maiores tinham como castigo três a oito dias de suspensão das aulas, independentemente de ser no período das avaliações (Mendonça; Silva, 2017, p. 451)

De acordo com Lemos (2024), Maria Isabel Barreto primava tanto pela disciplina, que um dia, ao chegar ao Ginásio, calçando um sapato fechado, com lacinho, a então diretora, ao avistar o calçado da estudante, mandou-a voltar para casa, exigindo o sapato colegial[48]. Ainda com base em Dussel (2019) “os uniformes podem ser vistos como práticas reguladoras, limitando o movimento e impondo ações e omissões particulares aos corpos das meninas”[49] (p. 2, tradução nossa). A exigência do uniforme completo, e dentro dos padrões estipulados pela instituição, era, talvez, mais importante do que a própria preocupação com o processo de aprendizagem, fato não aceitável pelos pais dos alunos, forçando-os a buscar outras vias para que os filhos permanecessem na escola.

> E eu me lembro que Maria Izabel (que obedecia às ordens de Josias Dantas), exigia a farda completa. Mamãe tinha comprado um sapato, que tinha um lacinho em cima, que era para usar na festa de Senhor dos Passos, que era no dia 01 de janeiro. Quando começaram as aulas, ela arrancou o lacinho e a gente foi. Quando chegou na entrada do Ginásio, ele exigiu um sapato colegial. “Estuda quem pode”, ela disse a mamãe. Aí mamãe veio pra Aracaju e falou com alguém aqui e autorizaram a gente a ir com o sapato que tinha. Tudo isso a gente passou (Lemos, 2024).

[47] No original: “uniforms have, quite obviously, a visual character: they tell the code through particular visual traits such as colours, styles, or shapes” (p.3).
[48] O sapato colegial, utilizado pelas meninas que estudavam no GM, era um sapato fechado na frente, com correia e com solado de couro, baixinho, cor preto fosco, que era muitas vezes engraxado, para ficar mais vistoso. Para durar mais tempo, colocava-se meia sola, missão dada ao sapateiro da cidade, Seu Américo (Silva, 2024).
[49] No original: “uniforms could be seen as such regulative practices, limiting movement and imposing particular actions and inactions on girls’ bodies”

O ato de ir para capital, para dialogar com “conhecidos”, na tentativa de reverter a situação imposta pela diretora, e que tinham autoridade perante os dirigentes da escola, mostra a formação do capital social pregado por Bourdieu. Para ele, “a rede de ligações é o produto de estratégias de investimento social consciente ou inconscientemente orientadas para a instituição ou a reprodução de relações sociais diretamente utilizáveis” (2023, p. 115).

Da mesma forma, a aluna Maria Raimunda, para se manter na escola, em razão das dificuldades financeiras, utilizou-se desse capital e aproveitou o bom relacionamento que tinha com a direção para fazer uma troca. Ela receberia materiais didáticos enquanto ofereceria sua mão-de-obra para ajudar na limpeza da escola que, segundo Bourdieu (2023), “a troca transforma as coisas trocadas em signos de reconhecimento mútuo” (p. 115). A aluna aceitou a proposta.

> Até hoje eu agradeço a Deus pela vida dela. Ela vendo o meu interesse em estudar, perguntou se eu poderia ir aos sábados à tarde, ajudar Dulce (servente), na limpeza da escola. E, em troca, ela me daria material, lápis, caderno de desenho, compasso que a gente utilizava... o material todo. Aí eu disse: eu venho sim! Falei com a mamãe e ela autorizou. Aí eu ia ajudar a limpar banheiro, a varrer o pátio, sabe? Aí ela comprava o material e me dava de presente, todo ano. Teve até uma vez, no Natal, que ela comprou um vestido lindo para mim (M. R. dos Santos, 2024).

O relato de Maria Raimunda é uma amostra, provavelmente, do perfil de muitos discentes que frequentavam o ginasial nesse período no Brasil. A dificuldade, quase sempre financeira, em se manter numa escola, mesmo sem a necessidade de pagar taxas, mas com a “obrigatoriedade” de se ter um fardamento adequado e materiais didáticos que eram essenciais para as aulas, fazia com que muitos alunos “agarrassem” as oportunidades que lhes eram oferecidas para se manterem na instituição escolar.

Esse capital social, “na perspectiva bourdieusiana, essa rede durável de relações, exige um ‘trabalho de instauração e manutenção’, que depende tempo, esforços e recursos financeiros, mas proporciona lucros materiais e simbólicos” (Dallabrida et al, 2014, p. 64). Além de receber ajuda da diretora para continuar os estudos e concluir o ginásio, Maria Raimunda conquistou a confiança de Maria Izabel, que lhe delegava funções ímpares, como a chave da gaveta que se guardava o dinheiro da escola.

> Muitas das vezes assim, de tarde, a gente ia fazer uns trabalhos lá, umas coisas, né? Lá na escola. Como eu não tinha livro, eu aproveitava o tempo pra ir pesquisar lá, né? E ela confiava. E quando a gente tava lá fazendo uns trabalhos lá, extra, aí ela dizia assim: “Raimunda, vá lá na minha sala e pegue

> na minha gaveta dois mil cruzeiros", dinheiro da época, né? Aí eu ia lá. Quando eu abria a gaveta, eu via tanto do dinheiro! Aí eu pensava assim: "Meu Deus! Como é que ela tá me confiando, eu vim abrir essa gaveta pra pegar esse dinheiro? Aí eu pegava o dinheiro, fechava a gaveta e retornava. Aí ela mandava eu comprar uns pastéis, que lá perto do Ginásio, tinha uma pessoa que vendia uns pastéis gostosos. E eu ia. Então, são coisas que eu jamais esqueço (M. R. dos Santos, 2024).

Rememorar sobre os acontecimentos do GM trazem vida para a vida de Maria Raimunda. Ao falar sobre o voto de confiança que lhe era dado, uma jovem adolescente, ela traz à tona acontecimentos marcantes em sua vida. Os cheiros e os gostos também fazem parte das suas lembranças. "A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança" (Bosi, 2023, p. 55)

Outro professor que marcou bastante a vida dos estudantes do GM foi Arthur Deda, juiz de direito da cidade. Ele costumava usar terno, no calor, no frio, no sol ou na chuva, e sempre acompanhado de um livro. Ele ia caminhando do fórum, o antigo prédio do Ginásio, o Instituto Cruz, até o Ginásio Maroinense. Segundo Silva (2024), ele costumava entrar na sala recitando o poema "Jacó e Raquel", soneto 29 de Luís de Camões[50].

Jacó e Raquel

Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel lhe deu a Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
Assim lhe era negada a sua pastora,
Como se não a tivera merecida;

Começou a servir outros sete anos,
Dizendo: Mais servira, se não fora,
Para tão longo amor, tão curta a vida.

Quando ela descobriu que era um poema lírico, ficou feliz por saber ele estava recitando um clássico, para os alunos. Um poema de Camões sendo declamado para estudantes do Ginásio

[50] Soneto XXIX. Luís de Camões, 1524-1580.

Maroinense. Ela ficou encantada em ver a simplicidade dele. “Um juiz, que nunca foi arrogante. Muito humilde, tratava todo mundo por igual. Não tinha, assim, essa distinção. Não tinha essa sensação de que ele era juiz” (Silva, 2024). Ver alguém que ocupa um cargo importante, principalmente ligado ao poder Judiciário, tratar todos de maneira igual, ficou marcado na memória da jovem Maria Lúcia.

Maria Santiago também foi outra docente que marcou a vida dos alunos, com suas aulas de Ciências. Certa vez, ela fez a experiência para separar mistura heterogênea, limalha de ferro com enxofre. Ela pegou o grau, pegou a cuinha de louça com o grau, triturou a limalha de ferro com enxofre, que veio com um imã que separou todo o ferro do enxofre. “E sempre que ela podia, ela trazia material de casa para fazer a experiência, com óleo, com sal, ela sempre, porque a escola não tinha recursos, muitos recursos, né? E ela colaborava nessas práticas” (Silva, 2024).

Maria Lúcia gostava tanto de ciências que a última foto, no último dia de aula no Ginásio Maroinense, foi na frente do armário da vidraria dos aparelhos de ciência. Foi uma forma de carregar essa lembrança, conforme visualizado na figura 23.

Figura 23 - Alunas do GM, Maria Lúcia e sua irmã, Maria Luiza (1967)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

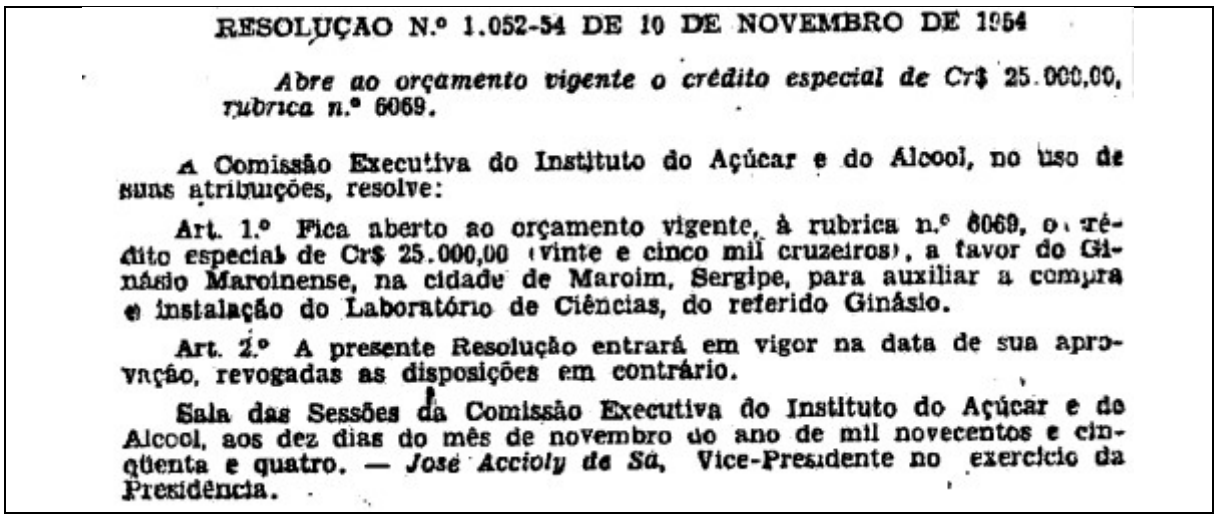
Nessa imagem anterior, visualizamos Maria Lúcia e sua irmã, Maria Luiza Marques, de óculos, sentadas em carteiras individuais, em frente ao armário que abrigava os materiais de laboratório, utilizados nas aulas de ciências. Observa-se que as duas estão posição ereta, uma com caderno aberto, simulando escrever algo, e, a outra, folheando a página, talvez, de um livro. As duas tentam transparecer uma certa seriedade para a ocasião, mas Lúcia não esconde a felicidade do momento, soltando levemente um sorriso. Segundo Benito (2017),

> (...) ao observar o mobiliário dessas e de outras escolas, podemos constatar como as mesas, os bancos e as carteiras são objetos materiais que impõem uma geometria nas salas de aula, além de disciplina e higiene dos aos corpos. Essas mobílias foram, além disso, suportes que fundaram a primeira ergonomia escolar, constituindo-se em um lugar compartilhado entre os alunos, um microespaço onde se aprendeu a escutar, ler e escrever (p. 237).

O fardamento utilizado pelas duas era composto de: camisa branca, gravata azul marinho (que Maria Lúcia guarda em seu acervo até hoje), saia de prega azul, sapato tipo bonequinha e meia branca (que não conseguimos visualizá-los na imagem). Outro ponto a se observar era como o referido laboratório era rico em materiais. A vidraçaria e outros objetos, como um modelo anatômico do olho, observado na primeira prateleira, mostram como a escola era bem servida e como os alunos de uma cidade do interior tinham à sua disposição objetos que lhes ajudavam no processo de aprendizagem.

Em busca de informações no Diário Oficial da União sobre o Ginásio Maroinense, localizou-se a Resolução nº 1052, de 10 de novembro de 1954 (figura 24), que concedeu crédito especial de 25 mil cruzeiros para essa instituição, para auxiliar na compra e instalação do Laboratório de Ciências. Provavelmente são esses objetos que visualizamos na imagem, que foram adquiridos no ano de criação do Ginásio e que, quase 10 anos depois, ainda se encontravam por lá, auxiliando nas aulas práticas.

Figura 24 – Resolução 1.052, de 10 de novembro de 1954: abertura de orçamento para compra e instalação do Laboratório de Ciências do GM



RESOLUÇAO N.º 1.052-54 DE 10 DE NOVEMBRO DE 1954

Abre ao orçamento vigente o crédito especial de Cr$ 25.000,00, rubrica n.º 6069.

A Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, no uso de suas atribuições, resolve:

Art. 1.º Fica aberto ao orçamento vigente, à rubrica n.º 6069, o crédito especial de Cr$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros), a favor do Ginásio Maroinense, na cidade de Maroim, Sergipe, para auxiliar a compra e instalação do Laboratório de Ciências, do referido Ginásio.

Art. 2.º A presente Resolução entrará em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

Sala das Sessões da Comissão Executiva do Instituto do Açúcar e do Alcool, aos dez dias do mês de novembro do ano de mil novecentos e cinqüenta e quatro. — *José Accioly de Sá*, Vice-Presidente no exercício da Presidência.

Página 26 da Seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 7 de fevereiro de 1955. Consulta em 13/10/2024. DOU 7/02/1955 - Pg. 26 - Seção 1 | Diário Oficial da União | Diários Jusbrasil

É interessante observar que no início do Ginásio, segundo Silva (2024), quando ele "nasce", os professores tinham o ensino superior. Eram engenheiros, engenheiro agrônomo,

engenheiro civil, médicos. Eram pessoas graduadas na faculdade de filosofia. O professor de matemática era médico. “Tinha um universitário de medicina que ensinava inglês, Chiquinho. Então você já vê o pé da universidade por lá. O engenheiro agrônomo que ensinava ciências, o Doutor Janjão. O professor Cândido Meira era engenheiro do DER, lecionava matemática” (Silva, 2024).

No entanto, com a mudança de sede, da instituição, quando o Ginásio sai do Instituto Cruz e foi transferido para o prédio novo, os professores passam a ser moradores da própria cidade de Maruim, que não possuíam nível superior, mas que tinham cursada o pedagógico em escolas do estado de Sergipe. Talvez esse tenha sido o período de mudança da CNEG, para Campanha Nacional de Escolas da Comunidade – CNEC, na qual se exigia uma taxa mensal para que o aluno pudesse frequentar a escola.

Como recorda Maria Raimunda,

> A gente sabe que naquela época muitos professores não tinham formação, acadêmica. Tinham aqueles cursos que faziam. Mas, mesmo assim, eram professores de uma capacidade impressionante. Lembro-me de Ivone Melo Dantas. O que mais me chamava a atenção era a forma que ela dava aula. Aquele dinamismo. Ela levava o mapa, ela nunca dava uma aula de história sem o mapa, pra explicar tudinho. E aí, quando ela começava a aula, ela fazia assim, ela escrevia assim. Por exemplo, vamos supor que ela ia falar sobre a Independência do Brasil. Aí ela escrevia no quadro: CAUSAS. E retornava pra o público para explicar todas as causas que levaram ao Brasil ter a Independência, e ficar livre de Portugal, né? Depois, ela retornava, CONSEQUÊNCIAS. E, depois, no final, ela fazia: CONCLUSÃO. Quer dizer, fazia aquele esquema pra gente. Coisa extraordinária para a época (M. R. dos Santos, 2024).

Importante observar o método de ensino aplicado pela professora de História de uma instituição educativa do interior do Brasil. Sua metodologia, seguindo a ordem de Causas, Consequências e Conclusão, ficou marcada na memória da estudante, fazendo-a descrever os fatos, minuciosamente, quase 50 anos depois.

> E eu sempre digo que nós, de Maruim, nós que passamos pelo ginásio, nós fomos nós tivemos uma educação europeia. Porque essas professoras, a maioria delas, estudaram Nossa Senhora de Lourdes[51] com freiras francesas. Então a questão dessa educação, essa se você vê a biografia delas, Ivone, Maria Isabel Barreto, Maria Santiago, que estudou interna no Colégio Imaculada Conceição, em Capela, colégio de freira também. E essas freiras vieram da Europa, vieram do exterior, trabalharam muito na educação. Então

[51] Para mais informações, consultar Costa (2003).

> elas trouxeram práticas pedagógicas, importaram para o Brasil, e nós, por associação matemática, nós pegamos um pouco dessa educação, dessas práticas (Silva, 2024)

As professoras que trabalhavam no GM, em sua maioria, fizeram curso pedagógico em colégios de freiras, em regime de internato, e tiveram como predecessoras as freiras vindas da Europa, que as ensinaram sobre práticas pedagógicas que elas aplicaram, posteriormente, nas aulas do GM.

Outro ponto a se destacar era em relação à disciplina Educação Física. Quem lecionava essa matéria era o delegado de polícia da cidade, que, segundo Silva (2024) era, geralmente, o comandante ou o capitão que tomava posse da delegacia. Era sempre quem ocupava o posto mais alto da delegacia que ensinava.

> A Educação Física era logo cedo, pela manhã, antes da aula. A gente ia correr no campo de manhã cedo, fazia aquela corrida, descia pela rua, caminhava pela rua, cantando também. E aí, no caminho, a gente passava na padaria, ganhava um bolachão ou um pão, saía comendo e ia para a educação física (Silva, 2024).

Maria Lúcia afirma, também, que, as aulas de Educação Física ocorriam no campo da cidade, duas vezes na semana, às seis da manhã. Era o rádio que as despertava e sinalizava que já estava no horário para o cumprimento de tal atividade. O local um pouco mais afastado da sua residência. Quem estudava pela manhã, ia para casa para trocar de roupa, porque a aula começava às oito. No caminho até o campo, às vezes encontravam leite e pão, que os entregadores deixavam nas portas dos mais abastados. E num ato pueril, abriam a sacola e "furtavam" um pão, antes das atividades físicas.

> O uniforme era uma camiseta branca, short azul e tênis pé de anjo. Pé de anjo era um tênis simples, bem baixinho. Era o tênis mais barato. Não tinha esses tênis de marca como hoje. Foi o primeiro tênis, eu acho, que aparece na vida estudantil da nossa geração. Foi o pé de anjo (Silva, 2024).

Como informado por Maria Lúcia, "pé-de-anjo" era um tipo de calçado utilizado por estudantes nas décadas de 1960/1970, e que, por ser um marco para os alunos daquela época, chegou a dar título ao trabalho de Maria Cristina Cerqueira da Graça, denominado "Pés-de-anjo e letreiros de neon: ginasianos na Aracaju dos anos dourados" (2002), fruto da sua dissertação de mestrado que, posteriormente, transformou-se em livro.

Na figura 25, temos fragmentos de uma aula de Português, com temas para Redação da prova final, à direita, como: “Minha cidade”; “Marcos do progresso de Sergipe”; “As férias”. À esquerda, não muito bem clara, em razão do aluno se posicionar à frente do texto, visualizamos, com facilidade a frase “Eu te digo que deves cumprir com tuas obrigações [...]”, estando grifadas as palavras “te” e “deves”, supondo ter sido uma aula de conjugação verbal.

Figura 25 – Alunos na sala de aula do Ginásio Maroinense - 1967

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Essas são as letras do professor Artur Oscar de Oliveira Deda. Mas, nesse momento da foto, os alunos tinham ido para o quadro para apagar esses escritos referentes à disciplina Português, para estudar Matemática, pois a professora Nancy Carvalho era bastante exigente. Foi quando apareceu uma pessoa com uma máquina fotográfica, planejado, talvez, e registrou esse momento, em dezembro de 1967, onde os alunos simulavam uma aula. “Uma vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo que um texto levaria muito mais tempo para descrever” (Burke, p. 125).

Da direita para esquerda: Luiza Gonçalves, sentada provavelmente à mesa do professor, pois estrutura física é diferente das demais carteiras da sala; em pé: Nilma, Tertuliano Moura (detalhe para os óculos escuros), Maria Lúcia Marques Cruz, Evelina de Sena e Silva, Iracema Maynart Brito e Maria Luiza Marques Cruz. Sentados: José Carlos Dantas, Estela Gonçalves,

Edileuza Costa e Maria Antônia. Detalhe que todos mostram seriedade no momento da foto, como que representando a realidade das aulas naquela época.

Como ocorria no GEPD, as festividades comemorativas ao dia 7 de setembro, também faziam parte do calendário escolar do GM. Elas viveram isso nos dois ciclos da vida escolar, tanto no primário quanto no secundário. Segundo Benito, "os calendários e horários escolares são os registros mais fiéis dos trabalhos e dos dias das crianças e dos professores, ao mesmo tempo que um reflexo das relações das instituições educativas com seus entornos sociais" (2017, p. 193).

O desfile cívico, em comemoração à Independência do Brasil, era uma das ocasiões mais esperadas pelos alunos, professores e, principalmente, pela população local. A cidade ficava agitada para a chegada desse dia. Era considerado um evento, no qual os pais e, principalmente as mães, desdobravam-se para que seus filhos tivessem as melhores vestimentas para fazer valer tal comemoração.

> Eu nunca tive muita oportunidade de participar das festas do Ginásio, porque minha mãe não tinha condições. Era uma farda, era uma saia para duas. Uma usava de manhã e a outra usava à tarde. O sapato era um para duas. Então eu não tive muita oportunidade de participar dos eventos da escola (Lemos, 2024).

O depoimento da aluna do ginásio aponta para as dificuldades de estudar e se manter na primeira etapa do ensino secundário em uma cidade do interior de Sergipe, como, também, as estratégias utilizadas para conseguir finalizar esse nível de ensino. Na perspectiva bourdieusiana, "os êxitos escolar e socioprofissional dependem do acúmulo e inter-relação de diferentes capitais, de maneira que os sujeitos pertencentes às classes sociais desfavorecidas têm desvantagem no mercado profissional e social" (Vieira e Dallabrida, 2013, p. 761). As condições econômicas da maioria dos estudantes, não eram óbice para que esses discentes não participassem das festas da escola. Algumas mães compravam o pano e faziam, na máquina de costura que tinham em casa, os uniformes, para que suas crias pudessem participar dos desfiles.

Figura 26 – Pelotão do Ginásio Maroinense (1967)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Na figura 26, é possível visualizar um ensaio para o desfile estudantil. Como não era o dia oficial do desfile de Sete de Setembro, as alunas não precisaram usar roupa de gala, que era composta de camisas brancas de manga longa, obrigatória para tal evento. Nela podemos observar meninas usando camisa branca de manga curta, saia de prega azul marinho, meia branca e sapato tipo bonequinha. Percebe-se, também, que os cabelos estão bem arrumados e a guarda de honra está com a faixa verde e amarela sob o peito.

Um ponto analisado por Silva (2024) é que, sempre quem vinha à frente do pelotão era alguém de cor de branca e de cabelos lisos. Ela afirma que, por não se enquadrar dentro desse estereótipo, nunca teve a oportunidade de ocupar tal posição. Assim pensando com Vidal (2009, p. 39): “Olhar a escola pelas lentes da cultura escolar permite não apenas ampliar nosso entendimento sobre o funcionamento interno da instituição como nos provoca a rever as relações estabelecidas historicamente entre escola, sociedade e cultura”.

Observa-se, ainda, o espaço quase rural onde está acontecendo o desfile (e onde estava localizado também o GM) e que, pela direção em que os estudantes estão marchando (descendo a ladeira), eles saíram da referida escola e seguiam em direção à praça Barão de Maruim, onde fica localizada a Igreja Matriz da cidade.

Outro evento bastante esperado pelos maruinenses, daquela época, era o desfile da Primavera (figura a seguir), que ocorria entre os meses de setembro ou outubro. Era uma festa

concorrida e aguardada pela comunidade. As pessoas queriam ver, principalmente, as representações organizadas pelo GM. A diretora dessa escola, Maria Izabel Barreto, era tida como uma pessoa criativa. Tinha uma equipe de professores que fazia trabalhos com qualidade. “Ela procurava os artistas e as melhores costureiras da cidade para fazerem as roupas dos alunos” (Silva, 2024). Vejamos uma imagem do Desfile:

Figura 27 – Estudantes do Ginásio Maroinense no Desfile da Primavera (1966)

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Na figura 27 observamos alunos e alunas com a farda de gala: os meninos, com blusão cor cáqui, longa, camisa branca, por dentro, gravata preta, calça branca e sapato; e as meninas, com camisa branca de manga longa, gravata azule saia de prega na cor azul marinho, meias brancas e sapatos tipo bonequinha. Outros alunos estão vestidos com representações folclóricas/culturais ou relacionadas a alguma profissão, como a aluna entre os pelotões de gala, que está usando uma roupa representando primavera, com vestido e ornamento na cabeça, e outro discente, na fila contrária, que está com roupas claras, representando um enfermeiro. Mais ao fundo, ao centro, observa-se o carro alegórico, com plantas e flores ao redor.

É possível perceber que a fotografia do desfile da primavera foi feita nas proximidades de um dos locais mais movimentados da cidade: a praça Barão de Maruim, praça que abriga a Igreja Matriz Senhor dos Passos. O objetivo maior era mostrar para a sociedade os feitos dessa instituição educativa e o peso que ela tinha para a sociedade local e municípios circunvizinhos. Era um orgulho carregar o nome do Ginásio Maroinense.

Além de frequentar o ginásio como alunas, era comum, naquele período, contratar os alunos egressos que tivessem tido um bom desempenho enquanto discente, para que retornassem à escola como professor, pois havia uma escassez de docentes graduados e que pudessem cumprir com a demanda das instituições educativas do interior do Estado. De acordo com Santos (2003), até a década de 1960, só existiam em Sergipe, seis faculdades, sendo quatro particulares. A Universidade Federal de Sergipe só foi criada em 1966.

Esse foi o caso de Maria Raimunda, que concluiu o curso ginasial em 1968, e retornou para o GM, em 1969, como docente, por sua facilidade com a matemática, e por sua didática em explicar tal disciplina para os colegas. Em 1970, já no segundo ano do científico, no Atheneu Sergipense, em Aracaju, ela, estudando no turno matutino, assim que acabava a aula, voltava para Maruim para lecionar, à tarde, no Ginásio Maroinense.

> Tinha um senhor, chamado Joaquim, que tinha uma Kombi. Ele levava para Aracaju, todo dia, o filho dele, que estudava no Salesiano. Então, eu e Clemildes, uma que já fazia Filosofia na Faculdade Católica (porque, naquela época, não tinha o Campus ainda), nós conseguimos duas vagas nessa Kombi e a gente ia com ele. No início, eu ia de ônibus. Depois foi quando surgiu a vaga na Kombi. Eu também dei umas aulas de matemática ao filho dele, como permuta na gasolina (M. R. dos Santos, 2024).

Ela ensinou por volta de três para quatro anos. Quando se aposentou como professora do Estado, o tempo que lecionou no Ginásio, ainda sem ter a graduação, contabilizou para sua aposentadoria. Além da matemática, ela também ministrou aulas de francês, pois aprendeu com a professora Maria da Glória Portugal[52] e num curso que fez, após uma seleção, na Aliança Francesa.

> Mas, o que pesou no meu ensinamento de francês foi Padre Francisco. O padre, da época, que era francês. Foi a época dos padres franceses lá em Maruim. Ele, vendo que eu tinha um interesse, depois dos ensaios do coral, ele me dava aula de francês, lá na Paróquia. E, aí, eu consegui uma boa bagagem. Por conta disso, foi quando um professor que ensinava francês, deixou, não foi mais, porque, parece que ele já tinha se formado na

[52] Maria da Glória Menezes Portugal Montes, conhecida como Glorita Portugal, nasceu no dia 27 de julho de 1917, na Fazenda Beleza, no povoado Caitetu, localizado no município de Maruim/SE. Estudou as primeiras letras, na zona rural, com a professora Marocas Campos. Já residindo em na sede de Maruim, foi estudar com a professora Violante Macieira, em regime de internato, na Escola Nossa Senhora da Conceição. Depois de um ano, seguiu para a Escola Laranjeirense da professora Eufrozina Guimarães (Zizinha Guimarães), de quem recebeu influência para estudar a língua francesa. Em Aracaju, estudou no Colégio Tobias Barreto, onde saiu com 18 anos após concluir o segundo grau. Casou-se com o professor Francisco Portugal, com quem teve oito filhos. Frequentou a Escola Técnica de Comércio, onde fez o curso de Contabilidade. Quando a família enfrentou uma crise financeira, utilizou seus dotes educacionais e passou a ministrar aula de Francês em escolas particulares, a exemplo dos colégios Nossa Senhora de Lourdes, Tobias Barreto e Patrocínio São José. Por indicação do professor Alcebíades Villas-Boas, foi nomeada professora de francês da Escola Normal Rui Barbosa. Em 1957, prestou concurso para ensinar francês no Atheneu Sergipense, defendendo uma tese e sendo aprovada com louvor. No Governo Lourival Baptista (1967-1971), assumiu a direção do Atheneu Sergipense por dois anos. Faleceu em 4 de janeiro de 2015 (Mendonça; Silva, 2017).

> universidade. Aí, Dona Isabel me pediu, também, para poder dar aula de francês. Era matemática e francês que eu lecionava (M. R. dos Santos, 2024)

As professoras do Ginásio Maroinense tinham alguma preparação, como cursos de aperfeiçoamento, que davam direito a ensinar. “O reduzido número de professores graduados em todo o país acabou contribuindo para a proliferação de professores leigos, fato que levou o Ministério da Educação a encontrar como saída a instituição dos Exames de Suficiência e dos cursos promovidos pela CADES” (Santos, 2003, p. 51). Eram as improvisações do ensino secundário na década de 1950, na tentativa de ir se construindo um sistema educacional exigido e idealizado nos moldes legislativos.

Isso aconteceu com Maria Raimunda. Maria Izabel Barreto, mais uma vez, vendo o esforço dela, conseguiu que ela se matriculasse no curso de Matemática, da Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário - CADES, para “pegar habilidade”, para dar aulas às quintas e sextas séries. Foram três meses de curso, no período de 11 de dezembro de 1970 a 13 de fevereiro de 1971, conforme figura 28.

Figura 28 – Certificado de Maria Raimunda dos Santos, do curso de Matemática promovido pela CADES – 1970/1971

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
INSPETORIA SECCIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO DE ARACAJU - SERGIPE

Certifico que Maria Raimunda dos Santos
frequentou com regularidade o curso de Matemática promovido
pelo Programa de Aperfeiçoamento de Pessoal Docente e Técnico Administrativo sob
os auspícios do Departamento do Ensino Fundamental, no período de 11-12-1970
a 13-02-1971

Aracaju, 13 de fevereiro de 1971

Coordenador Técnico

Maria Aparecida de Oliveira
Coordenador Administrativo

Helena Alencar Pereira
Inspetor Seccional

Fonte: acervo particular de Maria Raimunda dos Santos. Fotografia da autora.

O curso aconteceu durante as férias escolares, no prédio do Instituto do Educação Rui Barbosa, antiga Escola Normal[53], na cidade de Aracaju, porque, nessa época, as aulas só

[53] Para saber mais, consultar: Freitas (1995).

começavam em março. Os alunos, de vários municípios de Sergipe, receberam alojamento, dentro da própria escola, e alimentação, e só precisavam retornar para suas casas nos finais de semana. Quem ministrava a disciplina Matemática era Nicodemos Falcão. O conteúdo programático do curso era justamente o currículo da disciplina referente às séries que eles iriam dar aula.

Com esses relatos, e com as fontes apresentadas, percebe-se a importância dessa instituição educativa ginasial para Maruim e municípios circunvizinhos. Foi possível conhecer os aspectos históricos e sociais das alunas, nesse período em que cursaram o ginasial, bem como fazer uma análise dessa instituição educacional. O Ginásio Maroinense foi uma escola que possibilitou oportunidades, através de estudos mais rigorosos, para que essas quatro discentes tivessem um suporte para conseguirem uma vaga no curso científico do Atheneu Sergipense.

4 “IR PARA O ATHENEU ERA O QUE EU ESCUTAVA QUANDO ESTAVA NO GINÁSIO, QUE ERA O MELHOR COLÉGIO ESTADUAL”: O ATHENEU SERGIPENSE

> [...] nas lembranças que tecem a trama de nossa existência, a passagem pela escola aparece, sem dúvida, como um dos marcos primordiais e imprescindíveis que estruturam a narrativa em que alinhavamos e expressamos o tempo vivido. A experiência da escola faz parte do relato em que se sustenta, desde suas origens, nossa própria biografia pessoal (Benito, 2017, p. 179).

Essa seção se inicia com as memórias de Maria Raimunda dos Santos, aluna do GEPD, que foi para a capital sergipana, para cursar o científico, no Atheneu Sergipense, objetivando entrar na universidade. Ela estudou nessa instituição no período de 1969 a 1971, após cursar o ginasial do Ginásio Maroinense.

Antes de falar sobre os itinerários das discentes na instituição, apresento as fotografias das quatro alunas, fotos essas que foram utilizadas para a matrícula no Atheneu Sergipense, encontradas nos seus respectivos dossiês. Segue um mosaico com as imagens, a seguir.

Figura 29 – Fotografias das alunas Maria Inácia dos Santos, Maria Lúcia Marques Cruz, Maria Raimunda dos Santos e Neilde Lemos (década de 1960).

Fonte: SERGIPE, 1966, 1968, 1969a, 1969b. Fotografias da autora.

As imagens anteriores[54], na figura 29, são das alunas Maria Inácia, Maria Lúcia, Maria Raimunda e Neilde, e foram localizadas nos seus respectivos dossiês, e tiradas, provavelmente, em meados da década de 1960, período em que elas tinham, em média, entre 15 a 17 anos de idade, e estavam ingressando no Atheneu Sergipense. Todas as quatro fotografias são em preto e branco. As das três primeiras aparentam terem sido tiradas num estúdio, ao contrário da de Neilde, que tem ao fundo, uma janela ou porta, como se tivesse sido recortada no tamanho 3x4, como exigência do ato da matrícula, e é a única que esboça um sorriso.

O Atheneu Sergipense foi fundado em 24 de outubro de 1870, por Francisco Cardoso Júnior (presidente da Província de Sergipe). Foi o primeiro estabelecimento de Instrução Pública secundária da capital de Sergipe (Alves, 2005). No entanto, a intenção desse tópico, não é falar sobre a história dessa instituição, pois já existem trabalhos sobre tal feito, como mostra o levantamento realizado por Alves, Oliveira e Costa (2020). O intuito aqui é mostrar essa escola a partir de quatro estudantes que fizeram o primário em Maruim/SE e por lá passaram, suas vivências, suas experiências, seus aprendizados, seus itinerários, a exemplo de Maria Raimunda que, quando cursava o ginásio, já ouvia relatos sobre cursar o científico em Aracaju, no Atheneu Sergipense.

> Ir para o Atheneu era o que eu escutava quando estava no ginásio... que era o melhor colégio estadual. Eu queria fazer era o chamado científico, na época porque eu queria fazer na área de exatas. Eu já tinha meu foco. Então, meu desejo, a minha escolha pelo Atheneu (M. R. dos Santos, 2024, grifo meu).

Assim que concluiu o curso ginasial, no Ginásio Maroinense, Maria Raimunda foi para Aracaju, para fazer a matrícula no Atheneu Sergipense, com o objetivo futuro de entrar na universidade e cursar licenciatura em Matemática. Lá chegando, não teve dificuldades em obter a vaga porque suas notas do ginásio foram fundamentais para conquistar uma cadeira na tão sonhada escola.

Em entrevista concedida por Valnir Chagas, ele trouxe uma colocação sobre o ensino secundário citado por Capanema (1934-1945) "a escola secundária é a estrada real da Universidade" (Buffa, 1997, p. 129). E, de fato eram poucos que tinham o privilégio de continuar seus estudos até o ensino universitário, sendo "uma barreira para a continuidade dos estudos" (Bastos e Hermel, 2014, p. 147) e, ainda, saindo de uma cidade do interior, para enfrentar os desafios de uma escola secundária, na capital. Segundo Graça, a rigidez dos exames

[54] As questões de gênero e raça serão trabalhadas em estudos posteriores, devido às limitações temporais para elaboração da dissertação.

de admissão do Atheneu Sergipense, “aliada à grande procura, permitia-lhe operar uma alta seletividade entre os garotos e garotas, absorvendo os filhos das camadas sociais economicamente mais abastadas” (2002, p. 48).

Um dos objetivos do Atheneu Sergipense era “ofertar uma instrução secundária, de caráter literário e científico, necessária e suficiente para viabilizar aos seus alunos o ingresso nos cursos superiores” (Alves; Oliveira; Costa, 2021, p. 145).

Figura 30 - Atheneu Sergipense - 1950

Fonte: Álbum Atheneu Sergipense (Alves, Oliveira e Costa, 2022, p. 32)

A figura 30 retrata o Atheneu Sergipense, na década de 1950, período em que essa instituição recebeu nova sede, na Praça Graccho Cardoso, s/n, e que permanece até a contemporaneidade. “Qualquer que tenha sido a localização geográfica em que o prédio do Atheneu Sergipense funcionou, ele sempre esteve na região central da cidade de Aracaju, à vista da sociedade e próximo aos demais edifícios de destaque” (Alves, 2005, p. 49).

O prédio construído para sediar a instituição possuía salas amplas, arejadas, iluminadas e com um amplo espaço para vivência entre os alunos e para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, uma das maiores reivindicações do corpo diretivo desde os tempos do Liceu na cidade de São Cristóvão (Alves, 2005).

Pela necessidade de colher mais informações dos egressos do GEPD, surgiu a ideia de fazer uma pesquisa nos livros de matrícula do Atheneu Sergipense, salvaguardados também no CEMAS, onde constam os nomes dos alunos que tinham como naturalidade a cidade de

Maruim/SE. No quadro abaixo, estão citados os anos que os discentes se matricularam no 1º ano científico do Atheneu Sergipense.

Quadro 5 – Discentes procedentes de Maruim, que fizeram matrícula na 1ª série do curso científico do Atheneu Sergipense, no período de 1964-1970

Ano	Nome do aluno
1964	Janúsia Alves Feitoza
	José Menezes Oliveira
	Maria Lúcia de Oliveira Ferreira
	Robério Souza Santos
1965	Amélia Maria Lemos Maia
	Carmen Wiltshire Soares Filha
	José Menezes Oliveira
	Jorge Paes Leme
	Mª Lúcia de Oliveira Ferreira (repetente)
	Noemi de Souza Bôto
	Tânia Maria Maynart Pereira
1966	Amélia Maria Lemos Maia (repetente)
	Evenor de Sena e Silva
	Jorge Paes Leme (repetente)
	Maria Inácia dos Santos Ventura
	Maria José dos Santos
	Maria José Dias Porto
	Sérgio de Souza Lopes
1967	Maria Inácia dos Santos Ventura (repetente)
	Maria José Dias Porto (repetente)
	Maria José dos Santos
	Napoleão Santos Queiroz
	Tânia Maria Dantas Leandro
	|Anaíde Passos Lisboa
	Ananias de Santana Teles
	Antônio dos Santos
	Aroldo Teles Corumba

1968	Gilvando Freire Sobral
	Luís Mário Mendonça
	Manoel Azevedo Ribeiro
	Maria Lúcia Marques Cruz
	Maria Sílvia Bonfim
1969	Dinorah Dantas Melo Filha
	Evaldo Sena e Silva
	Francisco Soares de Melo
	Janete Valeriano de Oliveira
	Manoel Batista de Andrade Filho
	Maria Raimunda dos Santos
	Ubiracilda de Souza Santos

Fonte: quadro elaborado pela autora, conforme Livro de Matrícula 1145 FASG1S10 – CEMAS (destaques feitos pela autora)

De acordo com o quadro anteriormente exposto, verifica-se que 1968 foi o ano que teve mais alunos provenientes de Maruim, matriculados no 1º ano científico do Atheneu Sergipense, sendo um total de nove. Mesmo assim, o número é bastante irrisório, pois, de acordo com as informações, nesse mesmo ano, houve um total de 608 matrículas, sendo que apenas 1,48% natural de Maruim, mostrando quão difícil era sair de uma cidade do interior para estudar na capital. Isso demonstra que essas quatro alunas integram um pequeno grupo de pessoas que conseguiu sair de um município economicamente sem recursos, para estudar numa das instituições secundaristas mais renomadas do Estado de Sergipe.

Quadro 6 – Quantidade de alunos matriculados no 1º ano científico do Atheneu Sergipense, nos anos de 1964 a 1969

Ano	Matrículas
1964	217
1965	322
1966	393
1967	446
1968	608
1969	611

Fonte: quadro elaborado pela autora, com base nos dados do livro de matrícula 1145 FASG1S10 – CEMAS

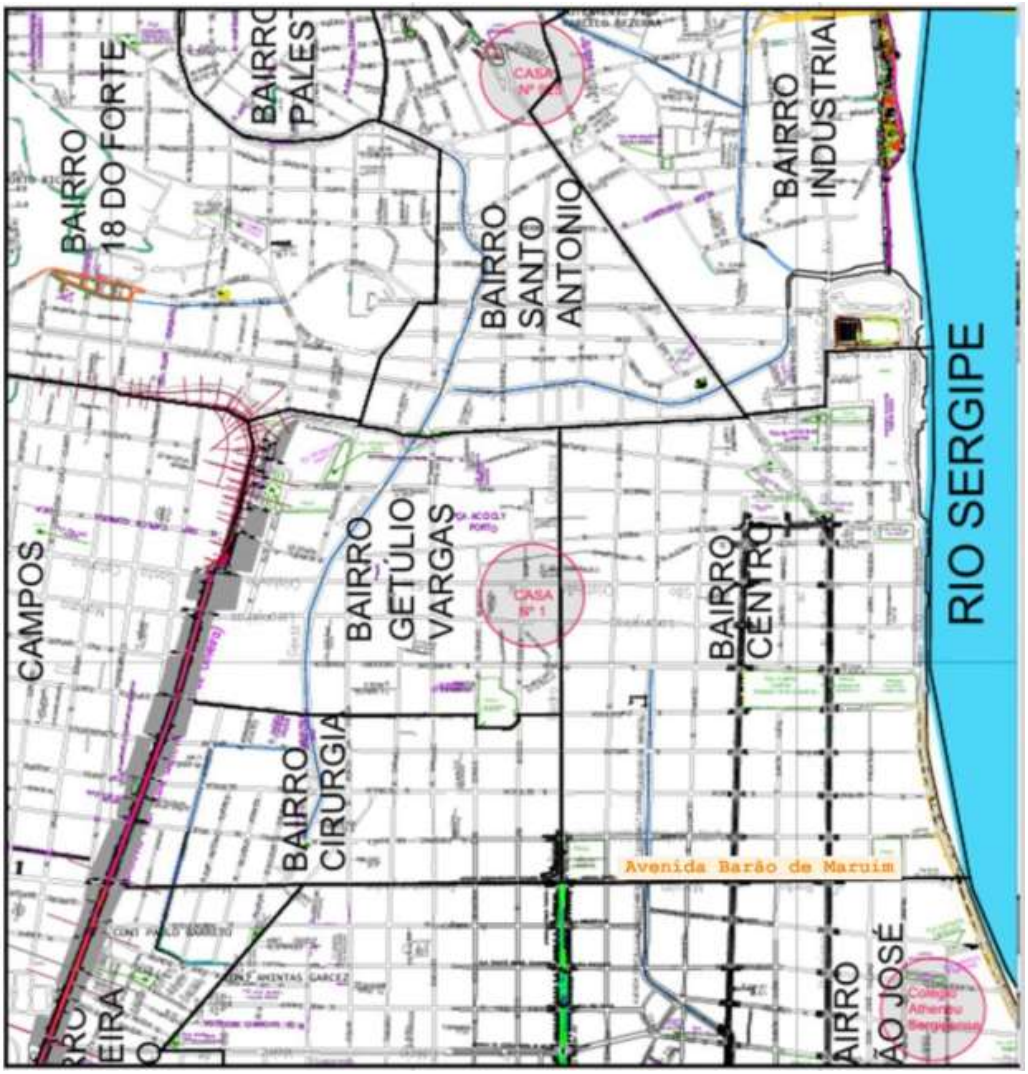
Conforme quadro anterior, no entanto, mesmo com poucos alunos originários dessa cidade, percebe-se uma ordem crescente no número geral de matrículas nos anos de 1964 a 1969, o que mostra como estava em crescimento o ensino secundário/científico, visando, provavelmente, o acesso às universidades., ou residiam na capital, com seus pais, a exemplo de Maria Inácia, ou moravam na casa de parentes próximos, como foi o caso de Maria Lúcia. Nos mapas a seguir, detalharemos os percursos das alunas de suas residências ao Atheneu Sergipense.

Mapa 1 - Trajeto das alunas Maria Raimunda e Neilde Lemos, de suas residências, em Maruim, para o Atheneu Sergipense

Fonte: Departamento de Estradas de Rodagens (DER)

Alguns alunos que iam do interior de Sergipe, para estudar no Atheneu Sergipense, continuavam morando na própria cidade, fazendo viagens diárias à capital, como foi o caso de Maria Raimunda e Neilde Lemos. Para entender melhor esse trajeto, no mapa anterior, pode-se observar o mapa de Sergipe, com destaque para o Atheneu Sergipense e a cidade de Maruim. As duas alunas continuaram morando nessa cidade, e faziam diariamente o percurso Maruim-Aracaju, de aproximadamente 40 km de distância, pela manhã, para as aulas, e, à tarde, elas retornavam ao interior para cumprir as atividades laborativas.

Mapa 2 – Trajetos das alunas Maria Inácia e Maria Lúcia, de suas residências, em Aracaju, para o Atheneu Sergipense



Fonte: Departamento de Estradas de Rodagens (DER).

Já no mapa 2, observamos a cidade de Aracaju, dando destaque, novamente, para o Atheneu Sergipense, e as residências em que as alunas Maria Inácia e Maria Lúcia moravam.

A primeira residia na avenida Pedro Calazans, nº 1, no bairro Getúlio Vargas; já a segunda, morava na casa do seu tio Luís Góis, irmão da sua mãe, na avenida João Ribeiro, nº 925, no bairro Santo Antônio. Ambas iam para escola a pé, pois os recursos financeiros eram curtos para pagar o transporte coletivo. Ainda no segundo, destaca-se a avenida Barão de Maruim, palco dos desfiles de 7 de setembro e de outros eventos importantes da escola, em que as quatro se faziam presentes.

Após conseguir a vaga para entrar no Atheneu Sergipense, vinha a fase da matrícula. Com o objetivo de conseguir uma oportunidade de frequentar essa instituição, os aspirantes formavam filas, ao redor da escola, já durante a madrugada, na esperança de conseguir uma senha para ir para a fase seguinte, a da matrícula, na qual eram exigidos alguns documentos, como: Atestado de Saúde, comprovante de Vacina Antivariólica e Declaração de Rendimento mensal da família.

Figura 31 – Atestado de Saúde de Maria Inácia (1963)

DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA DE SERGIPE

CENTRO DE SAÚDE

ATESTADO DE SAÚDE

CARTEIRA N. .....

Atesto que Maria Inacia dos Santos

com 14 anos, de côr morena natural de

..... Sergi de profissão est

residente à Barão do Rio Branco 58

não sofre de moléstia infecto contagiosa, não apresenta defeito físico e tem íntegros os órgãos dos sentidos.

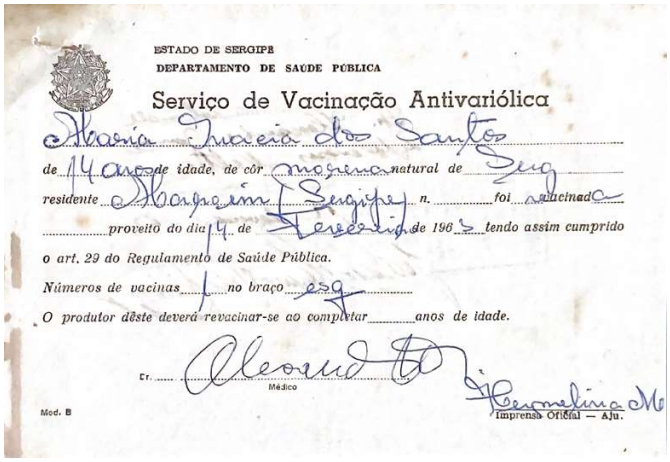
Aracaju, 12 de Janeiro de 1963

Médico Assistente

Fonte: SERGIPE, 1966. Fotografia da autora.

O Atestado de Saúde (figura 31) era emitido pelo Departamento de Saúde Pública de Sergipe, no qual o aluno declarava que não tinha moléstia infecto contagiosa, e não apresentava defeito físico e tinha íntegros os órgãos do sentido, conforme figura anterior. Nele ainda constavam a idade da paciente, a cor, a naturalidade, a profissão e a residência.

Figura 32 - Comprovante de vacinação Antivariólica (década de 1960)



ESTADO DE SERGIPE
DEPARTAMENTO DE SAUDE PÚBLICA

Serviço de Vacinação Antivariólica

Maria Inacia dos Santos

de 14 anos de idade, de côr morena natural de Serg

residente Aracajú Sergipe n. ..... foi vacinada

proveito do dia 14 de Fevereiro de 196 8 tendo assim cumprido

o art. 29 do Regulamento de Saúde Pública.

Números de vacinas 1 no braço esq

O produtor dêste deverá revacinar-se ao completar ..... anos de idade.

Dr. Médico

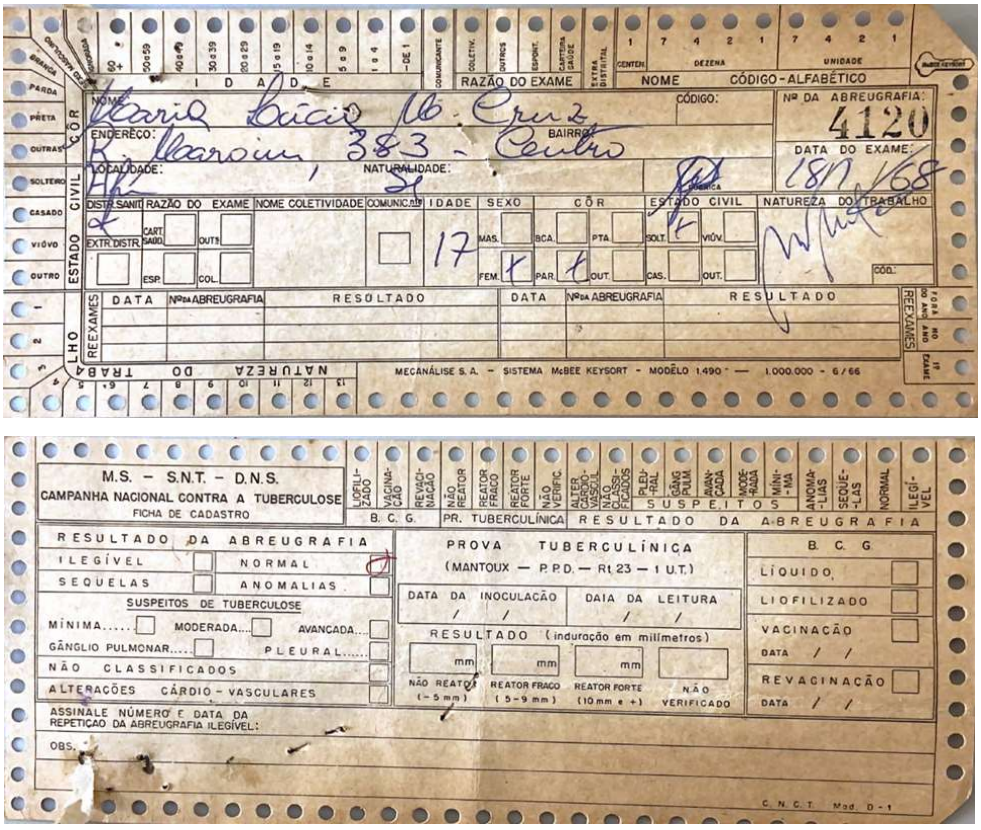
Mod. B

Imprensa Oficial — Aju.

Fonte: SERGIPE, 1966. Fotografia da autora.

No comprovante de vacinação Antivariólica, conforme figura 32, também emitido pelo Departamento de Saúde Pública, percebe-se a obrigatoriedade desse ato, fazendo-se cumprir o que estava determinado em lei, no artigo 29 do então Regulamento de Saúde Pública. Nessa documentação também são informados a idade, a cor, naturalidade, residência e o dia da vacinação.

Figura 33 – Resultado do exame de raio-x de Maria Lúcia - 1968



IDADE — RAZÃO DO EXAME — NOME — CÓDIGO-ALFABÉTICO

NOME: Maria Lucia M. Cruz

ENDEREÇO: R. Maracaju, 383 - Centro

LOCALIDADE: Aju NATURALIDADE: Se

Nº DA ABREUGRAFIA: 4120

DATA DO EXAME: 18/1/68

DISTR. SANIT. | RAZÃO DO EXAME | NOME COLETIVIDADE | COMUNICANTE | IDADE | SEXO | CÔR | ESTADO CIVIL | NATUREZA DO TRABALHO

17 | FEM. X | PAR. X | SOLT. X

REEXAMES — DATA | Nº DA ABREUGRAFIA | RESULTADO

MECANÁLISE S.A. - SISTEMA McBEE KEYSORT - MODÊLO 1.490 — 1.000.000 - 6/66

M.S. – S.N.T. – D.N.S.
CAMPANHA NACIONAL CONTRA A TUBERCULOSE
FICHA DE CADASTRO

B. C. G. | PR. TUBERCULÍNICA | RESULTADO DA ABREUGRAFIA | SUSPEITOS

RESULTADO DA ABREUGRAFIA
ILEGÍVEL | NORMAL
SEQUELAS | ANOMALIAS
SUSPEITOS DE TUBERCULOSE
MÍNIMA | MODERADA | AVANÇADA
GÂNGLIO PULMONAR | PLEURAL
NÃO CLASSIFICADOS
ALTERAÇÕES CÁRDIO-VASCULARES

PROVA TUBERCULÍNICA
(MANTOUX — P.P.D. — Rt 23 — 1 U.T.)
DATA DA INOCULAÇÃO / / | DATA DA LEITURA / /
RESULTADO (induração em milímetros)
mm | mm | mm
NÃO REATOR (- 5 mm) | REATOR FRACO (5-9 mm) | REATOR FORTE (10 mm e +) | NÃO VERIFICADO

B. C. G
LÍQUIDO
LIOFILIZADO
VACINAÇÃO DATA / /
REVACINAÇÃO DATA / /

ASSINALE NÚMERO E DATA DA REPETIÇÃO DA ABREUGRAFIA ILEGÍVEL:

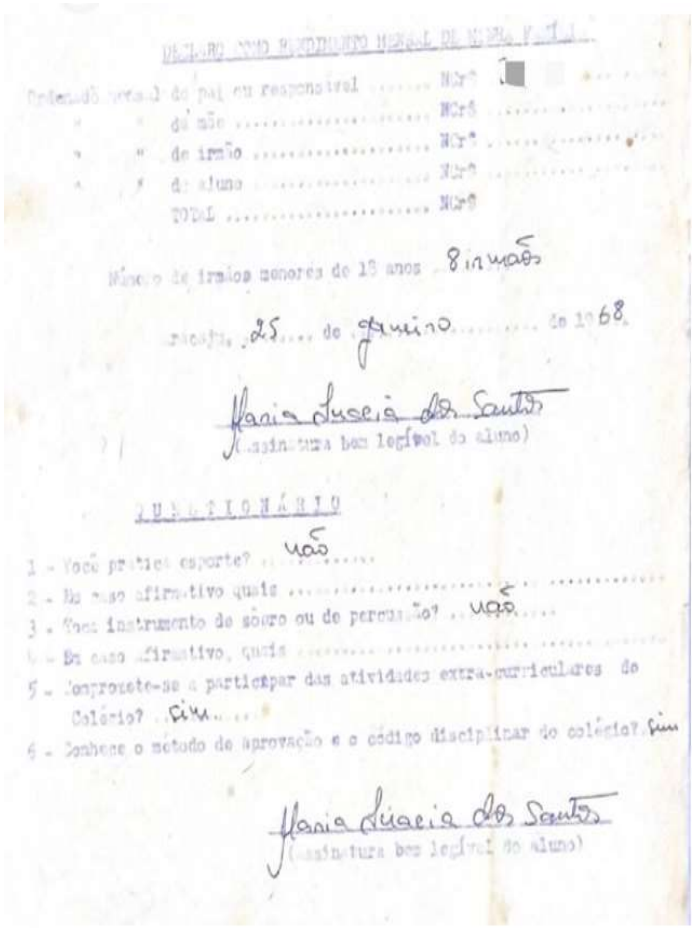
OBS.:

C. N. C. T. Mod. D - 1

Fonte: SERGIPE, 1968. Fotografia da autora.

Outro exame que era exigido no ato da matrícula era a atual radiografia do tórax, conhecido, na década de 1960, como Abreugrafia, na qual eram captadas imagens de raios-x dos pulmões (figura 33). Esse nome foi em homenagem a Manoel Dias de Abreu, que inventou esse aparelho que permitiu o diagnóstico precoce da tuberculose pulmonar. Tal exame tinha como objetivo sondar se os alunos tinham essa doença, muito comum em meados do século XX, e que dizimou muitas vidas. Tal exame fazia parte da Campanha Nacional contra a Tuberculose.

Figura 34 – Declaração de Rendimento Familiar de Maria Inácia - 1968



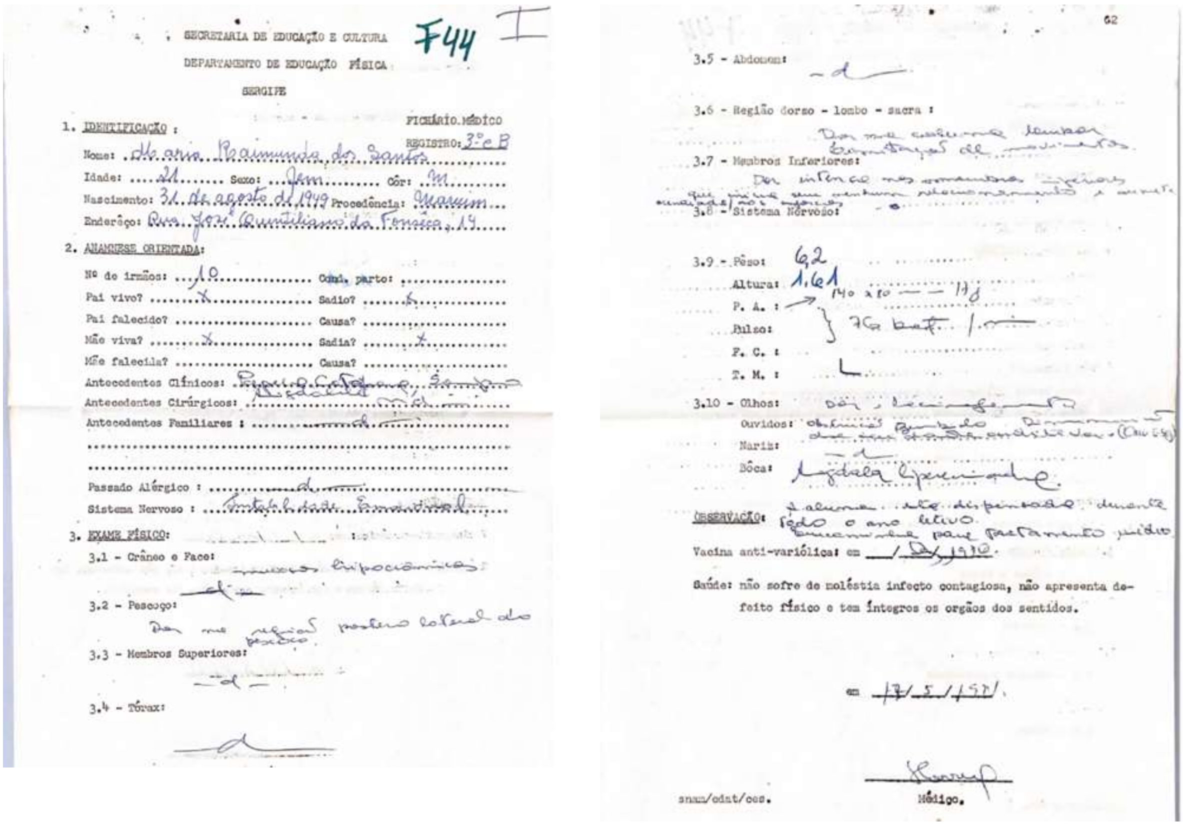
Fonte: SERGIPE, 1966. Fotografia da autora.

Além de exigir documentos comprobatórios para legitimar a saúde, fazia-se necessário o preenchimento de uma declaração de renda familiar, conforme figura 34. Nesse formulário, constavam o valor do "ordenado" mensal do pai ou responsável e o número de irmãos menores de 18 anos. Além disso, havia um questionário para sondar se a pessoa praticava esportes, se tocava algum instrumento de sopro ou de percussão, como, também, de ter que assumir o

compromisso de participar das atividades extracurriculares do Colégio, e da necessidade de conhecer o método de aprovação e o Código Disciplinar da instituição.

Para o discente que fosse frequentar as aulas de Educação Física, era necessário preencher um formulário, informando as condições físicas, para saber se estava apto a fazer os esforços que a disciplina exigia. Esse Fichário Médico, figura 35, tinha um tópico sobre Anamnese Orientada, no qual era informado o número de irmãos, a condição do parto, se o pai e a mãe eram vivos e sadios, ou se, já falecidos, qual a causa da morte. Questionava também sobre antecedentes clínicos, cirúrgicos e familiares, se possuía alergia e como estava o sistema nervoso.

Figura 35 – Ficha da disciplina Educação Física


F44 I

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
SERGIPE

FICHÁRIO MÉDICO
REGISTRO: 3º C B

1. IDENTIFICAÇÃO :
Nome: Maria Raimunda dos Santos
Idade: 21 Sexo: fem Côr: m
Nascimento: 31 de agosto de 1949 Procedência: Maruim
Endereço: Rua José Quintiliano da Fonsêca, 14

2. ANAMNESE ORIENTADA:
Nº de irmãos: 10 Cond. parto:
Pai vivo? x Sadio? x
Pai falecido? Causa?
Mãe viva? x Sadia? x
Mãe falecida? Causa?
Antecedentes Clínicos:
Antecedentes Cirúrgicos:
Antecedentes Familiares :
Passado Alérgico :
Sistema Nervoso :

3. EXAME FÍSICO:
3.1 - Crânio e Face:
3.2 - Pescoço:
3.3 - Membros Superiores:
3.4 - Tórax:

62
3.5 - Abdomen:
3.6 - Região dorso - lombo - sacra :
3.7 - Membros Inferiores:
3.8 - Sistema Nervoso:
3.9 - Pêso: 62
Altura: 1,61
P. A. : 140 x 80
Pulso: 76 bat. / min
F. C. :
T. M. :
3.10 - Olhos:
Ouvidos:
Nariz:
Bôca:

OBSERVAÇÃO:
Vacina anti-variólica: em ___/___/1970.
Saúde: não sofre de moléstia infecto contagiosa, não apresenta defeito físico e tem íntegros os orgãos dos sentidos.

em 17/5/1971.

Médico.
snam/odat/ces.

Fonte: SERGIPE, 1969a. Fotografia da autora.

Ainda de acordo com o Fichário, o tópico 3 trazia quesitos sobre o exame físico, como: crânio e face, pescoço, membros superiores e inferiores, tórax, abdômen, região da lombar, sistema nervoso, peso, altura, pressão arterial, frequência cardíaca, dentre outros, bem como, reforçava a data da aplicação da vacina antivariólica. Na ficha médica de Maria Raimunda, existem algumas observações sobre sua saúde, principalmente relacionada a dores na lombar e

limitação de movimentos. Questionada sobre esse fato, ela informou que tem essa dor na lombar até hoje, mas que nunca foi impeditivo para que ela corresse atrás dos seus objetivos.

> Vendo agora essa ficha médica, quase 55 anos depois, acredito que as observações que eles fizeram sobre mim, e, principalmente, dispensando-me das aulas de Educação Física, na verdade, foi uma forma de me ajudar, porque, eles sempre estavam me questionando onde eu morava e qual o meio de transporte que eu utilizava para chegar à escola. Eu tinha esse problema na coluna, e tenho até hoje, mas isso nunca me abateu. Então, eles foram muito humanos no sentido de se preocuparem com a minha situação financeira e me dispensaram dessa disciplina (M. R. dos Santos, 2024).

Como Maria Raimunda morava em Maruim, nessa época, e dava aula no Ginásio Maroinense, ficava difícil para ela ir a Aracaju, para as aulas de Educação Física, que aconteciam no turno contrário. Então, essa foi a forma que a escola encontrou para lhe ajudar, dispensando-a dessa disciplina, para que ela pudesse continuar trabalhando e ganhando seu salário, trocando "a juventude pela maturidade" (Bosi, 2023, p. 434).

O uso do fardamento escolar, no Atheneu Sergipense, demandava respeito. Em seu relato, Maria Lúcia lembrou de uma situação em que, o então diretor Leão Magno Brasil[55], quando, no caminho para a escola, encontrou um casal caminhando, e o namorado, com o braço por cima do ombro da namorada, encostando as axilas sobre a farda dela.

> Leão Magno Brasil, enquanto diretor, convocou todos os alunos para o auditório porque, no caminho para a escola, encontrou uma aluna abraçada e o braço do namorado por cima do pescoço dela, no ombro. Aí ele desceu a ripa e disse que ali era uma desmoralização, manchando a farda dela com o 'sovaco' dele. Eu não esqueço disso. Ele disse que jamais queria ver isso novamente. Tinham muitos jovens que ficavam namorando nos jardins. Quando diziam 'lá vem Leão', todo mundo dava as mãos e ninguém abraçava ninguém (Silva, 2024).

Leão Magno[56] era professor de matemática e, nesse período do relato de Maria Lúcia, estava como diretor do Atheneu Sergipense. Segue foto do referido professor, conforme figura 36.

---

[55] Leão Magno Brasil nasceu no município de Santo Amaro das Brotas/SE, no dia 27 de agosto de 1927. Filho de Áurea da Silva e do professor Rogaciano Magno Brasil. Herdou do pai a vocação para o magistério. Foi casado com a professora Iracema Mendes Magno Brasil. Ao lado de colegas, assinou a ata de fundação do Sindicato dos Professores de Sergipe – SINPRO/SE, em 1957. Foi presidente dessa instituição nos anos de 1964 e 1965. Fundou o Gabinete de Ciências Matemáticas-GCM que, apesar de ter elevados propósitos, teve duração efêmera. O professor Leão Magno teve reconhecido seu desempenho profissional, dentre outros, por ter seu sido agraciado como patrono de uma escola no município de Nossa Senhora do Socorro (Mendonça; Silva, 2012).

[56] Outros estudos poderão problematizar as memórias acerca da figura de Leão Magno e o período histórico da Ditadura Civil-Militar.

Figura 36 - Leão Magno Brasil

Fonte: Álbum do Atheneu Sergipense (Alves, Oliveira e Costa,2022, p. 47). Fotografia da autora.

Era um docente muito respeitado por todos e impunha ordem e respeito por onde passava. A exigência pelo fardamento completo, pelo seu bom uso, foram marcas deixadas por ele. Na figura 37, visualizamos um grupo de alunos do 3º ano científico, com o uniforme completo, que era utilizado no dia a dia.

Figura 37 – Discentes do 3º ano científico do Atheneu Sergipense (1970)

Fonte: acervo particular Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Essa figura 37 mostra a aluna Maria Lúcia Marques e alguns dos seus colegas de classe, do 3º ano científico, do Atheneu Sergipense, no ano de 1970, quando essa escola comemorou seu primeiro centenário. Da esquerda para a direita, primeira fila: Jorge Martins, Inês, Regina Carvalho e Lúcia Marques. Segunda fila: Gilvan Melo, Maria das Graças Souza, João Bosco Roriz, José Antônio Perrucho de Farias e Francisco Máximo de Jesus. Nela, observa-se a farda utilizada pelas meninas, blusa branca e saia de prega azul, e, pelos meninos, camisa e calça beges, numa tentativa de imitação do fardamento militar[57], inclusive com platinas nos ombros do uniforme escolar.

Ainda em relação ao fardamento, a aluna Neilde Lemos guarda, até hoje, a camisa do uniforme do Atheneu Sergipense, conforme figura 38. As lembranças dos colegas de turma são um importante segmento da memória escolar. Segundo Benito (2017), "as relações com os alunos e alunas, e a interação cotidiana com os pares de idade, de um ou outro sexo, foram um elemento essencial de nossa sociabilidade (p. 194).

Figura 38 – Neilde Lemos, usando sua então farda do Atheneu Sergipense, da década de 1970

Foto: acervo particular de Neilde Lemos. Fotografia da autora.

Conforme figura 38, no dia da entrevista, Neilde fez questão de levar o fardamento, expressando o orgulho em manter intacta tal vestimenta 50 anos após o seu uso. Tal vestimenta é um dos únicos adereços escolares que ela tem, daquele período, e que ela faz questão de guardar com muito zelo. A camisa foi assinada pelos colegas de classe, no último dia de aula,

[57] Para saber mais, consultar Costa (2015).

uma prática cultural muito habitual por parte dos estudantes de diversas instituições educacionais. Isso é o que Benito denomina de “sítios arqueológicos”, ou seja, são escritas encontradas em objetos que nos remetem à infância/adolescência, “à nossa passagem pela escola ou ainda a outras infâncias anteriores e posteriores” (p. 242), sendo uma imersão e análise da cultura escolar.

Figura 39 – Neilde Lemos, com a farda de gala, para o desfile de 7 de setembro (década de 1970)

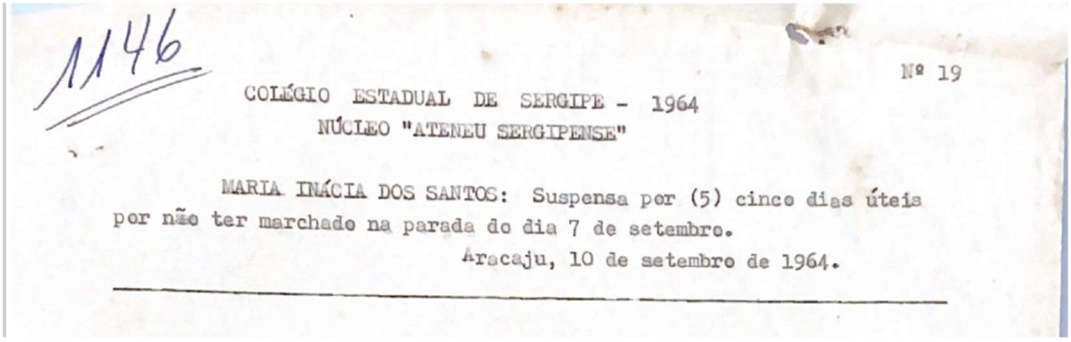
Fonte: acervo Neilde Lemos. Fotografia da autora.

Em contraponto com a fotografia atual de Neilde, temos essa acima (figura 39), registrada há 50 anos, na qual ela está vestida com a farda de gala, para o desfile de 7 de setembro. Esse fardamento solene era composto da blusa branca de manga comprida, saia de prega azul marinho, sapato preto e meia branca. Era motivo de orgulho desfilar pelo Atheneu Sergipense, Trata-se da última escola a entrar na avenida, e a “tradição” era chover no momento em que essa ela entrava na avenida. Segundo as lembranças de Lemos (2024), a camisa da farda de gala tinha dois bolsos. “Eu me lembro que nesse dia eu tinha colocado dinheiro dentro do bolso, porque a gente não costumava andar com bolsa. Aí, quando a chuva caiu mesmo, que eu dei fé, a blusa aqui embaixo estava o caldo escuro descendo, do dinheiro que estava sujo”.

Mesmo assim, ela continuou a desfilar pela Avenida Barão de Maruim, uma das vias mais importantes da cidade de Aracaju até a contemporaneidade. Todos continuaram a desfilar. Apesar da chuva, todos se mantiveram presentes no desfile. Os alunos tinham orgulho de vestir aquela farda e de representar aquela escola. As fardas tinham que ser compradas e as famílias faziam um sacrifício financeiro para que os filhos pudessem participar desse evento solene.

Percebe-se como a disciplina dessa instituição marcou a vida dos alunos que por lá passaram. A ordem e o respeito se faziam presentes no cotidiano dos discentes, e, principalmente, nas festividades mais marcantes, a exemplo do desfile de Sete de Setembro, que era um evento aguardado e celebrado pela maioria das escolas de Aracaju, tanta as públicas quanto as privadas.

Figura 40 – Declaração de suspensão Maria Inácia (1964)



1146

Nº 19

COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE - 1964
NÚCLEO "ATENEU SERGIPENSE"

MARIA INÁCIA DOS SANTOS: Suspensa por (5) cinco dias úteis por não ter marchado na parada do dia 7 de setembro.

Aracaju, 10 de setembro de 1964.

Fonte: SERGIPE, 1966. Fotografia da autora.

Como se percebe na figura 40, era obrigatória a participação de todos que faziam parte do Atheneu Sergipense, no desfile cívico. Esse fato foi corroborado pela suspensão, de 5 dias, da aluna Maria Inácia dos Santos, por não ter "marchado na parada do dia 7 de setembro", conforme declaração, ressaltando que, nesse período, no Brasil, estava ocorrendo a Ditadura Civil-Militar, provavelmente a causa maior para tanto rigor na participação no desfile cívico.

Outro ponto marcante na história do Atheneu Sergipense era em relação ao corpo docente e o respeito que os discentes tinham por alguns professores, principalmente por suas exigências em relação à disciplina lecionada. Leão Magno era um deles. Como informou a aluna Maria Raimunda dos Santos, em 1969, Leão Magno dirigia o Atheneu Sergipense. Mas, ao retornarem das férias, no segundo semestre, surgiu um boato de que Maria da Glória Portugal assumiria a direção da escola e ele voltaria para sala de aula, como professor de matemática.

> Houve um pânico lá na sala porque muita gente conhecia a fama de Leão como professor muito bravo e exigente. E passar de ano com ele era muito difícil.

> Eu tinha uma colega que era conterrânea também de Maruim, e já morava aqui em Aracaju, no bairro Industrial. Aí ela disse que não iria continuar no Atheneu e iria para o "Jackson", que naquela época era uma escola particular. Aí ela perguntou para mim "Você vai ficar?". E eu respondi para ela "se eu tivesse dinheiro pra pagar um colégio eu não ia sair, quanto mais que eu não tenho". Então foi aquela saída de gente porque disse que o professor Leão iria reprovar todo mundo. Mas, para mim, foi o melhor professor que eu tive. Eu amava aquele professor. Ele entrava na sala, com aquele jaleco (ele era bem alto) naquela elegância, com aquela educação. Eu gostava de me sentar na frente, para ficar colada olhando para ele (M. R. dos Santos, 2024).

Como se vê no depoimento de Maria Raimunda, não era fácil entrar no Atheneu Sergipense e, muito menos, permanecer. As exigências eram muitas, e enfrentar os professores, e suas determinações, era uma delas. Mas, para ela, estudar com o professor Leão Magno foi um *plus* na sua caminhada estudantil. Sempre dedicada aos estudos, ela tinha facilidade com as disciplinas de exatas, desde o tempo do GEPD, tanto que escolheu a licenciatura em Matemática como curso universitário.

> Nunca esqueci quando ele explicou sobre a trigonometria, seno, cosseno, tangente. Eu ficava de olho grudado. Ele fazia várias perguntas. Uma vez todo mundo ficou calado e eu aí levantei timidamente o dedo e ele disse "pois não". Aí eu fui para o quadro e respondi à questão. Para mim aquilo foi o prêmio na minha vida. Na época eu tinha um livro de matemática que meu padrinho mandou. Eu peguei esse livro e fui pedir pra ele autografá-lo, sendo que ele não o tinha escrito, mas era só pra ter a assinatura dele. Eu tinha uma paixão por ele, aquela educação dele. E eu me perguntava "por que esse povo foge desse professor?" Ele era um professor austero. Ele ensinava e claro que ele queria um retorno. Ele dava uma aula dinâmica, deixava brechas para se perguntar, tirar dúvida e mantinha uma classe organizada. E, no final de tudo, não houve tanta reprovação porque as pessoas que sentiram que não iriam dar conta, saíram. Dizem que nessa época, o Colégio Jackson encheu de aluno (M. R. dos Santos, 2024).

No depoimento de Maria Raimunda visualizamos muitas coisas e, dentre elas, a representação das paixões platônicas de alunos-adolescentes, que viam nos seus professores um ser perfeito, quiçá como um super-herói. "O professor exerceu sobre nós marcas contraditórias e apreciações, às vezes, ambíguas. Ele é o professor companheiro, mas, ao mesmo tempo, o docente que nos examina e nos julga (...)" (Benito, 2017, p. 194). A admiração por aquele profissional era tanta que, ter assinatura dele em um livro, que não era de sua autoria, virou questão de honra. Era a verdadeira premiação. E, de certo modo, esse episódio reforça ainda mais o seu amor pelas exatas desde a época da escola. Ser aluna de Leão Magno foi, também, como um despertar para cursar Matemática, na faculdade.

Um evento que marcou bastante a vida dos estudantes foi a festa em comemoração ao Centenário do Atheneu Sergipense, em outubro de 1970. Cada terceiro ano ficou responsável

por uma atividade, e a turma de Maria Lúcia Marques fez uma homenagem à Empresa de Correios e Telégrafos ECT. Além disso, teve a quermesse, com venda de comidas e objetos, e o desfile estudantil pela rua Vila Cristina e avenida Barão de Maruim.

> Minha roupa quem fez foi tia Maria. Minha irmã Célia comprou o pano, numa loja em Maruim. Foi uma festa muito bonita. A nossa barraca dos Correios era para passar telegrama. Os namorados passavam telegramas para as namoradas. Além da homenagem aos Correios, um quadro do Barão de Capanema foi colocado no nosso stand. Foram feitas várias quermesses. Cada terceiro ano teve uma barraca. E no nosso stand teve um telefone de parede, e papéis para mandar cartas e bilhete. Isso tudo era pago, para angariar dinheiro. As meninas se vestiam de ciganas: 'vamos lá! O que você quer saber?'. Aí primeiro dava o dinheiro e elas diziam uma besteira, uma coisa. E o dinheiro era para pagar a festa. Todos se organizaram, para arcar com as despesas da festa, e cada terceiro ano teve uma representação (Silva, 2024).

Como informado por Maria Lúcia, o *stand* da sua turma fez uma homenagem aos Correios. Nele, também, estava exposto um quadro com a foto do Barão de Capanema[58]. A seguir, tem-se a figura 41, da festa do centenário do Atheneu.

Figura 41 – Festa do Primeiro Centenário do Atheneu Sergipense (1970).
Alunas Maria Lúcia Marques e Gilvanete Chagas

Fonte: acervo particular Lúcia Marques. Fotografia da autora.

[58] O Barão de Capanema era bisavô de Gustavo Capanema. Ele foi responsável pela fundação do Telégrafo Nacional, em 11 de maio de 1852, e comandou a instalação das primeiras redes telegráficas do norte do Brasil. Guilherme Schüch, o único Barão de Capanema, nasceu em 1824, na cidade de Ouro Preto e faleceu em 1908, no Rio de Janeiro. Foi militar, naturalista, engenheiro e físico.

A figura 41 retrata o depoimento da aluna Maria Lúcia Marques, na homenagem feita aos Correios, pela sua turma do 3º ano, no centenário do Atheneu. Nessa imagem, ela e sua colega de classe Gilvanete Araújo Chagas, estão vestidas com roupa cáqui (camisa e calça), fazendo uma alusão ao uniforme dos carteiros, na época, e usando *cap* com a sigla E.C.T. (Empresa de Correios e Telégrafos). Na parede está um telefone, com manivela, e um cartaz escrito "Serviço Postal do Brasil". No teto, visualizamos bandeiras que nos remetem às festividades juninas, uma prática comum nas representações da região Nordeste.

Ainda segundo ela, nesse mesmo dia, pela manhã, as turmas dos 3ºs anos desfilaram pelas ruas próximas à escola, cada uma com suas representações e entidades homenageadas e, à noite, retornaram ao Atheneu para uma quermesse, visando angariar fundos para ajudar nas despesas da festa. Foi um momento marcante, e, nesse evento, foi eleita a Miss Centenário do Atheneu, a estudante Olga Milstein Silva, cuja fotografia no referido evento, encontra-se salvaguardada no CEMAS, conforme figura 42.

Figura 42 – Olga Milstein Silva (Miss Centenário do Atheneu Sergipense)

Fonte: acervo do CEMAS. Fotografia da autora.

Para Lúcia, foi uma batalha ingressar no Atheneu e outra maior poder sair de lá, no tempo certo. Ela relembra seus professores: Rosália Bispo dos Santos (diretora) Maria Augusta Lobão (História); José Moura Filho (Matemática); Leão Magno Brasil (diretor); Padre João de Deus (Português); Sônia Gentil (Inglês); Byron Ramos (Biologia); Ieda Góis (Português); Leda

(Química); Odilon Cabral Machado (Física – 2º ano) e Genivaldo Ferreira (Física – 1º ano), entre outros.

Conforme boletim de notas mensais, figura 43, de Maria Lúcia, do 3º ano, as disciplinas cursadas no último ano do científico, em 1970, foram: Português, Inglês, Matemática, Desenho, Física, Química, Biologia e Educação Moral e Cívica. Além das matérias, constam a quantidade de provas realizadas no ano, sendo um total de seis, três por semestre, e era exigido a assinatura do pai ou responsável. Nesse caso, quem assinou foi a prima mais velha e também madrinha, Maria Rosa, em cuja residência ela morava (ver mapa 2), quando foi para Aracaju cursar o científico.

Figura 43 – Boletim de notas mensais do 3º ano de Maria Lúcia – 1970

COLÉGIO ESTADUAL DE SERGIPE

BOLETIM DE NOTAS MENSAIS

ANO 19 70

Maria Lucia Marques Cruz
NOME DO ALUNO

SÉRIE 3ª Colegial

TURMA J - Nº 24

Ref. 90/69 — 5000 — XI — Imp. Ofic

	Português	Francês	Inglês	Matemática	Iniciação Ciências	História	Geografia	Trabalhos Manuais	Desenho	Física	Química	Biologia	Filosofia	Latim	NOTAS	ASSINATURA DO PAI OU RESPONSÁVEL
ABRIL	8,5		9,0	4,0					7,0	6,5	6,0	9,5	10,0			MRSilva
MAIO	6,0		5,5	6,3					8,0	5,0	6,0	9,5	10,0			MRSilva
JUNHO	7,0		2,0	5,2					7,5	5,0	8,0	9,0	10,0			MRSilva
AGÔSTO	5,0		7,0	3,0					8,0	1,0	5,0	9,5	10,0			MRSilva
SETEMBRO	8,5		7,5	5,5					5,5	6,5	5,0	9,0	10,0			MRSilva
OUTUBRO	10,0		10,0	10,0					10,0	7,0	8,0	7,0	10,0			
NOVEMBRO																
PROVAS FINAIS																

	FREQUÊNCIA (ANOTAÇÃO DAS FALTAS)	OBSERVAÇÕES
MARÇO		
ABRIL		
MAIO		
JUNHO		
AGÔSTO		
SETEMBRO		
OUTUBRO		
NOVEMBRO		

Fonte: acervo Lúcia Marques. Fotografia da autora.

Como se observa no boletim de Maria Lúcia, as matérias que faziam parte do programa do 3º ano científico do Atheneu Sergipense, em 1970, estão de acordo com o que preconizava a Lei Orgânica de Ensino Secundário (Decreto-lei nº 4244/1942). O seu artigo 15 discorre sobre as disciplinas que constituiriam essa série do curso científico, destacando apenas que, em substituição à disciplina Filosofia, foi lecionada Educação Moral e Cívica[59], disciplina essa que foi criada com o objetivo de se fazer cumprir os deveres cívicos e patrióticos, principalmente

[59] Para saber mais, consultar Santos, 2012.

nas escolas, durante o período da ditadura militar, entre 1964 e 1985 (Abreu; Inácio Filho, 2006).

E, depois de quase duas décadas frequentando a escola, é chegado o final desse ciclo, e de iniciar novos voos, agora para uma fase universitária. O caminho até aqui não foi fácil, mas com muita vontade de vencer os desafios da vida, elas conseguiram ultrapassar os obstáculos e concluíram o curso científico no Atheneu Sergipense. Como abordou Bourdieu, essas quatro jovens são trânsfugas que romperam a sua condição de classe social e ascenderam socialmente por meio de muito esforço e renúncia.

Inácia, Lúcia, Raimunda e Neilde se configuram como trânsfugas de classe, na medida em que, excepcionalmente, ascenderam socialmente, perfazendo todo o caminho estudantil em instituições públicas, "reafirmando os postulados bourdieusianos a respeito da importância do capital cultural nas trajetórias sociais devido ao fato de concorrerem para processos de escolarização de longo prazo" (Clarino e Dallabrida, 2013, p. 240). Além disso, seus pais e familiares, mesmo com parcas condições financeiras, e sem um nível de estudo mais qualificado, fizeram investimentos e uniram esforços para propiciar a elas e aos seus irmãos condições de estudo que os pudessem projetar para carreiras profissionais de maior prestígio, o que possibilitou a ambos ascensão nos campos nos quais ingressaram.

5 “O RESTO, A VIDA SE ENCARREGA”: TECENDO ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

> [...] cada um de nós, compõe a sua história, e cada ser em si, carrega o dom de ser capaz e ser feliz [...] (Tocando em frente, 1990).

Conhecer os itinerários de quatro alunas, que percorreram os corredores de três instituições educativas do estado de Sergipe, foi um projeto desafiador e, ao mesmo, instigante e prazeroso. Essas quatro alunas, originárias do município de Maruim, criadas por seus familiares com muito esforço para terem um futuro diferente dos deles, deram vida a esse trabalho.

A riqueza de detalhes trazida em suas memórias, foi primordial para entendermos mais um pouco sobre a história da educação sergipana e do Brasil. Foi uma pequena amostra e contribuição para visualizarmos como as escolas de Sergipe funcionavam diante das legislações federais para organização de um processo educativo republicano, e como essas mesmas instituições estavam recepcionando e inserindo os alunos pobres a se manterem nessas instituições e prosseguirem nos estudos.

Ao trazer o GEPD para esse estudo, teve-se como objetivo estudar uma instituição de ensino primário que foi criada através dos ideais republicanos de civilizar a população. A instalação tardia desse grupo escolar, trouxe algumas consequências negativas para a localidade, mas, em tempo, acabou modificando positivamente o futuro de várias crianças que por lá passaram, a exemplo de Inácia, Lúcia, Raimunda e Neilde.

No decorrer da pesquisa, na busca por fontes que trouxessem informações sobre essa instituição, demolida na década de 1970, no qual tal ato acabou influenciando na perda de muitos manuscritos oficiais, acabei encontrando documentos importantes que contam muito da sua história. O decreto de criação foi um deles. Além dele, foram encontrados ofícios empossando o porteiro e o servente do GEPD, ofício informando o início das atividades, em 04 de março de 1935, dado desconhecido pela população e pesquisadores locais, circular comunicando a data da posse do diretor Alcides Pereira, fotografias de formandos, santinhos de missa de formatura, dentre outros.

Sobre o Ginásio Maroinense, encontrou-se no diário oficial eletrônico, através do acesso pelo portal do Jusbrasil, a resolução 1052, de 1954, informando orçamento para compra e instalação do Laboratório de Ciências. Essa informação pode ser corroborada, posteriormente, com a fotografia da aluna Maria Lúcia, no seu último ano letivo, que se sentou na carteira à frente da prateleira de vidro onde os objetos desse laboratório estavam guardados. Além disso,

nos relatos das alunas, elas contam que a professora de ciências, fazia uso desses instrumentos nas aulas da referida disciplina.

O Atheneu Sergipense, instituição sesquicentenária, que está em plena atividade desde o dia da sua inauguração, em 24 de outubro de 1870, já havia sido objeto de muitos estudos, a exemplo de Eva Siqueira Alves, que deu o pontapé inicial para a criação do Centro de Educação e Memória, no qual, com toda documentação catalogada e arquivada, facilitou os pesquisadores na busca das fontes para se entender a história dessa escola. Em se tratando dessa dissertação, tem-se, também, o Atheneu Sergipense pela visão das quatro alunas, através das suas falas, contando sobre o dia a dia em sala de aula, sobre a disciplina, o respeito ao uniforme, o temor diante de alguns docentes, imagens de alunos, da década de 1970, mostrando o cotidiano escolar, os documentos exigidos no ato da matrícula e, principalmente, suas fotografias na versão 3x4, no auge da sua juventude, que nem elas mais recordavam.

Outro ponto a se destacar, em comum nas três instituições, é sobre a formação cívica. Antes de adentrarem às salas de aula, já se percebia a força do civismo, para tentar organizar sua população e dar uma educação que trouxesse uma ordem social e política. Ao formarem filas para entoar os hinos nacional e da bandeira, antes de iniciar as aulas, já se notava uma proeminência à instrução moral e cívica. Além disso, percebe-se, também, pelos seus relatos, a exigência que as três escolas impunham aos seus alunos a participarem dos desfiles de 7 de setembro, em comemoração à Independência do Brasil.

Outro fator que chama a atenção é em relação aos prédios que abrigaram essas instituições. O primeiro, do GEPD, foi uma casa comprada e adaptada para ser uma escola que iria abrigar crianças de 7 a 12 anos, por exemplo. Na falta de recursos para construção de um "templo do saber", o método mais em conta seria a adaptação de uma casa residencial em instituição escolar, trazendo pontos negativos como a falta de espaço para as atividades recreativas, fator primordial no desenvolvimento da infância. Da mesma forma aconteceu com o GM, o qual foi instalado, inicialmente, num prédio construído no início do século XX, com apenas quatro salas e uma área aberta, na parte posterior, onde os alunos compartilhavam o espaço das brincadeiras com as cabras e seus temidos "objetos orgânicos". Somente 10 anos após sua criação, com muito esforço e muitas reivindicações, que passou a ter prédio próprio, mas ainda com muitas falhas na parte estrutural.

O Atheneu Sergipense, no período de estudo das alunas, foi o único que se aproximava das condições educacionais exigidas no período. O prédio era novo, inaugurado na década de 1950, e tinha sido construído, justamente, para abrigar uma das mais importantes instituições secundaristas do estado de Sergipe. Corredores amplos, salas de aula iluminadas e arejadas,

áreas abertas para as atividades ao ar livre, fizeram desse local um espelho a ser seguido por outras instituições.

As alunas entrevistadas, cursaram o primário no GEPD, fizeram o curso ginasial (todas elas passaram pelo Exame de Admissão, antes de 1971) e frequentaram as cadeiras do curso científico do Atheneu Sergipense, almejando entrar na universidade. Aqui foi relatado um pouco das suas histórias, suas origens, as dificuldades vivenciadas para se manter nas escolas, os obstáculos enfrentados ao sair de uma cidade do interior, para estudar na capital, a concretização dos sonhos e, finalmente, a consolidação da carreira profissional.

O que as memórias dessas quatro estudantes nos trouxeram? O que as lembranças dessas quatro senhoras conseguiram trazer de tão importante para compor a historiografia educacional brasileira e o que esqueceram? As suas narrativas, atreladas a documentos históricos e oficiais, fotografias, corroboram com a historiografia da educação, pois, através das suas histórias e suas vivências escolares, conhecemos os contextos educacionais de uma determinada época.

As histórias contadas nesse trabalho permitem identificar, através de uma pequena amostra, como foi o caminho percorrido do interior à capital, os desafios encontrados por elas em continuar frequentando essas instituições, seja pela falta de fardamento, de calçado adequado, seja pela distância percorrida para se chegar, no horário, às salas de aula, seja em conseguir encarar professores exigentes e tirar notas que as fizessem alçar novos voos.

Inicialmente, ainda no auge da infância, foram matriculadas no Grupo Escolar Padre Dantas, essa instituição educativa que foi o degrau inicial para o mundo da educação. Por estar próxima às suas residências e por ser uma escola gratuita, foi a pedra fundamental para que elas aprendessem, não só as primeiras letras, mas tivessem a noção de disciplina, onde lhes foram impostas regras estabelecidas pela instituição como horário de chegada, de saída, do recreio, de se posicionar para cantar o hino nacional, de respeitar a fila na hora do lanche e de respeito com os mais velhos, representados pelas professoras, pelo porteiro e pelo diretor.

O sonho projetado de seguir com os estudos, ao sair de um Grupo Escolar e se submeter a um exame para ser admitido no curso ginasial, ganhou força no interior do Estado a partir da construção de instituições educacionais a exemplo dos ginásios da Campanha Nacional de Educandários Gratuitos. A força política e o capital de relações, preconizado por Pierre Bourdieu, fizeram com que Maruim fosse o primeiro município do interior a receber tal instituição.

A partir daí, centenas de jovens viram a esperança de deixar de lado o trabalho braçal, seja ajudando seus pais na roça ou no comércio local, e dar sequência aos estudos num local próximo às suas residências, sem precisar se preocupar com verba para transporte público e

nem moradia. Foi o que aconteceu com elas quatro. Encerrar o ensino primário no GEPD e, na sequência, conseguirem obter aprovação no exame de admissão e estudarem numa instituição ginasial no seu próprio município, possibilitou que elas conseguissem prosseguir nos estudos, visando o ensino secundarista, no Atheneu Sergipense.

Os prédios nos quais essas alunas estudaram permanecem vivos em suas memórias. A escadaria do GEPD, que dava acesso às salas de aula no pavimento superior, o quartinho escuro, onde Siqueirinha guardava o sino que servia de alarme para comunicar o início e o término das aulas, o cheiro da comida que vinha da cozinha, que deixavam todos ansiosos para a hora do recreio. Bem assim, a primeira sede do GM, instalado no Instituto Cruz, uma construção do início do século XX, que abrigava quatro salas de aula, e tinha pequeno espaço, na parte posterior, que servia para que os alunos se distraíssem na hora do recreio. E o Atheneu Sergipense, que, pela primeira vez, desde a sua fundação, em 1870, viu nascer uma construção para abrigar essa escola de ensino secundário.

Sobre a materialidade escolar, há alguns fatores a serem destacados em relação ao GEPD. Na busca por documentação sobre a história dessa instituição e documentos comprobatórios da sua existência enquanto templo do saber, encontrou-se termos e boletins de inspeção que contam sobre a vida dessa escola no interior do Estado. A partir dos relatos dos inspetores públicos, pode-se conhecer como esse grupo escolar abrigou a população local, como os métodos escolanovistas estavam sendo aplicados pelos professores, quanto alunos a escola conseguia abrigar, quantos professores fizeram parte do corpo docente, quem estava à frente da direção da escola, e um dado importante, que levou a outra fonte: a criação da caixa escolar Anita Cardoso, em 1942, pelo então diretor Alcides Pereira.

O instituto da caixa escolar, criado nos grupos escolares para dar suporte ao aluno pobre, e garantir a sua permanência na instituição, foi instituído na França e trazido para o Brasil e para Sergipe. Em Maruim não foi diferente. Apesar de ter sido criado tardiamente, apenas em 1942, após 7 anos da criação do GEPD, ele foi de grande importância para comprar fardas e materiais didáticos dos alunos que não tinham condições financeiras para tal ato. De posse dos balancetes dessa caixa escolar, pode-se conhecer, também, a movimentação dessa escola, os eventos que eram organizados com fins lucrativos, com o objetivo de angariar fundos para auxiliar nas práticas pedagógicas.

Chega-se à conclusão desse trabalho, mas sem colocar um ponto final, porque há muito ainda a se pesquisar sobre essas alunas e outros sujeitos que tiveram a sorte de frequentar essas três importantes instituições educacionais de Sergipe. Há muitos itinerários a se conhecer, há muitas histórias de vida a se descobrir. Como se observou, manter uma vida educacional ativa,

em meados do século XX, não foi tarefa fácil para a população com parcos recursos financeiros. Ainda há muito a se analisar.

Aproveito o ensejo para citar alguns trabalhos publicados, que são frutos das fontes encontradas no período em que essa dissertação foi desenvolvida. São eles: capítulo do livro Histórias da Educação em perspectiva: impressos, instituições, disciplinas e Patrimônio Educativo, intitulado "Material fornecido aos alunos": balancetes da caixa escolar Anita Cardoso – Maruim/SE (1940-1950); Artigo "Pesquisas Sobre impressos estudantis no Brasil (2003-2022)" publicado na Revista Cadernos de Educação da Universidade Federal de Pelotas – UFPEL; Artigo "Para Além da 'Arte na Composição de Frases': jornais escolares em Sergipe (1938-1942)", publicado na Revista Olhares da Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP, além de apresentação de trabalhos em congressos e seminários como, por exemplo, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

FONTES

1. Fontes Orais

Entrevistas concedidas à autora:

LEMOS, Neilde. Entrevistadora Marília Marques Cruz Silva Accioly. Aracaju/SE, 31/08/2024.

SANTOS, Maria Inácia dos. Entrevistadora Marília Marques Cruz Silva Accioly. Aracaju/SE, 24/04/2024.

SANTOS, Maria Raimunda dos. Entrevistadora Marília Marques Cruz Silva Accioly. Aracaju/SE, 28/04/2024.

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. Entrevistadora Marília Marques Cruz Silva Accioly. Aracaju/SE, 20/04/2024.

Entrevistas concedidas a outros pesquisadores:

CORUMBA, Aderbal Teles. Entrevistadora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva. Aracaju/SE, 15/06/2020.

MAYNARD, José. Entrevistadora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva. Aracaju/SE, 25/07/2007.

OLIVEIRA, Antônia Maria Maynart. Entrevistadora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva. Aracaju/SE, julho de 2024.

SANTOS, Maria Pastora dos. Entrevistadora Maria Lúcia Marques Cruz e Silva. Maruim/SE, 2009.

2. Documentação do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS) – Aracaju/SE

CEMAS. Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro de Matrícula (1964-1969). Ref. 1145FASG1S10.

CEMAS. Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense. Livro para Termos de Visitas do Grupo Escolar Barão de Maruim (1917-1945). Ref. 430FASS09.

3. Documentação do Arquivo Geral do Atheneu Sergipense – Aracaju/SE

SERGIPE. Dossiê Estudantil da aluna Maria Inácia dos Santos. Arquivo Geral do Centro de Excelência do Atheneu Sergipense. 1966.

SERGIPE. Dossiê Estudantil da aluna Maria Lúcia Marques Cruz. Arquivo Geral do Centro de Excelência do Atheneu Sergipense. 1968.

SERGIPE. Dossiê Estudantil da aluna Maria Raimunda dos Santos. Arquivo Geral do Centro de Excelência do Atheneu Sergipense, 1969a.

SERGIPE. Dossiê Estudantil da aluna Neilde Lemos. Arquivo Geral do Centro de Excelência do Atheneu Sergipense, 1969b.

4. Documentação do Setor de Inspeção da Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED) – Aracaju/SE

ARQUIVO GERAL DO DEPARTAMENTO DE INSPEÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED (Sergipe). Dossiê Estudantil da aluna Maria Inácia dos Santos, 1961.

ARQUIVO GERAL DO DEPARTAMENTO DE INSPEÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED (Sergipe). Dossiê Estudantil da aluna Maria Lúcia Marques Cruz, 1964.

ARQUIVO GERAL DO DEPARTAMENTO DE INSPEÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED (Sergipe). Dossiê Estudantil da aluna Maria Raimunda dos Santos, 1965.

ARQUIVO GERAL DO DEPARTAMENTO DE INSPEÇÃO DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED (Sergipe). Dossiê Estudantil da aluna Neilde Lemos, 1964.

5. Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES) – Aracaju/SE

SERGIPE. **Decreto nº 630, de 24 de abril de 1916**. Dá Regulamento à Instrucção Publica do Estado. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Sergipe. (BR SEAPES LDS V11 D06).

SERGIPE. **Lei nº 703, de 18 de julho de 1916**. Approva os decretos ns. 630, de 2 de abril e 633, de 17 de junho do corrente anno. (BR SEAPES LDS V11 D06).

SERGIPE. **Decreto nº 25, de 3 de fevereiro de 1931**. Dá novo regulamento à Instrução Primária do Estado. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Sergipe (BR SEAPES LDS V18 D01).

SERGIPE. **Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa do Estado, em 7 de setembro de 1935, pelo Dr. Eronides Ferreira de Carvalho**. Sergipe: Arquivo Público do Estado, 1935.

SERGIPE. **Lei nº 16, de 6 de dezembro de 1935.** Orça a receita e fiz despesa do Estado de Sergipe para o exercício de 1936. BR SEAPES LDS V18 D17.

SERGIPE. **Decreto nº 262, de 31 de outubro de 1945**. Regulamenta as atividades docentes e administrativas nos grupos escolares. Disponível em: Arquivo Público do Estado de Sergipe (BR SEAPES LDS V21 D07).

SERGIPE. Horácio Hora Couto. Boletim de Inspeção Escolar do Grupo Escolar Padre Dantas, 04 de maio de 1948. BR SEAPES E^6 1098.

SERGIPE. Levindo Cruz. Termo de Inspeção do Grupo Escolar Padre Dantas, 18 de agosto de 1936. BR SEAPES E^6 840.

SERGIPE. Levindo Cruz. Termo de Inspeção do Grupo Escolar Padre Dantas, 19 de julho de 1937. BR SEAPES E^{6} 840.

SERGIPE. Levindo Cruz. Termo de Inspeção do Grupo Escolar Padre Dantas, 16 de outubro de 1942. BR SEAPES E^{6} 840.

SERGIPE. Manuel Franco Freire, 1936. BR SEAPES E^{6}1146.

SERGIPE. Sebrão sobrinho. Termo de Inspeção do Grupo Escolar Padre Dantas, 05 de setembro de 1940. BR SEAPES E^{6} 840.

SERGIPE. Sebrão sobrinho. Boletim de Inspeção Escolar do Grupo Escolar Padre Dantas, 18 de junho de 1947. BR SEAPES E^{6} 1058.

SERGIPE. Sebrão sobrinho. Boletim de Inspeção Escolar do Grupo Escolar Padre Dantas, 30 de abril de 1952. BR SEAPES E^{6} 896.

SERGIPE. Sebrão sobrinho. Boletim de Inspeção Escolar do Grupo Escolar Padre Dantas, 04 de setembro de 1953. BR SEAPES E^{6} 896.

6. Biblioteca Pública Epiphânio Dórea (BPED) – Aracaju/SE

SERGIPE. **Decreto nº 280, de 18 de fevereiro de 1935**. Crea o Grupo Escolar "Padre Dantas" na cidade de Maroim. Disponível em: Biblioteca Pública Epiphânio Dória.

7. Legislação

BRASIL. **Decreto n.º 19.890, de 18 de abril de 1931**. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: D19890impressao (planalto.gov.br). Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL. **Decreto n.º 4.244, de 09 de abril de 1942**. Lei orgânica do ensino secundário. Disponível em: DEL 4244 (planalto.gov.br). Acesso em: 23 set. 2023.

BRASIL. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil.** Promulgada em 18 de setembro de 1946. Disponível em https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/ Constituicao46.htm. Acesso em 23 mar. 2025.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. **Portaria Ministerial nº 501, de 19 de maio de 1952**. Expede instruções relativas ao Ensino Secundário. Rio de Janeiro: Diário Oficial dos Estados Unidos do Brasil. Ano XCI, nº 133, Seção 1, 1952.

8. Outras fontes

BRASIL. Recenseamento Geral do Brasil. 1º de setembro de 1940. Acesso em 01 de maio de 2024: cd_1940_p11_se.pdf (ibge.gov.br).

GUILHERME SCHÜCH. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guilherme_Schüch. Acesso em: 16 fev. 2025.

LUÍS GARCIA. In: In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2025. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Luís_Garcia. Acesso em: 20 fev. 2025.

Jornal *O Commercio*. Maroim-Sergipe. 1º de maio de 1917.

REFERÊNCIAS

ABREU, Vanessa Kern; INÁCIO FILHO, Geraldo. A Educação Moral e Cívica – doutrina, disciplina e prática educativa. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.24, p. 125-134, dez. 2006 – ISSN: 1676-2584. pp. 125-134.

ACCIOLY, Marília Marques Cruz Silva; OLIVEIRA, João Paulo Gama. "A PÁTRIA": UM JORNAL ESCOLAR DA EDUCAÇÃO PRIMÁRIA EM MARUIM/SERGIPE (1938-1939). In: **Anais do XII Congresso Brasileiro de História da Educação**. Anais. Natal (RN) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2024a. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/cbhe2024/841362-A-PATRIA--UM-JORNAL-ESCOLAR-DA-EDUCACAO-PRIMARIA-EM-MARUIMSERGIPE-(1938-1939). Acesso em: 29/05/2025.

ACCIOLY, Marília Marques Cruz Silva. "EM SERVIÇO DE INSPEÇÃO NESTA CIDADE DE MARUIM/SE, VISITEI O GRUPO ESCOLAR PADRE DANTAS": OS TERMOS DE INSPEÇÃO E A CULTURA MATERIAL ESCOLAR (1936-1952). In: **Anais do XII Congresso Brasileiro de História da Educação**. Anais. Natal (RN) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2024. Disponível em: https//www.even3.com.br/anais/cbhe2024/841363-EM-SERVICO-DE-INSPECAO-NESTA-CIDADE-DE-MARUIMSE-VISITEI-O-GRUPO-ESCOLAR-PADRE-DANTAS--OS-TERMOS-DE-INSPECAO-E. Acesso em: 19/02/2025.

ACCIOLY, Marília Marques Cruz Silva; OLIVEIRA, João Paulo Gama. Material fornecido aos alunos: balancetes da Caixa Escolar Anita Cardoso – Maruim/SE (1940 e 1950). In: OLIVEIRA, João Paulo Gama et al. (org.). **Histórias da Educação em perspectiva:** impressos, instituições, disciplinas e patrimônio educativo. 1.ed. Aracaju: Criação Editora, 2024b, pp. 333-350.

ALMEIDA, Anne Emilie Souza de. **A difusão do ideário escolanovista em grupos escolares sergipanos (1934-1961)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2009.

ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA, João Paulo Gama; COSTA, Rosemeire Marcedo (organizadores). **Álbum Atheneu Sergipense**. Aracaju: Códice, 2022.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **O Atheneu Sergipense:** uma casa de educação literária examinada segundo os planos de estudos (1870-1908). Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ALVES, Eva Maria Siqueira. **Entre papéis e lembranças:** o Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense e as contribuições para a história da educação. Aracaju: EDISE, 2015. v. 650. 170p.

ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA, João Paulo Gama; COSTA, Rosemeire Marcedo. A expansão do ensino secundário em Sergipe (1942-1961). *In*: PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares (Org.). **Expansão do ensino secundário brasileiro em Sergipe (1942-1961).** Campo Grande: Oeste, 2021, v. 1, p. 143-160.

ALVES, Eva Maria Siqueira; OLIVEIRA, João Paulo Gama; COSTA, Rosemeire Marcedo. A Reforma Gustavo Capanema: entre a legislação educacional e as práticas educativas (1942-1961). In: **Revista da FAEEBA**: Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 29, n. 59, p. 180-194, jul./set. 2020.

ARDOSIAS. In: CAMPAGNE, E. **Diccionario universal de educação e ensino**. Tradução de: BRANCO, Camillo Castello. Vol.1. Porto: Casa, 1886.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. Arquitetura e grupos escolares em Sergipe: uma relação entre espaço e educação na escola primária. **Revista Outros Tempos:** Dossiê História e Educação. Volume 7, número 10, dezembro de 2010, p, 119-142.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. Celebração do civismo e promoção da educação: o cotidiano ritualizado dos grupos escolares de Sergipe no início do século XX. In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 31, nº 62, p. 93-115. 2011.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. **O ideário modernizador do governo Graccho Cardoso (1922-26) e a reforma da instrução pública de 1924 em Sergipe**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2009.

BARRA, Valdeniza Maria da. **Da pedra ao pó:** o itinerário da lousa na escola paulista do século XIX. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2001.

BELARMINO, Manoel. **Silva Lima e o Informativo Cinzano**. 01 de junho de 2024. Disponível em:https://sintoniaradiofonica.blogspot.com/2024/06/silva-lima-e-o-informativo-cinzano.html. Acesso em 10 de março de 2025.

BENITO, Augustín Escolano. **A escola como cultura**: experiências, memórias e arqueologia. Tradução e revisão técnica Heloísa Helena Pimenta Rocha e Vera Lúcia Gaspar da Silva. Campinas: Alínea, 2017.

BITTENCOURT, Liberato. **Homens do Brasil – Sergipe**. Rio de Janeiro, 1912.

BASTOS, Maria Helena Câmara; ERMEL, Tatiane de Freitas. Ritos de passagem, classificação e mérito: os exames de admissão ao Ginásio (1930 a 1961). In: DALLABRIDA, Norberto; SOUZA, Rosa Fátima de (orgs). **Entre o ginásio de elite e o colégio popular**: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961). Uberlândia: EDUFU, 2014, pp. 115-159.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velho. 20.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção:** crítica social do julgamento. 2.ed.rev. Porto Alegre: Zouk, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos da educação.** 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2023.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. A volta do debate: 1946-1964. In: **A educação negada:** introdução ao estudo da educação brasileira. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997, pp. 113-137.

CASTRO, Celso. **Pesquisando em arquivos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CLARINO, Juliana Maués Silva; DALLABRIDA, Norberto. Incluídos pela escola pública: trajetória social de egressos trânsfugas do Colégio Estadual Dias Velho (segunda metade da década de 1960. In: **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, nº 54, p. 230-241, dez2013.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **A instrução pré-militar como disciplina escolar:** marcas do Exército no Atheneu Sergipense (1909-1946). Tese de doutorado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2015.

COSTA, Rosemeire Marcedo. **Fé, Civilidade e Ilustração**: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973). Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2003.

COUTINHO, Priscila de Oliveira. Reflexões conceituais e metodológicas sobre o "barroco" das biografias. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, e75644, 2021.

DALLABRIDA, Norberto. A Reforma Francisco Campos e a modernização nacionalizada do ensino secundário. **Educação**. Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 185-191, maio/ago. 2009.

DALLABRIDA, Norberto; SOUZA, Rosa Fátima de (orgs.). **Entre o ginásio de elite e o colégio popular**: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961). Uberlândia: EDUFU, 2014.

DALLABRIDA, Norberto et al. Herdeiros/as e trânsfugas: carreiras profissionais de ex-alunos/as de colégios de ensino secundário em Florianópolis da década de 1950. In: DALLABRIDA, Norberto; SOUZA, Rosa Fátima de (orgs.). **Entre o ginásio de elite e o colégio popular**: estudos sobre o ensino secundário no Brasil (1931-1961). Uberlândia: EDUFU, 2014, p. 61-87.

DANTAS, Ibarê. **O Tenentismo em Sergipe:** da Revolta de 1924 à Revolução de 1930. 3.ed. Aracaju: Editora SEDUC, 2022. 250 p.

DALLABRIDA, Norberto; VIEIRA, Letícia. O subcampo do ensino secundário em Santa Catarina (1942-1961). In: **Rev. FAEEBA – Ed. e Contemp.**, Salvador, v. 29, n. 59, p. 30-42, jul./set. 2020.

DUSSEL, Inês. (2019). Historicising girls' material cultures in schools: revisiting photographs of girls in uniforms. Women's History Review, 1–15. doi:10.1080/09612025.2019.1611124

FELGUEIRAS, Margarida Louro. Materialidade da cultura escolar: a importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. *In*: **Pro-Posições**. v. 16, n. I (46) - jan./abr. 2005, p. 87-102,

FONTES, Juliana Santos. **Classes de aperfeiçoamento:** ensaio da escola ativa no ensino primário em Sergipe (1932-1933). Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2018.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Vestidas de azul e branco:** um estudo sobre as representações de ex-normalistas acerca da formação profissional e do ingresso no magistério (1920-1950). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão/SE, 1995.

GATTI, Giseli Cristina do Vale. **A escola e a vida na cidade:** o Gymnásio Mineiro de Uberlândia (1929-1950). Uberlândia: EDUFU, 2013.

GRAÇA, Tereza Cristina Cerqueira da. **Pés de anjo e letreiros de neon**: ginasianos na Aracaju dos anos dourados. São Cristóvão: Editora UFS, 2002.

GUARANÁ, Manoel Armindo Cordeiro. **Dicionário biobliográfico sergipano.** Rio de Janeiro: Officinas de Empresa Gráfica Paulo Pongetti e Cia, 1925, pp. 24 e 25.

LOPES, José; PEREZ, José. Meu Sertão. In: Tonico e Tinoco. **Lá no meu sertão**. Rio de Janeiro: Caboclo Continental, 1968.

LUZ, Alana Souza; ANJOS, Juarez Tuchinski dos. A caixa escolar na historiografia brasileira recente (2011-2021). **Revista Contemporânea de Educação**, v. 17, n. 39, mai/ago. 2022. http://dx.doi.org/10.20500/rce.v17i39.49558

MEIHY, José Carlos Sebe B.; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas**: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Educadores de Sergipe à luz da República (1911-1971)**: (re) construindo trajetórias. Aracaju: EDUNIT, 2017. 698p.

MENDONÇA, Jouberto Uchôa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Universidade Tiradentes do Ginasial ao Superior:** 50 anos na educação sergipana. Aracaju: UNIT, 2012. 516p.

MÉTODO DE ENSINO INTUITIVO. HISTEDBR. Coleção "Navegando pela história da educação brasileira, 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando . Acesso em: 03 de agosto de 2025.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **A intervenção da Sudene na Política Educacional do Estado de Sergipe (1959-1963)**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 1991.

NÓVOA, António. Carta a um jovem historiador da educação. **Historia y Memoria de la Educación**, 1 (2015): 23-58.

NUNES, Clarice. O "velho" e "bom" ensino secundário: momentos decisivos. In: **Revista Brasileira de Educação.** Campinas/SP. Autores Associados; Rio de Janeiro: ANPED. No. 14 (Especial – 500 Anos de Educação Escolar). 2000. p. 35-60.

NUNES, Maria Thetis. **Ensino secundário e sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: MEC, 1962.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. **Caminhos cruzados**: itinerários de pioneiros professores do ensino superior em Sergipe (1915-1954). Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2015.

OLIVEIRA, João Paulo Gama. Desafios políticos para a instalação e manutenção do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (2005-2019). In: André Luiz Paulilo; Joaquim

Tavares da Conceição; Lorena de Oliveira Souza Campello. (Org.). **A Pesquisa em acervos da escola e da educação**. 1ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2023, p. 183-206.

OLIVEIRA, João Paulo Gama; OLIVEIRA, Roselusia Teresa de Morais; COSTA, Rosemeire Marcedo. **Educação primária:** instituições e práticas educativas em Sergipe no início do século XX. São Cristóvão: Editora UFS, 2024.

OLIVEIRA, João Paulo Gama de. **O Grupo Escolar Guilhermino Bezerra**: entre a criação e a consolidação como escola primária em Itabaiana/SE. 2022. Disponível: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/16203. Acesso em: 10/02/2024.

OLIVEIRA, João Paulo Gama de. **O Grupo Escolar Rural Guilherme Campos de Campo do Brito**. 2022. Disponível: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/16204. Acesso em: 10/02/2024.

OLIVEIRA, João Paulo Gama de. **O Grupo Escolar Rural José Joaquim Cardoso de Malhador/SE**. 2022. Disponível: https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/16186. Acesso em: 10/02/2024.

OLIVEIRA, João Paulo Gama; ALVES, Eva Maria Siqueira; COSTA, R. M.; FONSECA, S. S. Fontes e acervos na escrita da história de uma instituição educacional: o lugar do Centro de Educação e Memória do Atheneu Sergipense (CEMAS). **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, v. 2, p. 178-203, 2020.

OLIVEIRA, João Paulo Gama; ACCIOLY, Marília Marques Cruz Silva; SANTOS, Luana de Jesus. Para além da "arte da composição das frases": jornais escolares em Sergipe (1938-1942). **Revista OLHARES**, v. 12, n. 1 – Guarulhos, 2024.

PESSANHA, Eurize Caldas; SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. Tempos, espaços e organização do trabalho escolar em três expressões de governos autoritários brasileiros: 1931, 1961 e 1971 – estudo histórico-jurídico comparado do Ensino Secundário. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 51, p. 67-83, jan./mar. 2014.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba.** Campinas, SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade São Francisco, 2002.

PROST, Antoine. Os fatos e a crítica histórica. In: PROST, Antoine. **Doze lições sobre a História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 53-73.

ROCHA, Wilma Fernandes. **Saberes elementares aritméticos no ensino primário em Sergipe (1890-1944).** Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2016.

RODRIGUES, Simone Paixão. **Com a palavra, os alunos:** associativismo discente no Grêmio Literário Clodomir Silva (1934-1956). Tese de Doutorado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2015.

SANTOS, Patrícia Batista dos. **"Amai a Pátria"**: o ensino da disciplina escolar Educação Moral e Cívica no Atheneu Sergipense (década de 70 do século XX). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2012.

SANTOS, Betisabel Vilar de Jesus. **Luzes e blecautes em cidades adormecidas:** a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos no cenário educacional sergipano. São Cristóvão: Editora da UFS; Aracaju: Fundação Oviedo Teixeira, 2003.
SANTOS, Laísa Dias. **Por uma história vista de baixo**: as escolas primárias dos territórios centro e sul do Estado de Sergipe (1930-1960). Dissertação de Mestrado. Universidade Tiradentes, Aracaju, 2016.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da modernidade:** a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926). Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2009.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. **Ecos da modernidade:** a arquitetura dos grupos escolares sergipanos (1911-1926). São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

SANTOS, Magno Francisco de Jesus. Palácios da República: os grupos escolares de Sergipe (1911-1926). **Revista do IHGSE**, Aracaju, n. 41, pp. 25 - 49, 2011

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4.ed. Campinas: Autores Associados, 2013

SILVA, Geraldo Bastos**. A Educação Secundária**: perspectiva histórica e teoria. São Paulo: Companhia Editora Nacional (Atualidades Pedagógicas, v.94). 1969

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Alcides Alves da Silva Pereira (1903-1965)**. Encarte comemorativo. Maruim: Câmara Municipal de Vereadores, 1997.

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Inventário Cultural de Maruim**. Aracaju: Secretaria Especial da Cultura, 1994.

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Inventário Cultural de Maruim**. 2.ed. Maruim: Colorgraf Serviços Gráficos, 2020.

SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz e. **Luzes de uma caminhada**. Aracaju: Infografics, 2023.

SOUZA, José Edimar de. **As Escolas Isoladas**: práticas e culturas escolares no meio rural de Lomba Grande – RS (1940-1952). 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Educação) – Unisinos, São Leopoldo, RS, 2015.

SOUZA, José Edimar de. Processos de institucionalização do Grupo Escolar D. Pedro II de Novo Hamburgo/RS (1930-1942). **Ideação**: Revista do Centro de Educação, Letras e Saúde. V. 25, nº 1, 2023. E-ISSN: 1982-3010.

SOUZA, Rosa Fátima de. A investigação histórica sobre o ensino secundário no Brasil. In: CASTRO, César Augusto (organizador). **Ensino secundário no Brasil:** perspectivas históricas. São Luís: EDUFMA, 2019. 580p. pp. 27-58.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria:** história da escola primária do estado de São Paulo (1890-1976). Campinas, SP: Mercado das letras, 2009.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX:** ensino primário e secundário no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, Rosa Fátima de. Os grupos escolares e a história do ensino primário na Primeira República: questões para um debate. **Revista de Educação Pública**. V.17 n. 34 (maio-ago. 2008). Cuiabá: EdUFMT, 2008. 134 p. pp. 273-284.

SOUZA, Rosa Fátima de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a historiografia da educação brasileira: reflexões para debate. **REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**, v. 19, p. 121-145, 2019.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1998.

SOUZA, Valéria Carmelita Santana. **A Cruzada católica:** uma busca pela formação de esposas e mães cristãs em Sergipe na primeira metade do século XX. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Sergipe: São Cristóvão, 2005.

TOCANDO em frente. Intérprete: Maria Bethânia. Compositores: Almir Sater e Renato Teixeira. In: 25 anos. Intérprete: Maria Bethânia. [S. *l*.] Philips, 1990.

VALDEMARIN, Vera Teresa. **História dos métodos e materiais de ensino:** a escola nova e seus modos de uso. São Paulo: Cortez, 2010.

VALENÇA, Cristina. **Civilizar, regenerar e higienizar**: a difusão dos ideais da Pedagogia moderna por Helvécio de Andrade (1911-1935). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Sergipe, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. **A fotografia como fonte para a história da educação:** questões teórico-metodológicas e de pesquisa. Educação, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 177-194, 2005. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/reveducacao/article/view/3745/2149.

VIDAL, Diana Gonçalves; SILVA, Vera Gaspar da. Por uma história sensorial da escola e da escolarização. In: CASTRO, César Augusto de (org.). **Cultura material escolar**: a escola e seus artefatos (MA, SP, PR, SC e RS, 1870-1925). São Luís: Café & Lápis, 2001, v.1, p. 19-42.

VIEIRA, Letícia; DALLABRIDA, Norberto. Trânsfugas de classe social e de gênero: trajetórias sociais de egressas de um colégio público de Florianópolis (segunda metade do século XX). **Atos de Pesquisa em Educação - PPGE/ME**. ISSN 1809-0354 v. 8, n. 2, p. 756-777, mai./ago. 2013.

APÊNDICE 1 - ROTEIRO DA ENTREVISTA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Roteiro de entrevista: Alunas egressas do Grupo Escolar Padre Dantas, do Ginásio Maroinense e do Atheneu Sergipense

IDENTIFICAÇÃO

Nome completo

Endereço

Telefone

E-mail

Local e data de nascimento

Grau de escolaridade

Profissão

Filiação

Profissão do pai

Profissão da mãe

Grau de escolaridade do pai e da mãe

ROTEIRO DE ENTREVISTA

GRUPO ESCOLAR PADRE DANTAS - primário

* Período em que estudou no Grupo Escolar Padre Dantas (GEPD)

* Cite alguns (mas) professores (as), diretor (a) ou funcionários

* Cite alguns (mas) colegas da escola.

* Algum acontecimento que marcou esse período.

* Descreva seu uniforme escolar do GEPD

* Na sua época, havia merenda escolar? Se sim, o que era servido?

* O que fazia no horário do recreio?

* Você lembra da estrutura física da escola? Salas, hall de entrada, corredores, banheiros....

* Havia professores específicos para as disciplinas Educação Física? Canto? Desenho?

* Os colegas de classe pertenciam a classes sociais diferentes?

* Relembra algum livro estudado no GEPD?

* Quais os eventos mais marcantes que você participou no GEPD? Você participou da festa de formatura do curso primário? Em caso positivo, descreva.

* Como era a avaliação? Fale um pouco sobre as provas.

* Quais os castigos comumente aplicados para obtenção da ordem ou dos bons rendimentos escolares?

* Era oferecida alguma premiação para os melhores alunos?

* Eram realizados passeios escolares? Caso sim, para onde? Fale um pouco sobre.

* Fale um pouco sobre os materiais utilizados na escola: carteiras, caderno, bolsa, o quadro, materiais utilizados pelos professores nas aulas, livros didáticos.

* Defina, em algumas palavras, o que o Grupo Escolar Padre Dantas representou para sua vida.

GINÁSIO MAROINENSE

* Período em que estudou no Ginásio Maroinense?

* Quando realizou o exame de admissão?

* Fale um pouco sobre o exame de admissão

* Foi aprovada na primeira tentativa?

* Chegou a fazer exame de admissão em outra escola? Se sim, onde?

* Cite alguns (mas) professores (as), diretor (a) ou funcionários

* Algum acontecimento que marcou esse período

* Descreva seu uniforme escolar

* O que fazia no horário do recreio?

* Como era o espaço para o recreio e para os exercícios físicos?

* Havia professor específico para a disciplina Educação Física?

* Cite algum livro estudado no período em que cursou o ginásio

* Quais os eventos mais marcantes que você participou nesse período?

* Como era a avaliação? Escrita? Oral? Prática? Descreva.

* Quais os castigos comumente aplicados para obtenção da ordem ou dos bons rendimentos escolares?

* Era oferecida alguma premiação aos primeiros colocados no final do ano?

* Qual (is) a (s) festa (s) mais marcante (s)?

* Eram realizados passeios escolares? Caso sim, para onde? Fale um pouco sobre.

* Fale um pouco sobre os materiais utilizados na escola: carteiras, caderno, bolsa, o quadro, laboratórios, materiais utilizados pelos professores nas aulas, livros didáticos.

ATHENEU SERGIPENSE – científico

* Período em que estudou o científico no Atheneu Sergipense.

* Como teve conhecimento sobre o Atheneu Sergipense?

* Por que optou em estudar no Atheneu Sergipense?

* Caso tenha morado no interior do Estado, qual o meio de transporte utilizado para ir a Aracaju? Precisou de ajuda financeira para pagamento da passagem?

* Onde residiu no período em que estava cursando o científico, no Atheneu Sergipense? Colocar endereço completo

* Caso morasse no interior, teve apoio dos pais ou familiares para ir cursar o Atheneu, em Aracaju?

* Quais locais costumava frequentar, em Aracaju?

* O que gostava de ler? Costumava comprar livros? Se sim, cite alguns

* Lembra do título e do autor de algum livro?

* Algum acontecimento que marcou esse período enquanto discente do Atheneu.

* Descreva seu uniforme escolar

* Na sua época, havia merenda escolar? Se sim, o que era servido?

* Cite algum livro estudado no período em que cursou o científico.

* Quais os eventos mais marcantes que você participou nesse período?

* Como era a avaliação? Escrita? Oral? Prática? Descreva.

* Quais os castigos comumente aplicados para obtenção da ordem ou dos bons rendimentos escolares?

* Era oferecida alguma premiação aos primeiros colocados no final do ano?

* Qual (is) a (s) festa (s) mais marcante (s)?

* Eram realizados passeios escolares? Qual o tipo de transporte utilizado para os passeios?

* Fale um pouco sobre os materiais utilizados na escola: carteiras, caderno, bolsa, o quadro, laboratórios, materiais utilizados pelos professores nas aulas, livros didáticos.

* Faça um resumo das suas memórias do tempo escolar, sobre o que mais marcou sua vida nesse percurso do primário para o secundário.

APÊNDICE 2 – PERFIL SÓCIOECONÔMICO DAS DISCENTES

Maria Inácia dos Santos

Maria Inácia dos Santos cursou o primário no GEPD no período de 1956-1960. Fez exame de admissão para o curso ginasial no ano de 1960, sendo admitida para estudar no Ginásio Maroinense, onde frequentou durante os anos de 1961 e 1962. Transferida para o Atheneu Sergipense, continuou os estudos do ginasial de 1963 a 1965. Fez o curso científico nessa mesma instituição no período de 1966 a 1969.

Como sua mãe faleceu em janeiro de 1963, em março desse mesmo ano, ela, o pai e seus irmãos foram morar em Aracaju, pois sua irmã, que tinha concluído o ginásio em 1962, precisava continuar os estudos. A mudança para a capital se deu em cima de uma caçamba. Ela continuou o curso ginasial no Atheneu Sergipense, matriculando-se, nessa instituição, em março de 1963, na 7ª série, vindo a reprovar porque fiquei muito doente. Ela teve que ficar internada, pois adquiriu esquistossomose, provavelmente, nos banhos que tomava no Rio Ganhamoroba, em Maruim.

Foi assistida pela Dra Zulmira Rezende. Como ela não tinha mãe, teve que ficar 15 dias internada. Toda tarde tinha febre. Mas, depois de muito tempo, conseguiu ficar curada. Tomou Benzetacil e vitaminas, por muito tempo, para poder ganhar peso.

Licenciou-se em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe-UFS. Atualmente mora em Aracaju/SE e é professora aposentada pela Secretaria de Estado da Educação de Sergipe (SEED). Ela e uma irmã concluíram o ensino superior.

Maria Lúcia Marques Cruz

Maria Lúcia Marques Cruz cursou o primário no GEPD no período de 1959-1963. Fez exame de admissão para o curso ginasial no ano de 1963, sendo admitida para estudar no Ginásio Maroinense, onde frequentou durante os anos de 1964 a 1967. Fez o curso científico no Atheneu Sergipense no período de 1968 a 1970.

Fez a matrícula para cursar o Atheneu, em 1968. Em janeiro desse mesmo ano, estava, com sua mãe, na praça, em Maruim, entrando na Igreja Matriz, quando uma senhora que morava nas proximidades, chamou sua mãe, às pressas para questionar, se era verdade, que ela ía deixar a filha ir estudar em Aracaju, no Atheneu Sergipense, pois, lá só seria viável para quem quisesse seguir carreira, duvidando da capacidade dela. No entanto, Lúcia seguiu para a capital, para cursar o tão almejado curso científico, e passou a residir na casa do seu tio Luís Góis, irmão da sua mãe, onde morou até a data do seu casamento, em 1979.

Ela e alguns dos seus colegas de classe que moravam próximos, iam e voltavam pé, todos os dias, do bairro Santo Antônio até o Atheneu Sergipense, e vice-versa, pois não tinham dinheiro para a passagem de ônibus. Quando aparecia algum trocado, trocavam a ida confortável nesse meio de transporte, por um picolé na sorveteria Cinelândia, que ficava localizada na rua Itabaianinha. Graduou-se em Biologia pela Universidade Federal de Sergipe e é mestre em Educação pela mesma instituição. Foi a primeira vereadora mulher de Maruim (1994-1997). Ela foi a única dos seis filhos que conseguiu um diploma de um curso superior.

Maria Raimunda dos Santos

Maria Raimunda dos Santos cursou o primário no GEPD no período de 1960 a 1964. Fez exame de admissão para o curso ginasial no ano de 1959, sendo admitida para estudar no Ginásio Maroinense, onde frequentou durante os anos de 1965 a 1968. Fez o curso científico no Atheneu Sergipense no período de 1969 a 1971.

O irmão Nelson concluiu o ginásio, mas não prosseguiu com os estudos. Atualmente é alfaiate. Já o irmão Genaro, como não quis cursar o ginasial, foi trabalhar em algum “ofício”, pela manhã, e ajudar o pai na pescaria, à tarde. Os outros irmãos, não chegaram a concluir o primário, mas são alfabetizados. Apenas ela e uma irmã conseguiram cursar a faculdade. Possui graduação em Matemática pela Universidade Federal de Sergipe. Atualmente, encontra-se aposentada como professora pela Secretaria de Estado da Educação de Sergipe, mas, ainda, ministra aulas de reforço de matemática para os pequenos que moram próximos à sua residência atuando, também, com um trabalho voluntariado com aqueles que não têm condições de arcar com os custos das aulas, como uma forma de gratidão por tudo que fizeram por ela.

Neilde Lemos

Neilde Lemos cursou o primário no GEPD no período de 1959 a 1962. Fez exame de admissão para o curso ginasial no ano de 1962, sendo admitida para estudar, inicialmente, no Atheneu Sergipense, em 1963. No ano seguinte, foi transferida para o Ginásio Maroinense, onde concluiu o curso no ano de 1966. Fez o curso científico no Atheneu Sergipense entre 1969, 1971 e1972.

A mãe, com muito sacrifício, criou 9 filhos. Viúva do primeiro marido, o pai de Luciano José Santos, deixou a casa e uma pensão para ela. Quando ela se casou com o pai de Neildes, houve, apenas, a cerimônia religiosa, para não perder a pensão. Quando o segundo marido faleceu, ficou mais uma pensão. Eram dois salários-mínimos para criar esses nove filhos.

Cursou o primeiro ano ginasial (1963) no Atheneu Sergipense, pois a família precisou se deslocar para Aracaju, para que o irmão mais velho, Luciano, pudesse continuar os estudos. No ano seguinte, mudaram-se novamente para Maruim, onde ela finalizou o curso no GM. Graduou-se em Pedagogia pela Faculdade Pio Décimo, com especialização em Orientação Educacional. Atualmente é aposentada da rede pública estadual.

Neilde afirma que foi para Atheneu por decisão dela. Não houve o incentivo da família para isso. Conta, também, que colocou prótese dentária com 16 anos de idade, numa fala de revolta, por não entender o porquê dos pais permitiram tamanha atrocidade. Com certeza, tinham outras preocupações. Numa família com muitos filhos, o objetivo maior era levar comida para casa. O resto, a vida se encarrega (grifo meu).